



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**Instituto de Ciências Humanas - IH**  
**Departamento de Geografia - GEA**  
**Programa de Pós-Graduação em Geografia - POSGEA**

**OS SONS DO FUTEBOL GAÚCHO:**  
**um estudo da paisagem sonora dos estádios e do papel do rádio no imaginário de uma**  
**identidade regional**

**Autor:** Fernanda Serafim Alves  
**Orientador:** Prof. Dr. Dante F. C. Reis Júnior

**Brasília, 2022**

FERNANDA SERAFIM ALVES

**OS SONS DO FUTEBOL GAÚCHO:  
um estudo da paisagem sonora dos estádios e do papel do rádio no imaginário de uma  
identidade regional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - POSGEA da Universidade de Brasília - UnB, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Área de Concentração:** Produção do espaço urbano, rural e regional.

Orientador: Professor Doutor: Dante Flávio da Costa Reis Jr.

**Brasília, 2022**



**Universidade de Brasília - UnB**  
**Instituto de Ciências Humanas - IH**  
**Departamento de Geografia - GEA**  
**Programa de Pós-Graduação em Geografia - POSGEA**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**OS SONS DO FUTEBOL GAÚCHO:  
UM ESTUDO DA PAISAGEM SONORA DOS ESTÁDIOS E DO PAPEL DO RÁDIO  
NO IMAGINÁRIO DE UMA IDENTIDADE REGIONAL**

**Fernanda Serafim Alves**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (POSGEA/UnB), como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Geografia, área de concentração: Produção do espaço urbano, rural e regional.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior  
Universidade de Brasília (UnB)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marizandra Rutilli  
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Prof. Dr. Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo  
Universidade Católica de Brasília (UCB)

## **DEDICATÓRIA**

*Ao Gilmar Mascarenhas (in memoriam),  
por toda vida dedicada ao estudo da  
Geografia do Futebol.*

## AGRADECIMENTOS

Assim como em um jogo de futebol, não se vence sozinho. Felizmente durante toda a jornada, tive muito mais que dez companheiros de campo e de vida para chamar de time, além de uma torcida que vibrava por mim a cada lance de uma partida que durou muito mais que 90 minutos.

À Ana Luiza, Lara e Ramón. São amigos como vocês que me fazem entender a generosidade da Geografia.

À Nina Puglia, pela amizade que nasceu entre as leituras dos textos de Murray Schafer e Yi-Fu-Tuan. Nina sempre enxergou a vitória em uma partida que por vezes julguei perdida.

Ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME) e aos camaradas do Ludopédio, pela ajuda e apoio dados durante toda a escrita.

Ao Gustavo Tolentino, Yuri Luciano e Pedro Thomé, pela amizade da graduação que permaneceu no mestrado. Vi em vocês verdadeiros companheiros de time.

À Suzane, Tatiana, Rebecca Gianni, Davi Valin e Mariana Zischegg pelos encontros, conversas e ouvidos atentos. A amizade de vocês foi e é essencial para mim.

À Maitê Mostaro e toda família Mostaro (Filipe, Milene e Simba), por me fazerem acreditar que existe esperança e um futuro melhor virá, sem medo de ser feliz.

À Sarita e ao Jessé, por me fazerem enxergar de tão perto a beleza das letras e o amor de Deus por mim.

À Amanda Marques pela amizade, escuta e admiração mútua. Agradeço também pela companhia tão musical. A banda Fresno marcou minha vida e você e o Thiago Schiavoni deixaram tudo mais bonito e especial.

Ao Caio Cursini, Maria Laura e George, São Paulo é sensacional por vários motivos, um deles é a presença de vocês que deixam tudo mais bonito, colorido e leve.

À Lícia Manzo, por saber contar boas histórias.

À Amanda Bahi e Melina, pelos invernos, primaveras e verões em Porto Alegre, regados a xícaras de chá, tardes de passeio no parquinho da Redenção e noites de pizza e histórias.

À Daniela Hinerasky, Cecilia e Heitor pelo acolhimento de sempre em terras gaúchas. Vocês fazem há anos Porto Alegre ser meu lar.

Ao Filipe Duarte e à Camila Diesel, por terem feito o pampa gaúcho um lugar ainda mais musicado e querido. Vocês são demais e espero que saibam disso!

Ao Carlos Guimarães, Magno e Ciro Götz, pelas entrevistas dadas e conversas que enriqueceram minha pesquisa.

À Marizandra Rutilli, pelos passeios, sorvetes e risadas que trouxeram mais cor à capital gaúcha.

Ao professor doutor Dante Flávio da Costa Reis Júnior, pela paciência, orientação e generosidade. Não por acaso os jogadores chamam seus técnicos de professores.

Ao Clube de Regatas Vasco da Gama. O time que me fez amar o futebol.

À Porto Alegre. Foi tudo por você.

## **Resumo**

O estádio de futebol é um espaço de experiências realçadas pelo som. O presente trabalho pretende analisar a paisagem sonora dentro dos antigos e atuais estádios do Sport Club Internacional e do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense. Busca-se com a dissertação analisar como os sons gerados nos estádios são narrados no rádio (tendo como objeto de estudo a rádio Guaíba), a fim de se compreender como ocorre a difusão espacial do imaginário de um futebol tipicamente sul-rio-grandense. Para que os resultados fossem alcançados, elencou-se como objetivos: compreender como o som enfatiza a ideia de um futebol gaúcho que seria diferente do futebol do restante do Brasil; e identificar quais são as características próprias do futebol do Rio Grande do Sul e como surgiram, se justificando a escolha do tema por se entender que o rádio possui características mais regionais que outros meios de comunicação. Cabe destacar que a fidelidade dos torcedores acontece dentro e fora dos estádios, tendo o rádio um público fiel, ouvintes das transmissões esportivas, sendo os sons gerados nos estádios também escutados por meio do aparelho radiofônico. O trabalho também pretende mostrar a importância do estudo da paisagem a partir de novas perspectivas, no intuito de identificar e entender os grupos culturais e a construção de suas identidades. Guia principalmente a escrita da dissertação os trabalhos produzidos por Murray Schafer, Gilmar Mascarenhas, Paul Claval, Joel Bonnemaïson, Ciro Götz e Luiz Ferraretto.

**Palavras-chave:** Geografia Cultural; Paisagem Sonora; Futebol; Rádio; Identidade Cultural.

**Abstract**

The football stadium is a venue of experiences enhanced by sound. The following work aims to analyse the soundscape inside the old and present Sport Club International's and Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense's stadiums. This dissertation seeks to analyse how the sounds generated in the stadiums are broadcast on the radio (having Guaíba radio as study object), in such a way to understand how the spatial diffusion of the imaginary of a typical football from South of Rio Grande do Sul occurs. In order to achieve the results, the objectives of the study were: to understand how the sound emphasizes the idea of a gaúcho way on playing football that would be different from the football in other parts of Brazil; and to identify which are the unique characteristics of Rio Grande do Sul's football and how they emerged, justifying the choice of the subject because it is clear that radio has more regional characteristics than other media. It is worth mentioning that the loyalty of the fans happens inside and outside the stadiums, having the radio a loyal audience, listeners of sports broadcasts, being the sounds generated in the stadiums also heard over the radio set. The work also intends to show the importance of studying landscape from new perspectives, in order to identify and understand the cultural groups and the construction of their identities. It was guided mainly by the works produced by Murray Schafer, Gilmar Mascarenhas, Paul Claval, Joel Bonnemaïson, Ciro Götze and Luiz Ferrareto.

**Keywords:** Cultural Geography; Soundscape; Football; Radio; Cultural Identity.



## Lista de Figuras

Figura 1: Cidades participantes do Campeonato Gaúcho em 1919	53
Figura 2: Cidades participantes do Campeonato Gaúcho de 1920	54

## Lista de Quadros

Quadro 1: As tecnologias do imaginário	22
Quadro 2: Ano de fundação das primeiras rádios gaúchas	34
Quadro 3: Programação Esportiva da Rádio Guaíba	44
Quadro 4: Atuais rádios porto-alegrenses e seus respectivos narradores esportivos	45
Quadro 5: Atuais web rádios porto-alegrenses e seus respectivos narradores esportivos	45
Quadro 6: Início das primeiras regras do futebol	48
Quadro 7: Campeões e Vices da Copa América (1916 - 1926)	48
Quadro 8: Primeiros clubes fundados no Rio Grande do Sul	51
Quadro 9: Campeões Gaúchos 1920 – 1929	56
Quadro 10: Times gaúchos campeões e vices do Campeonato Brasileiro	59
Quadro 11: Times gaúchos campeões e vices da Copa do Brasil	59
Quadro 12: As últimas 100 teses e dissertações sobre paisagem sonora	64
Quadro 13: Narrações de jogos analisadas	72
Quadro 14: Especialistas entrevistados	74

## Abreviaturas/Siglas

**UERJ** - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

**UFAL** - Universidade Federal de Alagoas

**UFJF** - Universidade Federal de Juiz de Fora

**UFPR** - Universidade Federal do Paraná

**UFRGS** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Glossário

**Brasileirão** - Denominação dada ao Campeonato Brasileiro

**Gauchão** - Denominação dada ao Campeonato Gaúcho

**Grenal** - Nome dado ao clássico disputado entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional

**Colorado** - Nomeação dada ao torcedor do Internacional

**Tricolor** - Nomeação dada ao Grêmio em referência às três cores que possui o time

## Sumário

INTRODUÇÃO	11
<b>Mas afinal, o que se entende por imaginário?</b>	<b>23</b>
● Procedimentos Metodológicos	24
RÁDIO E FUTEBOL: CONTEXTO HISTÓRICO	28
● O rádio no Brasil	28
● O rádio no Rio Grande do Sul	35
● Futebol	47
● O futebol platino e seu contato inicial com o futebol gaúcho	48
● A difusão do futebol no Brasil	50
● O futebol no Rio Grande do Sul	51
● Os grandes nomes do futebol gaúcho	62
A PAISAGEM SONORA	64
O RÁDIO COMO DIFUSOR ESPACIAL DE UM FUTEBOL TIPICAMENTE GAÚCHO – A VOZ DOS ESPECIALISTAS	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
BIBLIOGRAFIA	89

## INTRODUÇÃO

O futebol se mostrou e se mostra importante na cultura brasileira há décadas, dentro e fora dos estádios, afinal já conquistava o coração dos brasileiros quando nem mesmo as construções esportivas haviam sido edificadas. Hilário Franco Júnior (2007) conta que há registros de uma partida de futebol realizada em 1878, no Rio de Janeiro, em frente à residência da princesa Isabel. O historiador também nos diz que desde a década de 1880, colégios do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul já praticavam o esporte. Sobre a popularidade do futebol, Guimarães (2018) afirma:

Entre todas as modalidades esportivas, o futebol é o mais popular do mundo. Mas de onde vem essa popularidade? A facilidade de compreensão do jogo e de suas regras, o aparato relativamente barato, o processo de integração entre elite e povo, a democratização do esporte e a sua institucionalização como elemento social a partir do Século XX são pistas relevantes para a disseminação do futebol como um esporte das massas. (GUIMARÃES, 2018, p. 34).

Em 1894, Charles Miller, descendente de escoceses e ingleses, trouxe para o Brasil duas bolas de futebol e um exemplar do livro de regras do mesmo. No ano seguinte, em 14 de abril de 1895, aconteceu a primeira partida oficial. A respeito do início do esporte “das quatro linhas” no Brasil, Franco Júnior diz que:

Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 61).

De acordo com Mascarenhas, “a popularização do futebol gerou os estádios” (MASCARENHAS, 2012, p. 61). Para o geógrafo, o estádio é uma centralidade constante, permanente na paisagem física e cultural, denso de memória e topofilia<sup>1</sup> (MASCARENHAS, 2013, p. 154). Nos dias atuais, a fidelidade dos torcedores ao time de coração, além de encher as construções esportivas de norte a sul do país em campeonatos estaduais ou nacionais, proporciona também audiência considerável em programas futebolísticos, seja da televisão, rádio e atualmente dos *podcasts*, indo além inclusive do esporte, se tornando um elemento sociocultural.

---

<sup>1</sup> Conceito criado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan e que aparece pela primeira vez no livro *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* publicado em 1974. Na obra, o geógrafo define topofilia como o elo afetivo entre a pessoa, um lugar ou ambiente físico.

O futebol também auxilia na construção de uma identidade, sendo possível e necessário seu estudo pela Geografia, como afirma Campos (2006). O mesmo autor também diz que “o futebol pode ser estudado pela ciência geográfica através de uma visão simbólica do espaço e de um entendimento do futebol como fenômeno que transcende sua qualidade de esporte” (CAMPOS, 2008, p. 249). Para Souza:

Se para alguns cidadãos, o futebol se classifica apenas por suas jogadas e passes, para outros se trata de um estilo de vida e por que não, um conceito de cultura, sua representação de identidade perante os demais, seja por meio de seus hábitos, linguagens, costumes, vestimentas, idealização ou ainda nas redes sociais como forma de comunicação, expressão e imposição. (SOUZA, 2013, p. 10, grifo nosso).

Complementando o pensamento de Souza (2013), Holgado (2013, p. 32) escreve que “o futebol representa uma manifestação cultural que ultrapassa o atributo de esporte”. Bezerra (2008) também nos confirma que o futebol:

Além de ser prática física, é um elemento cultural e se constitui em fenômeno social. Algumas definições destacam sua importância, ressaltando o fato de que o futebol é um “idioma universal” que pode ser compreendido e assimilado direta e instantaneamente pela maioria das pessoas em diferentes culturas. (BEZERRA, 2008, p. 22).

Tão popular quanto o futebol é o rádio, não tardando o encontro de ambos no País. A própria numeração das camisas dos jogadores, inaugurada na Copa de 1950, expressava uma nova informação: os veículos de comunicação agora já crescentes precisavam identificar de maneira mais rápida cada jogador. Foi ainda nessa década que ocorreu a popularização de partidas de futebol narradas pelo rádio, contudo a primeira ocorreu tempos antes: 22 de janeiro de 1927, sendo transmitido *Arsenal x Sheffield United* pelo campeonato inglês. Já no início dos anos 1930, com as locuções feitas pelo rádio, as massas passaram a se vincular de maneira mais forte a determinados times, seja dentro ou mesmo fora dos estádios, como afirma Franco Júnior (2007).

Sobre a história do rádio e do futebol, Soares (1994), Bezerra (2008) e Pereira (2012) dizem que:

O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa. O ponto de partida deste processo é a primeira narração detalhada de um jogo de futebol. (SOARES, 1994, p. 17).

Ao perceber sua força, os donos das poucas rádios existentes no Brasil resolveram investir no esporte a partir de informações enviadas por telefone pelos repórteres da emissora, em vez de apenas noticiar os resultados das partidas durante a

programação, como fizeram até 1931. O rádio dividiu espaço com os jornais e acabou dominando o jornalismo esportivo, com a vantagem da narrativa ao vivo e do detalhe. (BEZERRA, 2008, p. 38, grifo nosso).

A primeira rádio a transmitir uma partida de futebol no Brasil foi a Rádio Educadora Paulista. Porém, já em 1928, a Rádio Record de São Paulo havia criado um serviço durante sua programação para informar resultados de jogos ocorridos. A irradiação das partidas tinha amplo alcance e provocava efeitos sociais que colaboraram para tornar o esporte assunto de domínio público. O futebol, naquele momento, passou a representar uma fonte de receita para o rádio, nascendo aí uma parceria de sucesso. (PEREIRA, 2012, p. 4, grifo nosso).

Tanto o futebol quanto o rádio, estão no cotidiano de milhares de pessoas, muitas vezes em conjunto, seja ao se analisar as décadas iniciais da união entre o esporte e o veículo de comunicação, ou mesmo nos dias atuais, onde a narração de um jogo de futebol ainda se encontra presente, porém com uma diferença: o radinho de pilha foi substituído pelos celulares.

Independentemente do período de análise, algo é indiscutível: são inegáveis as memórias, por vezes afetivas, que trazem quando analisados de forma conjunta. O som do estádio e da própria partida, quando difundidos espacialmente através do rádio, aumenta a identidade dos torcedores com seu time de coração através das ondas sonoras dentro e fora das construções esportivas, pois ao contrário do que se imaginava, quando os jogos começaram a ser transmitidos através desse meio de comunicação, “o rádio não tirou público dos estádios” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 55). Além do que já foi afirmado até o momento, a escolha pelo rádio também se deu pelo que afirmou Guimarães (2018):

Mesmo na partida de futebol das crianças, onde havia um rádio imaginário, a transmissão esportiva funciona como uma extensão da imagem que o torcedor tem da partida, às suas percepções individuais, somam-se outros fatores: se ele concorda ou não com a opinião do comentarista, a possibilidade de identificar os jogadores em campo por meio da descrição do narrador, saber antes mesmo de uma substituição quem está preparado para entrar; ter conhecimento de quanto torcedores estão no jogo; ouvir entrevistas que podem elucidar dúvidas; informar-se a respeito dos jogos paralelos que podem interferir na classificação do seu time preferido, etc. O rádio serve, nesse contexto, como um suporte para ampliar seu leque de informações contidas a respeito do jogo de futebol. É também um companheiro. E, por fim, opera como uma expansão do seu próprio imaginário, especialmente quando não há imagem do jogo. (GUIMARÃES, 2018, p. 54, grifo nosso).

O estádio de futebol é um espaço carregado dos mais diversos sentimentos, alcançando dimensões que vão além do esporte. É na construção esportiva que grupos culturais apoiam seus respectivos times, gritando coletivamente hinos conhecidos pela torcida ou mesmo emitindo xingamentos individualmente. É claro que esses são apenas alguns

exemplos de sons típicos de um estádio, já que o mesmo possui outros tantos sons característicos, existindo ali uma paisagem sonora única. Mazer *et al.*, 2020, p. 25 afirmam que:

Por meio de sons, a torcida acredita levar o time que apoia rumo à vitória. Aqui, as técnicas sônicas desempenham tarefas tão díspares quanto viabilizar o uníssono ou a balbúrdia nas arquibancadas; incrementar a vontade dos jogadores para quem torce, ou minar a moral dos adversários; disputar o espaço das arquibancadas, não só contra rivais, mas também contra grupos torcedores do mesmo time, influir no ritmo e andamento do jogo, entre outras. (MAZER *et al.*, 2020, p. 25).

É interessante ainda observar que, como afirma Schier (2003), determinadas paisagens apresentam, na sua configuração, marcas culturais e recebem, assim, uma identidade típica, sendo o caso dos estádios de futebol, que dentro e fora do Brasil possuem características tão próprias que marcam a paisagem em que se encontram e reforçam a afinidade de um grupo cultural (os torcedores), seja pela visão ou pelos demais sentidos, como a audição.

A presente dissertação, dando foco à paisagem sonora dos estádios de futebol, trata o esporte como fenômeno cultural, entendendo que a paisagem sonora é produto e produtora de cultura (FURLANETTO, 2017). São os sons dentro dos estádios (por vezes veiculado via rádio) que, ao longo do tempo, trazem memórias afetivas ao torcedor em relação ao lugar em que se desloca com tantos outros torcedores (como em uma procissão), para ver seu time jogar, como afirma Mascarenhas:

Acompanhar um evento esportivo dentro de um estádio lotado e vibrante em seus cânticos de incentivo ou desafio pode ser uma vivência única. Os estádios são assim portadores de memória e importantes conotações simbólicas. (MASCARENHAS, 2007, p. 62, grifo nosso).

A pesquisa aqui proposta justifica-se além do que aqui exposto, pela renovação da Geografia Cultural, que, segundo Campos (2006), permite a incorporação de novas temáticas e abordagens tais como o futebol e a comunicação:

É fundamental que a geografia dê mais atenção para o futebol, pois, este é um importante elemento da sociedade brasileira, tanto sob sua dimensão esportiva quanto cultural, social, identitária e até mesmo espacial. O futebol faz parte do cotidiano dos brasileiros, que manifestam através dele sua cultura e sua visão do espaço. Ele constrói territorialidades próprias, apropriando-se de elementos simbólicos. (CAMPOS, 2006, p. 4, grifo nosso).

Tal renovação indica uma fecundidade da ciência geográfica em tratar de novos conteúdos, incorporando novos temas e abordagens, como o futebol e o som, sendo estudados

a partir de um importante e antigo conceito da geografia: a paisagem. A escolha do futebol e da paisagem sonora se deu pelo reconhecimento da originalidade em conjugar ambos os fenômenos a partir da Geografia Cultural.

Sabe-se, contudo, que o Brasil, com uma dimensão continental, possui características heterogêneas no esporte ao longo de toda a sua extensão, sendo necessário fazer um recorte. Será então trabalhado aqui o futebol gaúcho, já que o mesmo possui características muito específicas, resultado de sua aproximação geográfica com a Argentina e o Uruguai, como será explicado na seção que se dedica a parte histórica do futebol e do rádio, desta dissertação.

A escolha de se analisar o futebol e a paisagem sonora dos estádios gaúchos, ainda se dá, pelos estudos a respeito do tema, ainda serem muito escassos e pouco estudados pela Geografia e pela Comunicação. Sobre a paisagem sonora, é importante ressaltar que essa difusão espacial do som e as narrações dos jogos, demonstram um regionalismo presente no Rio Grande do Sul, reforçando um imaginário de um futebol único no estado sul-rio-grandense.

Para Gustavo Fonseca (2022), jornalista esportivo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em entrevista dada à pesquisadora, quando questionado sobre as diferenças do futebol gaúcho para o futebol do restante do país, pontuou que o futebol do Sul segue uma tendência de resistência de um estilo de vida sulista e gaúcho. Que vai desde o que cobra a própria imprensa, em relação à postura dos atletas em campo, até mesmo do próprio comportamento das torcidas na arquibancada. O jornalista reforça que em várias partes do mundo o futebol expressa a tradição social e política das localidades, sendo no sul do Brasil este fator bastante característico na região.

Para a pesquisa, formulou-se como definição do problema o seguinte questionamento: *Como o rádio influencia a percepção do futebol “gaúcho”, cooperando à manutenção do imaginário de um futebol próprio do estado e, conseqüentemente, contribuindo com a visão de uma identidade regional?*

Para que a pergunta da dissertação fosse respondida, definiu-se como objetivo geral: *Analisar o papel do som no imaginário de um futebol particularmente gaúcho.* Tendo os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as características da paisagem sonora das construções esportivas gaúchas e sua influência na conexão de um grupo cultural (torcedores) a um geossímbolo (estádio).

- Verificar se existem ou já existiram características próprias no futebol do Rio Grande do Sul que geram a ideia de um território cultural gaúcho que o difere do restante do Brasil.
- Compreender a influência do som na criação do imaginário de um singular futebol sul-rio-grandense, a partir do estudo das transmissões da rádio Guaíba.

A justificativa de se escolher e estudar a paisagem sonora através do futebol se dá por se entender que a fidelidade dos torcedores ao time de coração, além de encher edificações esportivas, proporciona uma audiência fiel e considerável às transmissões futebolísticas, seja através da internet, televisão ou rádio. É interessante com essa afirmativa notar que os sons gerados no estádio, conseguem chegar a outros ambientes através dos meios aqui já citados.

A dissertação pretende ainda mostrar a importância do estudo da paisagem a partir de novas perspectivas, pois se entende que a paisagem é um produto cultural resultado do meio ambiente sob ação da atividade humana (SCHIER, 2003), sendo então importante seu estudo para se entender os grupos culturais e a construção de suas identidades.

A escolha do rádio, dentre tantos meios de comunicação, se deu, pois:

O rádio é um meio de comunicação mais democrático e está presente em locais onde a TV não pode se fazer presente, como por exemplo, no carro e no trabalho. A sua popularização ocorreu praticamente no mesmo período no qual o futebol brasileiro começou a despontar no exterior, tornando-se, naquele momento, a única maneira de se acompanhar os jogos à distância. Este fato colaborou muito para sua identificação com o torcedor de futebol e, também, para a criação de um discurso próprio, que agradou o povo brasileiro. (GIACOMELLO, 2008, p. 82, grifo nosso).

É interessante perceber na fala de Giacomello (2008), que o rádio está presente em locais como o carro ou mesmo o trabalho. Ou seja, o aparelho, através do som, consegue fazer com que uma partida de futebol seja ouvida a quilômetros de onde a mesma está acontecendo, fazendo com que exista uma difusão (também) da paisagem sonora futebolística; contudo, ainda com características mais regionais que a TV, pois o rádio possui um regionalismo próprio, acompanhando inclusive campeonatos de menor escala.

A predileção pelo rádio deu-se também porque, de acordo com Claval (2007), os modelos culturais difundidos pelo rádio concorrem com os que são transmitidos pela família e pela escola. Além disso, o rádio é extremamente relevante por seu forte vínculo com o espectador de futebol (GIACOMELLO, 2008). Segundo o mesmo:



O rádio cria um estilo, um linguajar próprio, que, apesar de algumas evoluções, se mantém quase intacto até os dias de hoje e o aproxima ainda mais do torcedor de futebol. As emoções vivenciadas à distância, pelo rádio, seriam eternizadas em frases, em metáforas que até os dias de hoje acompanham o discurso das transmissões dos jogos de futebol e colaboram no sentido de manter o rádio com um público fiel. (GIACOMELLO, 2008, p. 54, grifo nosso).

Como já ressaltado, o rádio, diferente da televisão, apresenta características muito mais regionais sendo por isso um importante objeto de estudo da Geografia Cultural. As emissoras de rádio, mesmo quando filiadas a grandes redes de TV, acompanham quase que exclusivamente os times da cidade ou região. Além disso, até os dias atuais, nota-se que o rádio continua sendo ferramenta comum para que torcedores gaúchos acompanhem seus times, sendo inclusive visto em estádios, portados por indivíduos de gerações mais velhas.

O rádio então se mostra tendo um papel importante na difusão espacial dessa paisagem sonora, gerada nas construções esportivas. Como já dito, por se saber do imenso histórico que o futebol e o rádio carregam<sup>2</sup>, optou-se por analisá-los a partir de uma menor escala: *A contribuição do rádio no imaginário de um futebol tipicamente gaúcho*, seja no imaginário dos próprios moradores do Rio Grande do Sul, ou mesmo para os de fora, já que, como afirma Guimarães (2018, p. 52), “O rádio esportivo [...] é um despertador do imaginário. O torcedor se projeta para o campo de jogo ao ouvir as descrições e as figuras narrativas feitas pelos profissionais”.

Foram os clubes escolhidos para serem estudados a partir das transmissões radiofônicas: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (doravante, no texto, apenas chamado de “Grêmio”) e Sport Club Internacional (aqui nomeado como “Internacional”), times fundados em Porto Alegre – o Grêmio em 1903 e o Internacional em 1909.

A escolha dos respectivos times se deu pelos seguintes critérios: (i) serem os times sul-rio-grandenses de maior alcance nacional, (ii) terem um número considerável de torcedores, (iii) seus estádios estarem em uma mesma cidade, favorecendo o recorte espacial da pesquisa e (iv) sendo possível de se contrastar com equipes de outros estados do País, inclusive na comparação de como são narrados outros clássicos. A decisão por escolher os times aqui citados foi feita ainda porque a fundação dos clubes é contemporânea à chegada do rádio no Brasil.

Poucos anos após a fundação de Grêmio e Internacional um número relevante de rádios já dedicava parte da sua programação para falar dos clubes e mais times do estado

---

<sup>2</sup> O primeiro clube brasileiro é fundado em 1900, a primeira transmissão de rádio acontece na década de 1920; e futebol e rádio possuem um primeiro encontro na década seguinte.

gaúcho. Até os dias atuais, quando se trata de um recorte regional, o rádio gaúcho possui particularidades e, quando trabalhado em conjunto com o futebol, o rádio continua sendo mídia comum na busca por mais informações sobre os clubes e campeonatos regionais que acontecem na região sul-rio-grandense.

O texto tem, portanto, como objetos de estudo as construções esportivas do Grêmio e do Internacional respectivamente e a paisagem sonora gerada nas mesmas. Cabe ressaltar que a pesquisa focou nos monumentos esportivos, entendendo os estádios (no caso do Grêmio, “arena”) como obras de reafirmação de identidade de um grupo; não sendo exploradas, por isso, questões econômicas ou demais interferências que aconteceram na cidade de Porto Alegre.

Para que o estudo fosse realizado, achou-se pertinente o uso de duas escalas:

- I. A escala da construção esportiva (o estádio), onde existe a manifestação concreta da paisagem sonora e
- II. Uma escala mais abrangente, que abarca todo o estado do Rio Grande do Sul.

A escolha desta segunda escala se deu porque, a partir do rádio, a paisagem sonora dos estádios chega a diversos locais, como casas, carros, comércios etc., ocorrendo então, de fato, essa difusão espacial dos sons típicos dos estádios. Sons que, por vezes, reafirmam o forte regionalismo do torcedor gaúcho (quando o jogo é com algum clube de fora do estado), ou mesmo uma rivalidade interna (como a de “gremistas” e “colorados” em dias com ou sem clássico dos times porto-alegrenses).

As torcidas dos clubes gaúchos também podem ser vistas como “grupos culturais”, pois estes “possuem seus códigos, registros, centro de interesse e gostos comuns, uma consciência coletiva quanto aos que estão ‘do lado de fora’” (BONNEMAISON, 2002, p. 285), características vistas em torcedores gaúchos, principalmente em jogos disputados com clubes de fora do estado. Bonnemaïson (2002, p. 285) ainda complementa a importância de se destacar o grupo cultural no estudo da cultura de determinado território ao afirmar que “a ideia de grupo cultural interessa ao geógrafo porque produz a ideia de um espaço-território”.

A torcida gaúcha, quando analisada a partir da perspectiva da Geografia, também traz à tona a importância dos símbolos quando se pensa na ideia de território, pois “os símbolos ganham maior força e realce quando se encarnam em lugares” (BONNEMAISON, 2002, p. 292). Ambos os clubes possuem estádios, em que frequentam um número considerável de

torcedores, tais construções serão aqui consideradas como “geossímbolos” a partir do que diz Bonnemaison (2002) sobre o conceito:

Um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão, que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade. (BONNEMAISON, 2002, p. 292, grifo nosso).

Bonnemaison (2002, p. 301) finaliza afirmando que “a carga de um geossímbolo humaniza o espaço e o diversifica, marcando-o como empreendimento cultural”. As construções esportivas (o “Beira-Rio”, para o Internacional e a “Arena do Grêmio”, para o Grêmio), representam uma maneira de territorializar aquele local e seus arredores como espaços dos respectivos times, por vezes percebido também através dos sons dentro e ao redor dos estádios.

Cabe ressaltar que, como se sabe, existem centenas de estádios pelo mundo, que, para muitos, se tornam meras construções. Contudo, a partir do momento em que determinada construção é edificada por um clube, torna-se uma “segunda casa” para os torcedores. É ali que se reafirma a identidade do torcedor ao clube, saindo a construção de uma mera edificação, para se tornar o geossímbolo de uma torcida, que possui pelo local o sentimento de “topofilia”, afinal “os torcedores entendem o estádio como sua casa. Diz-se no contexto futebolístico, que uma equipe joga dentro ou fora de casa” (BANDEIRA, 2019, p. 54).

É importante esclarecer, contudo, que o estudo dos estádios do Grêmio e do Internacional se dá pelos clubes gaúchos serem os mais conhecidos ao longo do país se comparados com outros times do mesmo estado, não sendo trabalhada na dissertação a identidade que o torcedor possui a algum dos clubes citados, mas sim a identidade regional que reforça o imaginário de um futebol “sulista” – marco que estabelecemos a partir do pressuposto de que contribuiria a esse imaginário justamente a paisagem sonora das construções esportivas (as quais têm no rádio um de seus elementos difusores, possivelmente o mais potente).

Ou seja, no presente trabalho não se fará distinção entre o torcedor gremista ou colorado, sendo ambos tratados como torcedores de “clubes gaúchos”, já que o foco da pesquisa é o imaginário de um futebol tipicamente sul-rio-grandense e não as rivalidades existentes dentro do estado. Neste sentido, comungando de um espírito científico generalizador, escapamos à tentação de frisar idiosincrasias de uma ou outra agremiação; priorizando, ao contrário, o que elas provavelmente tenham em comum.

Durante a escrita o estádio de futebol ganhará destaque, pois é também nele que os torcedores possuem um contato direto com outros torcedores e os jogadores de seu time – aumentando a ideia de grupo cultural. Os estádios também contribuem no fortalecimento do território, pois “não existe grupo cultural que, de uma maneira ou de outra, não tenha investido física e culturalmente num território” (BONNEMAISON, 2002, p. 286), ou seja, se grupos políticos reforçam sua identidade com estátuas, e as mais diversas religiões constroem templos, no futebol existe a edificação dos estádios. São neles que se produzem os mais diversos sons, sendo esse conjunto de sonâncias a “paisagem sonora” da construção esportiva.

É dentro dos estádios que centenas de rádios são ligados para se ouvir, na narração de radialistas, o jogo ali também assistido. Pensando na importância do estádio, visto como monumento cabe ressaltar que, para Corrêa (2007), o monumento também tem a função de transmitir valores de um dado grupo e afirmar sua identidade<sup>3</sup>. Em se tratando dessa transmissão de valores colocada pelo geógrafo, se tem como exemplo nas construções esportivas dos dois times o já famoso “*Ah, eu sou gaúcho!*”<sup>4</sup>, cantado pela torcida, reafirmando sua identidade tanto com o clube quanto com o estado, através da frase que ecoa em todo o estádio (e que chega em outros espaços através do aparelho radiofônico). E isso além de outros sons relacionados ao ato de torcer e que, por vezes, só são aceitos dentro da construção esportiva, fazendo com que o espaço tenha sons únicos e bastante característicos.

As rádios do Rio Grande do Sul com programações esportivas (Guaíba, Gaúcha, Grenal e Pampa, citando as de maior alcance), ao possuírem características pouco similares se comparadas a outras rádios nacionais, reforçam a ideia de um território cultural existente no Rio Grande do Sul. Além disso, até a contemporaneidade nota-se que o rádio continua sendo ferramenta comum para que torcedores gaúchos acompanhem seus times, sendo vistos inclusive em estádios. E se antes o aparelho era o que possuía necessidade de antena e pilhas, o objeto também já se modernizou. Através de celulares *smartphones*, os torcedores continuam escutando as locuções esportivas, sendo possível perceber ainda uma forte ligação entre o aparelho sonoro e o esporte.

O caminho realizado para que os questionamentos da pesquisa pudessem ser respondidos (e se pudesse pensar na contribuição do rádio no imaginário de um futebol próprio do Rio Grande do Sul) foi por vezes auxiliado pelos textos das áreas de Geografia e Comunicação, principalmente ao se falar do contexto histórico do rádio e do futebol no estado

---

<sup>3</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Jq3vNs82BE>

<sup>4</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=9SHy3K6Xhpk>

gaúcho, e por estarem envolvidas mudanças no espaço (área central da Geografia) e nos meios radiofônicos (área da Comunicação)<sup>5</sup>.

Em relação aos textos produzidos pela própria Geografia, vale destacar os escritos de Gilmar Mascarenhas<sup>6</sup>; o geógrafo afirma que:

Os esportes vêm despertando ultimamente maior atenção por parte das disciplinas acadêmicas situadas no vasto campo das ciências humanas. Dentre os geógrafos, entretanto, ainda não receberam a atenção merecida, embora se reconheça em diversos países a expansão recente de uma “geografia dos esportes” quase sempre definida por seus autores como ramificação da geografia cultural. (MASCARENHAS, 1999, p. 32).

Já a escolha por se analisar narrações e programações esportivas da rádio Guaíba<sup>7</sup> se justifica, pois a emissora é uma das rádios mais populares e antigas do estado (possui 64 anos). Além disso, ao pesquisar sobre a programação da mesma, percebe-se que a rádio dá bastante atenção ao futebol, principalmente em dias de “GreNal” (nome dado ao clássico Grêmio x Internacional). O estudo da rádio foi realizado para que se pudesse responder de que maneira o veículo colabora na percepção de um futebol “gaúcho”, cooperando em uma manutenção do imaginário de um futebol próprio do estado e, conseqüentemente, contribuindo com a visão de um território cultural sul-rio-grandense.

Em relação aos conceitos aqui utilizados, além da “paisagem sonora”, criado por Murray Schafer<sup>8</sup>, achou-se pertinente conceituar o que se entende por “cultura”, “território” e seus aspectos intangíveis, já que se entende o futebol como um fenômeno sociocultural. O conceito de cultura é o presente em Claval (2002); e o de território, proposto por Bonnemaïson (2002) – todos, aqui explicados com foco na pesquisa.

Segundo Claval (2002, p. 21) cultura seria “um conjunto de atitudes e de costumes que dão ao grupo social a sua unidade. Tendo essa concepção um papel importante na construção das identidades coletivas”. A paisagem sonora, como será visto, contribui na criação de identidades coletivas. Estas partilham um mesmo local com sons que alimentam a simetria entre os sujeitos, logo, a paisagem aumenta essa união entre o grupo cultural.

---

<sup>5</sup> O assunto será aprofundado no capítulo 2 da dissertação.

<sup>6</sup> Geógrafo, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), de considerável relevância no estudo da Geografia dos Esportes, sobretudo no futebol; e que durante anos de sua carreira atuou na defesa de um maior estudo do tema pela Geografia. Gilmar Mascarenhas faleceu em 2019 após um acidente de trânsito.

<sup>7</sup> Fundada em 30 de abril de 1957 por Breno Caldas.

<sup>8</sup> Raymond Murray Schafer nasceu em 1933 no Canadá. Tem como principais obras *O ouvido pensante* e *A afinção do mundo*, ambas traduções publicadas, pela primeira vez, pela Editora Unesp em 1991 e 1992, respectivamente. Seus extensos estudos sobre som são usados em pesquisas realizadas em diversas áreas, dentre elas música, arquitetura, comunicação, sociologia e geografia em diversos países. Schafer faleceu em 2021, após anos com Alzheimer.

Já se falando de território, para Bonnemaïson (2002, p. 302) “o território aparece como derivado carnal da cultura”. O geógrafo também diz:

A análise geocultural não se pode descuidar desses dois aspectos complementares, nem separá-los. O território é ao mesmo tempo, “espaço social” e “espaço cultural”: ele está associado tanto à função social quanto à simbólica. (BONNEMAISON, 2002, p. 289).

Bonnemaïson (2002, p. 288) também diz que “é pela existência de uma cultura que se cria um território, e é pelo território que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e o espaço”. Para o autor, a ideia de cultura traduzida em termos de espaço, não pode ser separada da ideia de território, sendo pela existência de cultura que se cria um território.

O geógrafo ressalta que toda cultura se encarna além de em um discurso, em uma forma de territorialidade, não existindo, para Bonnemaïson (2002), grupo cultural que não tenha investido física e culturalmente em um território, afirmando sua identidade e transmitindo seus valores – no caso do futebol, seja pelas cores do estádio, ou pelo próprio som da torcida, principalmente a organizada, que possui também território próprio dentro da edificação.

Campos (2006) reforça que a própria mídia possui seu espaço na construção esportiva:

Na partida, a mídia possui uma territorialidade específica, geralmente se limitando às cabines de rádio, televisão ou salas de imprensa, bem como ao redor do gramado (repórteres) e até dentro do campo, realizando entrevistas antes do início e no término de cada tempo de jogo. A abrangência dos diferentes tipos de veículos de comunicação também é diferente. Geralmente, os jogos transmitidos pela televisão têm abrangência nacional, já os pelo rádio têm audiência local. (CAMPOS, 2006, p. 42, grifo nosso).

Outro termo caro à pesquisa é o de imaginário, afinal, falou-se aqui sobre cultura, território e paisagem, sendo importante perceber que a junção desses três conceitos gera o imaginário em grupo – na presente pesquisa, o dos torcedores e ouvintes das narrações esportivas. Será, portanto, dedicado um espaço da dissertação para discorrer sobre o termo.

## **Mas afinal, o que se entende por imaginário?**

Fazendo parte do subtítulo da dissertação a palavra “imaginário” possui significativa importância para a pesquisa, afinal se busca através do estudo da parceria entre rádio e futebol na difusão da paisagem sonora dos estádios, identificar se existe o imaginário de um futebol particularmente gaúcho. O conceito aqui utilizado será o encontrado no livro *As tecnologias do imaginário*, de Juremir Machado da Silva (2020). No texto o autor nos afirma que “Todo imaginário é uma narrativa. Uma trama. Um ponto de vista. Vista de um ponto.” (SILVA, 2020, p. 8). Silva (2020, p. 8) também salienta que todo imaginário é uma construção coletiva. Ora, aplicando a ideia de imaginário ao futebol gaúcho, percebe-se que ao longo do tempo essa construção coletiva ganhou força, como será melhor explicado no decorrer do texto, já que com a proximidade do Rio Grande do Sul a países platinos, a ideia de um futebol diferente do restante do Brasil ganhou adeptos.

Ainda citando o livro de Silva (2020), o autor aborda de forma bastante interessante a ideia de imaginário associando-o também ao conceito de cultura. Para o autor, imaginário e cultura coabitam, justapõem-se e coexistem, mas não se equivalem (SILVA, 2020, p. 18). Sobre a relação dos dois conceitos, Silva (2020, p. 16) ressalta que:

Aquilo que separa uma cultura da outra é o imaginário (a representação) que cada cultura engendra para si mesma. A cultura é um dado objetivo; o imaginário, a subjetividade compacta e inexorável. A objetividade da cultura diluiu-se nas águas pesadas da atmosfera imaginal.

Também para Silva (2020, p. 57), está claro que “a cultura é mais ampla do que os imaginários”. Sobre o conceito e as tecnologias, Silva (2020), a partir de um quadro criado pelo autor, separa as tecnologias do imaginário da seguinte maneira:

**Quadro 1:** As tecnologias do imaginário

Tecnologias do Imaginário		
<b>Informativas</b>	<b>Artísticas</b>	<b>Mercadológicas</b>
Jornais	Cinema	Publicidade
Livros didáticos	Literatura	Marketing
Televisão/ <b>rádio</b>	Teatro	Relações Públicas

Fonte: Juremir Machado da Silva (2020)

É interessante notar o papel do rádio como tecnologia do imaginário. Afinal, como já dito no texto, sendo um meio de comunicação mais acessível e que consegue chegar a vários locais, o rádio tem o poder de reforçar imaginários. E no raciocínio da presente pesquisa, isso pode ter colaborado à ideia de que existiriam coisas “particularmente gaúchas”, a exemplo de uma cultura gaúcha, reconhecida como singular no Brasil – seja em costumes, na culinária ou mesmo no esporte.

- **Procedimentos Metodológicos**

Por se tratar de uma dissertação que lida com práticas culturais e possui procedimentos qualitativos de pesquisa, considera-se relevante destacar que:

O tratamento da informação na pesquisa geográfica, que considera o dado não rigorosamente objetivo e que precisa ser trazido a partir de diálogos, de compreensões e vivências de pessoas e grupos, espaços vividos e práticas, é uma perspectiva recente. (HEIDRICH, 2016, p. 16).

Como é inerente a qualquer prática de metodologia, ela requer adaptação ao foco da pesquisa (HEIDRICH, 2016). O trabalho aqui apresentado executou procedimentos metodológicos organizados em quatro etapas. A primeira etapa se deu através de um levantamento bibliográfico do que já foi produzido em relação ao assunto, sendo a maioria dos trabalhos lidos, defendidos junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR), sendo os trabalhos defendidos pela UFPR os norteadores no estudo da paisagem sonora.

A segunda etapa consistiu em remontar no tempo a origem desse imaginário (o recorte temporal escolhido foi de 1900 – ano de fundação do primeiro clube gaúcho – ao ano de 2022). Para isso, buscou-se estudar o desenvolvimento, ao longo da história, do futebol gaúcho e também das rádios que cobrem o respectivo futebol, dando maior atenção à rádio Guaíba, identificando no contexto apresentado a ideia de um território cultural.

Ao se optar por um recorte de 122 anos, entende-se que de imediato parece uma escolha desafiadora, contudo, optou-se por ele para que fosse possível compreender como se deu a gênese do futebol no estado. Também será feita a análise de como ocorreu a construção do estilo de narração no rádio, seu encontro com o futebol e possíveis mudanças ocorridas, seja com o surgimento da televisão ou, mais recentemente, com a internet e o importante



crescimento das *webrádios* – que levam as narrações futebolísticas a escalas muito maiores do que as das primeiras transmissões, nas décadas de 1920 e 1930.

A terceira etapa se deu a partir de entrevistas semiestruturadas, característica comum da metodologia qualitativa (HEIDRICH, 2016). As entrevistas foram feitas com especialistas em comunicação, jornalistas, radialistas e/ou narradores do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Alagoas, tendo como finalidade checar se a ideia de um futebol identitário se rebete na percepção também de profissionais da área de outros estados. Aqui, os mesmos serão categorizados como “*especialistas*” ou “*mídia*”, de acordo com a definição de Campos:

Especialistas ou mídia compreende a crônica esportiva em geral (narradores, comentaristas, repórteres, apresentadores, cinegrafistas, etc.). O nome especialistas deriva da expressão imprensa especializada. Os especialistas não jogam nem torcem, ocupando uma posição entre a categoria dos profissionais e dos torcedores. (CAMPOS, 2008, p. 260).

Finalmente, a quarta etapa trata das escolhas em relação a quais clubes dar uma maior atenção, pois há no Rio Grande do Sul muitos clubes futebolísticos. Entretanto, para o presente trabalho achou-se mais prudente restringir o estudo ao caso “Grenal”, pois é justamente através desse caso que os demais estados brasileiros nutrem uma ideia de futebol gaúcho. Por fim, como o trabalho propõe a análise do futebol em conjunto com os meios de comunicação, cabe ainda ressaltar que a escolha de Grêmio e Internacional se deu muito em função do que sustenta Giacomello (2008):

A rivalidade no meio futebolístico é, em muitos casos, estimulada pelos meios de comunicação, parecendo ser utilizada como forma de estimular a audiência dos ouvintes e espectadores. Ela não se restringe às situações envolvendo equipes de países distintos. As rivalidades locais são comuns em cidades onde existem apenas duas equipes, como em Campinas (Ponte Preta e Guarani) e Porto Alegre (Grêmio e Internacional). (GIACOMELLO, 2008, p. 76, grifo nosso).

Próximo do ano de fundação dos clubes, as primeiras rádios chegaram ao Rio Grande do Sul, sendo possível assim uma melhor associação entre futebol, rádio e a paisagem sonora. Cabe frisar aqui que o enfoque qualitativo foi necessário durante toda a pesquisa, pois “oportuna o desenvolvimento dos estudos que envolvem o campo do imaginário sobre espaços e lugares” (HEIDRICH, 2016, p. 30).

A primeira seção trata do percurso do rádio e do futebol no Rio Grande do Sul, do ano de 1900 a 2022, de modo a se demonstrar de qual maneira o imaginário de um futebol tipicamente gaúcho foi sendo construído e se estruturando ao longo do tempo e quais

influências platinas o futebol sul-rio-grandense recebeu desde o seu início. A seção também mostra como o futebol gaúcho vem se destacando ao longo dos anos em campeonatos estaduais, nacionais ou mesmo internacionais.

A segunda seção aborda a paisagem sonora, a origem do termo, seu estudo realizado por outras ciências e pela Geografia, sendo também abordados os sons característicos de um estádio de futebol difundidos através das ondas radiofônicas. Optou-se por um capítulo inteiro dedicado ao conceito por se entender que o mesmo ainda é pouco estudado pela ciência geográfica se comparado ao estudo da paisagem com foco no “visível”.

Na terceira seção, encontra-se a entrevista realizada com os especialistas da mídia. Após todo esse percurso, que exprime a pesquisa realizada, na última seção é apresentada a conclusão e a resposta à pergunta que norteou nosso estudo. Como será notado, o futebol gaúcho mudou ao longo do tempo, sendo inegável a influência argentina e uruguaia em suas primeiras décadas, principalmente no estilo de jogo de times do interior do estado. Contudo, ao longo do tempo, com a maior integração do Brasil, esse estilo de futebol mudou. O Rio Grande do Sul deixou de ser um estado “isolado”, possuindo nos dias de hoje, em seus clubes, jogadores de todo o Brasil.

Cabe ainda frisar que jogadores e técnicos gaúchos também saíram do Rio Grande do Sul para exercerem sua profissão em outros estados do País ou mesmo em outros países do mundo. O jornalista Filipe Duarte<sup>9</sup>, conta ao leitor em *Escola Gaúcha de Futebol* (2021), que “Telêmaco Frazão de Lima, reconhecido como primeiro técnico gaúcho a ganhar status, ultrapassou a fronteira estadual para assumir o Clube de Regatas Vasco da Gama em 1942” (DUARTE, 2021, p. 145). As migrações continuaram acontecendo ao longo das décadas e nos dias atuais essas migrações de estado acontecem com uma constância ainda maior, existindo um futebol com características diversas, seja no próprio estado do Rio Grande do Sul, como em todo o restante do Brasil. Sobre o assunto, Duarte nos aponta o exemplo de Renato Portaluppi, dizendo:

O apelido com que é chamado no restante do Brasil, Renato Gaúcho, só se explica pelo fato de ser natural de Guaporé, na região da Serra Gaúcha. Ao estabelecer residência na orla de Ipanema, o ídolo gremista absorveu muito mais do que o sotaque carioca, adquirindo também toda a visão de mundo do lugar que escolheu viver, bem como o gosto pelo futebol ofensivo, quase irresponsável. (DUARTE, 2021, p. 147).

---

<sup>9</sup> Filipe Duarte é um dos jornalistas entrevistados para a presente pesquisa. Seus apontamentos sobre o assunto encontram-se no capítulo 3.

Assim como Renato, tantos outros técnicos e jogadores do estado sul-rio-grandense ensinaram e aprenderam diversos modos de se jogar futebol, ficando apenas no imaginário um modo particularmente gaúcho de se praticar o esporte, como será mais bem detalhado ao longo do texto.

## RÁDIO E FUTEBOL: CONTEXTO HISTÓRICO

A narração de uma partida de futebol é um espetáculo eminentemente radiofônico (GUERRA, 2006, p. 10), entretanto rádio e futebol nem sempre andaram juntos. Quando se estuda seus históricos no Brasil, vê-se que “o aparelho sonoro chegaria ao país décadas mais tarde, embora ambos em seu início possuíssem características semelhantes: eram elitistas e amadores” (DALPIAZ, 2002, p. 14).

Por isso, se faz necessário trabalhar com o futebol e o rádio, em um primeiro momento, de maneira isolada e posteriormente de forma conjunta. Optamos por tal escolha, pois como futebol e rádio não chegaram ao país de maneira simultânea, e de início o aparelho não fazia a transmissão do esporte, é importante entender o que acontecia antes com os mesmos, até que as primeiras narrações fossem realizadas.

A presente seção pretende então apresentar o percurso do futebol e do rádio no Rio Grande do Sul, para que seja compreendido o contexto histórico em que ambos chegaram ao estado. Destaca-se que a trajetória do rádio será abordada antes mesmo do surgimento da *Rádio Guaíba*<sup>10</sup> já que a mesma, embora seja uma das mais tradicionais rádios gaúchas, foi inaugurada no ano de 1957, sendo que antes disso, outras empresas transmissoras já haviam se instalado na região. Será realizado adiante recortes para que se entenda da melhor maneira os principais acontecimentos do ano de 1900 a 2022 em relação ao rádio e ao esporte no estado gaúcho.

Como poderá ser observado ao longo desta seção, observa-se, ao analisar o trajeto do futebol e do rádio no Rio Grande do Sul, que ambos tiveram uma significativa influência da Argentina e do Uruguai, colaborando com um regionalismo típico encontrado no estado sul-rio-grandense.

### ● O rádio no Brasil

O rádio é considerado o primeiro grande meio de comunicação de massa, aquele que possui grande poder de alcance popular e que se tornou “companheiro” para seus ouvintes (PEREIRA, 2012, p. 2). De acordo com Giacomello (2008, p. 24):

---

<sup>10</sup> Frequência 101,3 FM ou 720 AM. Sítio eletrônico: [guaiba.com.br](http://guaiba.com.br).

Provavelmente nenhum outro meio de comunicação de massa é capaz de provocar no torcedor o grau de emoção de uma transmissão radiofônica. Tendo como ponto de partida que um torcedor-ouvinte não está vendo a imagem do jogo, a narração tem o poder de criar o lance no imaginário do ouvinte, potencializando os efeitos da excitação e elevando o grau das emoções. (GIACOMELLO, 2008, p. 24).

Como será visto, nas páginas seguintes, para Ferraretto (2000b), pode-se dividir a história do rádio em três momentos distintos. No primeiro – ainda na década de 1920 – o rádio faz parte da realidade de uma elite, sendo nessa década que acontece a fundação das primeiras emissoras gaúchas. Num segundo momento, pessoas que compõem a alta elite enxergam na transmissão de rádio uma oportunidade para se investir de forma financeira e política. Já em uma terceira etapa, as emissoras comerciais ganham destaque, sendo o início dessa fase os anos 1930, indo até o final da década de 1940.

As três décadas iniciais do rádio no Brasil, e especificamente no Rio Grande do Sul (1920, 1930 e 1940), serão abordadas de forma mais detalhada nas próximas páginas. No trecho abaixo, Pereira (2012, p. 3) dá detalhes da primeira transmissão de rádio no país:

Em sete de setembro de 1922, durante as comemorações do Centenário da Independência, ocorreu a primeira transmissão de rádio no Brasil, com o discurso do então presidente da República, Epitácio Pessoa. Essa transmissão foi com intenção política, pois o desejo do governo era distrair a atenção da opinião pública, que questionava o resultado da última eleição presidencial. Após as comemorações, as transmissões só voltariam a ser regulares em abril de 1923, com a Emissora Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquete Pinto e Henrique Morize.

Quando se estuda a história do aparelho sonoro, sabe-se ainda que:

Emissoras de rádio surgem em diversos estados brasileiros até o final da década de 20, dando início a uma nova fase na história da radiodifusão no país. O veículo já se encontrava presente na Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul. (DALPIAZ, 2002, p. 29).

Vale destacar que ao se falar da história do rádio e o desenvolvimento do mesmo através dos anos, percebem-se também as mudanças culturais que aconteceram e que chegaram também nos aparelhos sonoros, impactando as transmissões de futebol. Para Dalpiaz (2002, p. 20, grifo nosso):

O futebol ficou conhecido no Brasil já no início do século XX. O rádio veio um pouco depois, socializado entre os brasileiros nas décadas de 20 e 30. Mas é interessante observar que os dois começaram a se organizar, definitivamente, a partir dos anos 30, quando o país passa, através de um projeto de governo, a experimentar sua primeira vivência de nação.

O rádio que começou suas transmissões nacionais em Recife, em meados de 1910, viu na década seguinte ainda poucas pessoas que podiam comprar os aparelhos receptores, em sua maioria, importados. Contudo, mesmo sendo um aparelho usado pela elite, vale destacar que:

O rádio se expandiu rapidamente e logo se tornou um meio de comunicação de massa. Diferentemente da imprensa escrita, com o rádio não há a necessidade de o ouvinte passar por algum tipo de processo de alfabetização, a informação chega diretamente a todas as classes sociais. (CREPALDI, 2009, p. 53).

Na metade da década de 1920, o rádio começa a ganhar um novo público no Brasil, segundo Pereira (2012) e Götz (2020):

Entre 1925 e 1930, com avanços técnicos nos sistemas de transmissões e a inserção de mais formatos de anúncios na programação, o rádio se popularizou no país, misturando música popular, esportes e informações sobre atualidade. Surgia assim, o conceito de audiência no rádio. Os “reclames”, neste período, eram apresentados como mensagens improvisadas pelo locutor do programa, sem qualquer preparação anterior. (PEREIRA, 2012, p. 4).

Contudo os poucos aparelhos que existiam no país abrangiam uma área ainda muito pequena, sobre a década seguinte, sabe-se que:

A década de 1930 também assistirá a difusão do rádio e, com ele, à propagação do futebol – sobretudo a partir de 1938, quando o governo Vargas, por meio de discursos inflados, estabelece vínculos doravante consagrados entre o futebol e a pátria, fazendo desse esporte a verdadeira “paixão nacional”. As redes e transmissões radiofônicas já vinham se expandindo e estimulando a geração de equipes de futebol nas cidades do “interior”. A partir dos anos 1940, já se praticava o futebol nas mais remotas aglomerações humanas deste país. (MASCARENHAS, 2014, p. 123).

O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa. O ponto de partida deste processo é a primeira narração detalhada de um jogo de futebol. (SOARES, 1994, p. 17).

A década de 1930 viu um momento do rádio que duraria até 1960. Nesse período a tecnologia disponível era precária, sendo inclusive o período chamado por muitos de “rádio heróico” (DALPIAZ, 2002, p. 43). Foi também a partir dos anos de 1930 que, com a contribuição do rádio, as massas passaram a se vincular mais fortemente a determinados clubes, dentro e fora dos estádios (FRANCO JÚNIOR, 2007), rompendo com a ideia de que o rádio afastaria os torcedores da construção esportiva.

Foi ainda nos anos de 1930, mais precisamente em 1938, que aliado ao rádio, o futebol se torna uma verdadeira paixão nacional, para Mascarenhas (2013) e Guimarães (2018):

A partir de 1938, o governo Vargas, através de discursos radiofônicos inflamados, estabelece vínculos doravante consagrados entre o futebol e a pátria, contribuindo para fazer deste esporte a verdadeira “paixão nacional”. (MASCARENHAS, 2013, p. 152).

A Copa de 1938 marcou, pela primeira vez, uma ideia de unidade nacional, de reconhecer o futebol como um elemento relevante para a identidade do País. (GUIMARÃES, 2018, p. 39).

Já nos anos de 1940, o rádio começa a deixar o amadorismo para trilhar uma ascendente e brilhante caminhada (DILLENBURG, 1985, p. 11), entra em cena o radioteatro, programas de auditório, noticiários, reportagens e, claro, as coberturas esportivas. Percebendo o potencial do aparelho sonoro, surgem muitos patrocinadores. Para Dalpiaz (2002) é também nessa década que o rádio compreende que pode ser um elo entre os times e seus torcedores. De acordo com Ferraretto (2000a, p. 112):

O rádio vive de 1940 a 1955 seu apogeu, época considerada a fase de ouro do veículo voltado ao entretenimento, com uma programação predominantemente caracterizada por programas de auditório, radionovelas e humorísticos.

É também nos anos de 1940 que surge o gravador magnético no rádio. Para Dalpiaz (2002), essas novas formas de produção e difusão cultural demandavam dos profissionais improvisações para suprir falhas. No caso do rádio, foi necessária uma mudança na linguagem. Ainda segundo Dalpiaz (2002), com o rádio espetáculo, os radialistas tiveram que inventar outro estilo.

Em 1950 e 1960, o rádio precisou inovar. Houve, assim, o investimento em tecnologias, ganhando força o radiojornalismo. É na Copa de 1958 que surge uma novidade: “o radinho de pilha”. De acordo com Patrício (2014) e Ferraretto (2007):

Na Copa de 58, surgiu uma grande revolução no rádio: o “radinho de pilha”. A partir daí cria-se a rotina de acompanhar o futebol de qualquer lugar, mesmo que não estivesse em casa ou no carro e, principalmente, poder levar para o estádio e seguir a transmissão enquanto se assistia à partida. Outra forma de prender este ouvinte que, agora poderia acompanhar imagem e áudio, foi na década de 60, com a implantação nas transmissões de estatísticas dos jogos, lances e jogadas. Dessa maneira, o rádio provava ao ouvinte que sempre tinha uma informação a mais. (PATRÍCIO, 2014, p. 17, grifo nosso).

Para Ferraretto (2001), quatro emissoras destacam-se, no Brasil, nesse momento histórico:

- *Bandeirantes*<sup>11</sup> - São Paulo
- *Jovem Pan*<sup>12</sup> - São Paulo
- *Jornal do Brasil*<sup>13</sup> - Rio de Janeiro
- Guaíba<sup>14</sup> - Rio Grande do Sul

É certo que a história do rádio no Brasil viu os três estados acima citados (São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) como protagonistas, possuindo inclusive características em comum.

Ao longo das Copas do Mundo seguintes, o “radinho de pilha” continuou sendo destaque. Para Götz (2020, p. 68, grifo nosso):

Em 1962, a paisagem urbana começou a caracterizar-se por ouvintes que “colavam o ouvido no radinho” para escutar uma transmissão de futebol. Na medida que o equipamento miniaturizado popularizou-se, essa cena também começou a ser vista nos estádios de futebol.

Sobre a considerável importância do “radinho de pilha”, Clemente (1997, p.23), afirma que “Os radinhos, pequenos em seu formato e de pouco preço podem estar em qualquer lugar sem estarem ligados a uma corrente elétrica, as pilhas minúsculas realizam uma tarefa notável”. Fato que, como visto, auxiliou na parceria rádio e futebol.

Na Copa do Mundo de 1970, o rádio ganha destaque, tendo o mesmo auxiliado na construção ou afirmação da identidade nacional no país do futebol (PEREIRA, 2012). Para Guerra (2012, p. 118) começa naquele momento o hábito de ver o jogo pela TV com o som vindo do rádio, hábito que para muitos dura até os dias atuais.

A Copa do Mundo de 1990 traz como protagonista novamente o radinho de pilha. Para Vaz Filho (2012, p. 189):

O radinho de pilha, sob vários modelos portáteis, era de valor acessível nas bancas de camelôs. Normalmente nas cores verde e amarelo. A tecnologia, a exemplo dos celulares e internet, não estava inserida no contexto da massa. As máquinas fotográficas eram abastecidas com rolos de filmes e os aparelhos de som de ponta

---

<sup>11</sup> Ver: <http://www.radiobandeirantes.band.uol.com.br>

<sup>12</sup> Ver: <http://www.jovempan.com.br>

<sup>13</sup> Ver: <http://jb.fm/acervo/>

<sup>14</sup> Ver: <http://guaiba.com.br/institucional/>



ofereciam tecnologia para reprodução de fitas cassetes e execução de discos de vinil. Nos dias de jogos do Brasil, quem estava distante, ou a caminho de uma televisão, recorria ao popular aparelhinho que transmitia a programação esportiva, de forte concorrência entre as emissoras. A cena era comum na correria de quem se deslocava de casa para o trabalho e vice-versa, assim também entre motoristas, via autorrádio.

Em relação às rádios, nos anos 1990 as mudanças tecnológicas exigem novas adaptações. Segundo Mércio (2008, p. 134):

Nota-se também uma atitude mais agressiva do rádio que encontra no marketing uma forma de conquistar e manter a fidelidade de seu ouvinte. Para isto, as emissoras investem em promoções e buscam associar seu nome a megaeventos.

Uma característica importante do rádio a partir da década de 1990 é o uso da internet como ferramenta, já que a entrada da internet e a disseminação das redes sociais impactaram nas práticas profissionais e de estratégias das emissoras radiofônicas (GUIMARÃES, 2018, p. 20). O surgimento das novas tecnologias, impulsionadas pelo uso da informática e pela globalização, começa a dar ao rádio outra estrutura e organização (DALPIAZ, 2002). Como aborda Santos (2010, p. 176, grifo nosso):

Podemos encontrar uma necessidade, tanto do rádio quanto da TV, de estabelecer uma relação íntima com a Internet, já que hoje ela se caracteriza como um dos grandes meios através dos quais nós interagimos uns com os outros, quando nos encontramos distantes fisicamente (ou até mesmo próximos!). A mídia acaba se apropriando de uma ideologia comum, difundida por empresas do ramo de tecnologia, de que “a internet conecta, aproxima as pessoas” e, nessa “era da interatividade”, nada mais justo do que oferecer este “serviço” aos telespectadores/ouvintes de uma narração esportiva de futebol. Essa estratégia parece, nas narrações, simular uma interação face a face, criando um ambiente de confiança, amizade, proximidade, intimidade e união entre sujeitos-enunciadores e público.

Sobre o atual momento do rádio, para Guerra (2006) e Santos (2010):

Na transmissão pelo rádio, a opinião e a descrição do lance por lance são no momento do fato. Não há “replay”, até porque o torcedor, ao ouvir o lance, já o idealizou, já tirou suas conclusões. É esse imediatismo, característica principal do veículo, que o faz ainda tão forte. (GUERRA, 2006, p. 10).

Com a evolução do rádio, em termos técnicos e estruturais das emissoras, evoluiu também a forma como as partidas eram narradas. Ao longo dos anos, elementos foram incorporados (como hoje, por exemplo, quando temos a participação do ouvinte pela internet), e melhorando a fim de atender a um público cada vez mais exigente. No entanto, algumas características permaneceram e ainda são o motivo pelo qual muitos indivíduos, mesmo com o advento da televisão, não abandonaram o rádio. (SANTOS, 2010, p. 98, grifo nosso).

Sobre a evolução das narrações, Toledo (2022) diz:

Os locutores criam estilos próprios a partir de um repertório verbal, técnico/descritivo ou alegórico, somando à sua performance vocal, transmitindo aos torcedores determinados gradientes tonais coadunados ao desenvolvimento das jogadas, conferindo intensidade dramática às partidas. Padrão observado, particularmente, nas transmissões radiofônicas, embora alguns apontem uma certa decadência na manutenção das escolas e estilos de narração que primam pelas locuções consideradas alegóricas e passionais, privilegiando atualmente a técnica e a precisão na descrição das jogadas, narrações mais comprometidas com os fundamentos do jogo, portanto. (TOLEDO, 2022, p. 351, grifo nosso).

Existindo outros meios de comunicação, os narradores de rádio também precisam usar de algumas técnicas na narração, inclusive no ápice dos noventa minutos de uma partida de futebol: o gol. Para Giacomello (2008, p. 59, grifo nosso):

Com o decorrer dos anos, o gol, momento máximo do futebol, ganhou novos contornos. Utilização de vinhetas, execução de parte do hino do clube que marcou o gol, o nome do jogador autor do gol repetido várias vezes, são alguns dos recursos utilizados pelos narradores atuais, na tentativa de potencializar as emoções dos torcedores nesse momento sublime.

Quando se analisa a considerável importância que o futebol ganha da Rádio, percebe-se que:

O rádio aprendeu a trabalhar para o seu próprio público, reconhecer seus ouvintes e voltar-se a eles constantemente. [...] Ao longo do tempo o rádio foi se adaptando às mudanças, às inovações tecnológicas e econômicas. (DALPIAZ, 2002, p. 174).

O bairrismo, a ruptura com o dogma da imparcialidade e da anunciação da admiração por este ou aquele clube, a liberdade de torcer descaradamente para o time do estado numa final de Brasileiro ou a Seleção Brasileira, sob a proteção de que se trata da “pátria de chuteiras”, como queria Nelson Rodrigues, fizeram do rádio algo muito próximo do torcedor. Mais do que isso, a adoção por parte dos narradores radiofônicos de expressões do próprio dia-a-dia destes ouvintes nas transmissões e a criação de termos que passaram a fazer parte da linguagem do homem na sociedade, reforçaram esse “casamento” do rádio com o futebol. (GUERRA, 2006, p. 142, grifo nosso).

Para Götz (2020, p. 151):

De fato, percebe-se que o rádio não morreu, pelo contrário. Da mesma forma como aconteceu durante os anos de 1950, quando a TV, com atraso, estabeleceu-se no Brasil, o rádio procurou formas de adaptar-se, diante da nova mídia. A pergunta não é se as tecnologias irão decretar o fim do rádio, mas onde o rádio vai parar?

A *Webradio* possui ainda uma característica interessante: embora possua recursos como imagens e textos, ela ainda se mostra fiel aos recursos sonoros do rádio. É o que conta Martins (2008, p. 62, grifo nosso):

Em dois campos, principalmente, a *webradio* chama a atenção. Primeiramente na questão dos gêneros, já que muitas são as novidades nesta área. A notícia, só para citar um exemplo, antes apenas sonora, agora agrega também elementos de outras

mídias, como texto e a imagem, além de ser também possível recuperar uma informação por meio de um banco de arquivos permanentes. Outro campo é o da interação, onde o impacto da tecnologia provoca fortes mudanças, com os usuários comunicando-se de novas formas entre si e com a emissora. Um detalhe, porém, difere o site da webrádio de tantas outras páginas da internet: um botão para a escuta sonora da rádio.

- **O rádio no Rio Grande do Sul**

É na década de 1920 que acontece a chegada do rádio no Rio Grande do Sul. O rádio se expandiu no Rio Grande do Sul, devido a um investimento em tecnologia dado a ele. Tal ação se deu pela intenção de se captar as emissões que chegavam do centro do Brasil e também da região do Prata (GÖTZ, 2020).

A Rádio Sociedade Gaúcha, inaugurada oficialmente no dia 19 de novembro de 1927, teve um papel fundamental e embrionário em relação às transmissões de futebol no Rio Grande do Sul, pois, foi a pioneira na irradiação de um *match*<sup>15</sup>, termo inglês utilizado à época. (GÖTZ, 2020, p. 33).

Foi na década de 1920 que surgiram as primeiras rádios sul-rio-grandenses, como mostra o quadro dois:

**Quadro 2:** Ano de fundação das primeiras rádios gaúchas

Ano	Rádio	Cidade-sede
1924	Sociedade Rio-Grandense	Porto Alegre
1925	Sociedade Pelotense	Pelotas
1927	Sociedade Gaúcha	Porto Alegre

Fonte: Dalpiaz (2002)

Analisando o quadro, observa-se ainda que as primeiras rádios do Rio Grande do Sul surgiram cerca de vinte anos depois do *Sport Club Rio Grande* (primeiro time do estado) e da fundação do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* e do *Sport Club Internacional* (principais clubes gaúchos da contemporaneidade). Nota-se com essa informação que quando aconteceu a primeira transmissão radiofônica na capital gaúcha, a rivalidade entre os times já existia.

---

<sup>15</sup> Era bastante comum o uso linguístico de termos ingleses, em relação ao futebol. *Match* (jogo), *corner* (escanteio), *player* (jogador), *goal* (gol) e *speaker* (narrador), são exemplos de palavras que, diferentemente da atualidade, eram populares inclusive na imprensa escrita (GÖTZ, 2020, p. 37).

De início, embora a história do rádio se inicie em 1924 no Rio Grande do Sul (com a Rádio Sociedade Riograndense), os jogos dos clubes ainda não eram acompanhados, pois no início os programas de rádio se restringiam à música erudita e palestras científicas, distanciando-se do esporte e de músicas populares como o samba (DALPIAZ, 2002). Por ser algo novo, as pessoas estavam ainda se adaptando ao aparelho. Götz (2020, p. 28, grifo nosso) diz que:

Não se tinha uma ideia clara sobre o que o rádio viria a tornar-se ao longo dos próximos anos. No início dos anos 1920, falava-se em radiotelefonias, isto é, uma nova forma de comunicação por “telefone sem fio”. A ideia de rádio como é conhecida atualmente, evoluiu no instante em que se buscou compartilhar o som como prática comunicacional coletiva.

Até a década de 1930, contudo, a história do rádio no Brasil ainda parecia ser lenta. Foram nos anos de 1930 que o encontro com o futebol aconteceu:

O Brasil entra nos anos 30 diante de um grande fenômeno de cultura de massas. O rádio é apresentado como um dos instrumentos que vai promover a integração nacional e o futebol, que vinha se tornando mania nacional, poderia perfeitamente contribuir com isso também. A política, em toda essa história do desenvolvimento do rádio e futebol no país, se aproveitou muito da paixão do torcedor. (GUERRA, 2006, p. 21-22).

Ao perceber sua força, os donos das poucas rádios existentes no Brasil resolveram investir no esporte a partir de informações enviadas por telefone pelos repórteres da emissora, em vez de apenas noticiar os resultados das partidas durante a programação, como fizeram até 1931. O rádio dividiu espaço com os jornais e acabou dominando o jornalismo esportivo, com a vantagem da narrativa ao vivo e do detalhe. (RANGEL, 2008, p. 38).

Na dissertação *Narradores de Futebol, dos desbravadores aos contemporâneos. Estilo e Técnica da locução no rádio porto-alegrense (1931 a 2015)*, defendida por Götz em 2015, o autor conclui que desde o ano de 1931, os narradores gaúchos começaram a ter acesso aos estilos de narração de países da região do Prata, sendo essas as primeiras influências na formação do estilo de narração do rádio de Porto Alegre.

A primeira partida transmitida pelo rádio no Rio Grande do Sul aconteceu em 19 de novembro de 1931, entre Grêmio e Seleção do Paraná, com narração de Ernani Ruschel, pela rádio Sociedade Gaúcha<sup>16</sup> (conhecida desde sua fundação como “a voz dos pampas”), o evento foi tão importante para a cidade que chegou a decretar ponto facultativo em Porto Alegre. Guerra (2006, p. 89) afirma que:

---

<sup>16</sup> A Rádio Sociedade Gaúcha, foi inaugurada no ano de 1927, e teve papel fundamental nas transmissões de futebol no Rio Grande do Sul, pois foi pioneira na irradiação de um *match*, (jogo) termo inglês utilizado na época. A rádio tinha sua base no Grande Hotel, centro de Porto Alegre (GÖTZ, 2020).

No Rio Grande do Sul, alguns nomes são importantes na história do rádio esportivo e criaram as primeiras escolas gaúchas de transmissão: Ranzolin, Lauro Quadros, Pedro Ernesto, Haroldo Souza, Sérgio Moraes, Pedro Carneiro Pereira, Brauner e Willy Gonzer, que depois foi para Minas Gerais. O maior nome dos comentários no Rio Grande do Sul é Ruy Carlos Ostermann.

De acordo com Götz (2020, p. 211):

O improviso sempre esteve presente durante o processo evolutivo da narração de futebol em Porto Alegre. Apesar de não existirem gravações que dêem amostras, por exemplo, de locuções de Ernani Ruschel, como narrador de futebol especificamente, sem dúvida o improviso foi uma das primeiras técnicas empregadas, pois, sem conhecer os jogadores do Grêmio e da Seleção do Paraná, e contando com o auxílio de Ary Lund, que lhe soprava os nomes dos atletas, Ruschel narrou o jogo. (GÖTZ, 2020, p. 211).

A própria narração ao longo dos anos de 1930 transformou-se. Aos poucos e de forma experimental, o futebol foi se adequando à linguagem do rádio. As emissoras, no começo da década de 1930 já começavam a incluir o esporte em suas programações (GÖTZ, 2020).

Dalpiaç (2002) e Guerra (2006) afirmam que:

Os anos 30 viram nascer a narração lance por lance, que de fato foi um grande avanço, pois antes disso, as transmissões limitavam-se a indicar o nome do jogador que chutava a bola. [...] A partir dos anos 50 já era possível contar com gravadoras e uma narração mais detalhada. Mas é somente da metade para o final daquela década que surgem indícios de alguma padronização nas transmissões esportivas de futebol. (DALPIAZ, 2002, p. 55-56).

Quando das primeiras transmissões esportivas no rádio, os locutores tinham um desafio a mais. Além de criar o hábito nos ouvintes de “ver o jogo ouvindo o rádio”, tinham diante de si a missão de saber o nome dos vinte e dois jogadores (na época os uniformes não tinham numeração). (GUERRA, 2006, p. 77).

Sobre a mesma década e o rádio, Mércio (2008) e Giacomello (2008), também destacam:

A década de 1930 é essencial para a compreensão do rádio atual. Ao mesmo tempo em que o veículo vai passar por um processo de profissionalização, o que significa ter pessoas qualificadas para colocar a programação no ar, muitos dos conceitos presentes ainda hoje começam a implantados neste período. Um deles é a ideia de uma programação com data e hora pré-definidas. (MÉRCIO, 2008, p. 116).

O rádio criaria um estilo, um linguajar próprio, que, apesar de algumas evoluções, se manteria quase intacto até os dias de hoje e o aproximaria ainda mais do torcedor de futebol. As emoções vivenciadas à distância, pelo rádio, seriam eternizadas em frases, em metáforas que até os dias de hoje acompanham o discurso das transmissões dos jogos de futebol e colaboram no sentido de manter o rádio com um público fiel. (GIACOMELLO, 2008, p. 54, grifo nosso).

Para Giacomello (2008), foi de fundamental importância o encontro do futebol com o rádio, pois o aparelho radiofônico foi o precursor da mídia com o esporte, identificando-se

sobretudo com o futebol, e se tornando assim um importante veículo de massificação. Além disso, desde o seu início, o rádio surge com características mais regionalistas que outros meios, fazendo seus ouvintes reconhecerem bem as frases ditas após um gol (ou a perda dele) e os próprios radialistas que narram o evento futebolístico, dando uma percepção de maior proximidade com os profissionais.

O rádio apresenta uma característica muito mais regionalista que outros meios de comunicação em massa, como a televisão. As emissoras de rádio, mesmo quando são afiliadas a grandes redes de TV, acompanham quase que exclusivamente os times da cidade ou região, possuindo equipe própria que acompanha o time local (ou times locais). (GIACOMELLO, 2008, p. 68, grifo nosso).

Não é apenas dentro de campo que a história do Rio Grande do Sul se encontra com a de países da região do Prata, de acordo com os estudos de Götz (2020, p. 214):

De 1931 até 1958, houve uma crescente evolução nos estilos e nas técnicas dos narradores, a partir do momento em que o rádio se tornou um instrumento de comunicação popular. Dessa maneira, os narradores que surgiram nesse período, começaram a ter acesso às particularidades de países da região do Prata, como Argentina e Uruguai.

O rádio também se popularizou neste momento. Foi em 1934 que surgia no estado gaúcho a *Rádio Difusora* e no ano seguinte mais uma rádio disputava a audiência dos gaúchos: *A Rádio Farroupilha*<sup>17</sup>. A popularização do rádio no período, contou com a ajuda do então presidente, Getúlio Vargas. De acordo com Moreira (1998, p. 15):

Vargas foi o primeiro político brasileiro a perceber a capacidade de alcance do rádio em um país com a dimensão do Brasil. [...] Vargas sabia que o rádio era capaz de chegar a lugares mais distantes do país, para um público em grande parte formado por analfabetos. Por isso, elaborou um modelo de difusão para o rádio enquanto esteve no poder, instituindo leis regulamentando a publicidade e a programação radiofônicas.

No Rio Grande do Sul, notavam-se três emissoras em destaque: A Rádio Sociedade Gaúcha, a Rádio Difusora e a Rádio Farroupilha, fundadas, respectivamente, no ano de 1927, 1934 e 1935.

Entre os narradores da época, destaca-se o gaúcho Cândido Norberto<sup>18</sup>, sendo o mesmo influenciado pelas narrações realizadas por rádios da Argentina e do Uruguai (GÖTZ, 2020, p. 48).

---

<sup>17</sup> O nome foi dado em homenagem ao centenário da Revolução Farroupilha, que aconteceu entre os anos de 1835 a 1845.

<sup>18</sup> Cândido Norberto foi radialista e deputado estadual. Faleceu em 2009, em Porto Alegre, aos 83 anos.

O início de 1950 foi um ótimo momento para o rádio, principalmente no Rio Grande do Sul. De uma narração praticamente descritiva, a partir dos anos 1950, a emoção começa a se tornar ponto chave entre os narradores de futebol do rádio de Porto Alegre (GÖTZ, 2020, p. 55). Dillenburg (1985, p. 83, grifo nosso) contribui afirmando que na década de 1950:

No interior, várias emissoras estavam surgindo, regionalizando ainda mais a informação local, representando, sem dúvida, um grande avanço para as comunidades.

É interessante a afirmativa de Dillenburg (1985), pois o rádio, que já possui uma característica mais regionalista (oferecendo informações mais locais), ressalta essa característica na década de 1950.

Na década de 1950 surgem os repórteres de campo e os comentaristas, quando os estádios passam a ter cabines de transmissão (GUIMARÃES, 2018). O futebol no rádio gaúcho recebe estrutura significativa dentro das emissoras, ganhando departamentos esportivos e firmando sua relação com a publicidade (DALPIAZ, 2002, p. 74). Em Porto Alegre, o primeiro estádio a ter essa estrutura foi a construção pertencente ao time tricolor, o Olímpico Monumental. A cabine Pedro Carneiro Pereira<sup>19</sup> era a reservada à Rádio Guaíba, como explica Götz (2020, p. 63):

O Olímpico, que em 1954 foi pioneiro na viabilização de espaços, até 2013, último ano que sediou jogos, possuía cabines reservadas às principais emissoras de rádio e televisão de Porto Alegre. A Rádio Guaíba, por exemplo, tinha sua cabine fixa que, inclusive, foi batizada de “Cabine Pedro Carneiro Pereira”, em homenagem ao locutor que, entre outros fatores históricos de importância, foi torcedor gremista. O mesmo ocorreu com o Estádio Beira-Rio. Havia também as cabines fixas.

Com isso, o comportamento da audiência foi devidamente alterado, configurando um novo modelo de acompanhar uma partida de futebol, podendo assistir ao jogo *in loco* e ao mesmo tempo escutar os detalhes da partida através de narradores, repórteres e com a nova figura que se incorporava à transmissão: o comentarista de futebol, que era o responsável pela opinião na jornada esportiva. (GUIMARÃES, 2018, p. 80, grifo do autor).

Nos anos de 1950, outras mudanças também acontecem, como afirmam Ortriwano (1990) e Pereira (2012):

A televisão, definitivamente, ocupou o primeiro plano entre os meios de comunicação, levando consigo as verbas publicitárias, os profissionais e a audiência. No período noturno ela passa a ser a grande estrela. O rádio procura outros espaços e descobre no período matutino o seu horário nobre. Das produções caras, com muitos contratados, o rádio chega ao ponto de se tornar quase um “vitrolão” que apenas

---

<sup>19</sup> Pedro Carneiro Pereira é um dos narradores mais importantes da história do rádio no Rio Grande do Sul. Começou a trabalhar na Rádio Guaíba em 1958 e dentre tantas narrações feitas, as principais são a Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, a abertura do Beira-Rio em 1969 e os primeiros gols feitos no novo estádio colorado. Infelizmente, em 1973, devido a um acidente automobilístico, Pereira morre, aos 35 anos.

reproduz a música gravada em discos, deixando de produzir programas adequados às características como meio de comunicação. (ORTRIWANO, 1990, p. 82).

Com a chegada da televisão no Brasil em 1950, o rádio começou a perder sua influência no mercado de propaganda, contudo, o desconhecimento das características do novo meio e a falta de receptores garantiram ao rádio sua posição no mercado até a Copa do Mundo de Futebol de 1958, na Suécia. (PEREIRA, 2012, p. 4).

No Rio Grande do Sul, essas mudanças demoraram um pouco mais para acontecer. De acordo com Dillenburg (1985, p. 99):

O rádio sulino, a exemplo das emissoras do Rio e São Paulo, e também de Minas Gerais, ia de vento em popa. Era o dono absoluto da audiência, embora no centro do país já sofresse a concorrência da televisão. Os aparelhos de TV eram ainda caros e inacessíveis ao grande público, que tinham que se contentar com o velho rádio ou transformar-se na coqueluche do momento: o telezinho. Eram os primeiros sinais de mudança. No sul, no entanto, a televisão ainda era uma sonhada aspiração, que invejava o privilégio dos cariocas e paulistas. Assim, o melhor era continuar com os antigos esquemas dos programas radiofônicos.

Nos anos seguintes, a televisão surge para os gaúchos, contudo:

Com o advento da televisão no Rio Grande do Sul, em 1955, o rádio teve que reciclar-se. Muitos acreditavam em seu fim ou, pelo menos, na perda da sua força. Assim como muitos pensavam do jornal em relação ao rádio. O resultado, porém, não se fez esperar. Enfrentando a poderosa novidade, representada pela TV, o rádio modificou sua linguagem, tornando-se mais dinâmico e participativo junto ao público. Seus “programas selecionados” deram lugar a espaços mais populares, ao mesmo tempo, em que se profissionalizava cada vez mais. (DILLENBURG, 1985, p. 12).

Em 1956, a grande janela dos porto-alegrenses para o mundo era o Rádio. Naquela época, a capital do Rio Grande do Sul contava apenas com a Farroupilha, que mantinha a preferência dos ouvintes, a Difusora, a Gaúcha e a Itaí. No interior do estado, no entanto, o número de emissoras se multiplicava. (DILLENBURG, 1985, p. 111).

Já em relação ao rádio em conjunto ao futebol, cabe aqui ressaltar que, embora o rádio tenha sofrido algumas consequências com o aparecimento da televisão, de acordo com Giacomello (2008, p.57, grifo nosso):

Qualquer indivíduo, amante ou não do futebol, que se depara com as narrações de rádio e de televisão de uma partida de futebol, poderá facilmente identificá-la como sendo de um meio de comunicação ou de outro. Ambos possuem características próprias. O ritmo da narrativa, as metáforas, os bordões são recursos linguísticos característicos das transmissões futebolísticas e ganham contornos especiais nas ondas do rádio.

No entanto, damos ênfase aqui ao caso da Rádio Guaíba, que possui o jornalismo esportivo como forte traço, desde o ano em que foi fundada. Para Götz (2020, p. 65):



No Rio Grande do Sul, em 1959, já operava, em caráter experimental, a TV Piratini, a primeira emissora do estado. E nesse momento, eram bastante comuns os questionamentos sobre o futuro do rádio, com perguntas do tipo: será que o rádio morrerá? O fato é que, ao contrário do que se temia, o rádio não morreu. Exemplo disso é que, em 1957, foi inaugurada uma das emissoras de maior importância na história do rádio porto-alegrense, gaúcho e brasileiro, a Rádio Guaíba. Em plena popularização da televisão em âmbito nacional, a Rádio Guaíba surgiu com a meta de produzir um tipo de rádio com conteúdo e som qualificados.

Inaugurada em 1957, desde o fim de 1956 a Guaíba já fazia testes para a sua futura transmissão, dando desde o início destaque ao futebol. Um ano após a inauguração da rádio, sua audiência já era sólida entre os gaúchos. Sobre a estreia da rádio, sua relação com o futebol e seu sucesso no fim da década de 1950, Mércio (2008, p. 214), diz que:

Embora já tivesse uma grade de programação definida antes de sua estréia, nas semanas seguintes a Rádio Guaíba apresentou muitas novidades. No dia seis de maio de 1957, a emissora colocava no ar o programa Football à moda da casa. Apresentado pelo comentarista esportivo Aurélio Reis, o novo programa era transmitido às segundas, quartas e sextas-feiras, às 18h30min, sob o patrocínio da Companhia de Cigarros Sinimbu.

As transmissões esportivas não eram novidade no Rio Grande do Sul quando a Rádio Guaíba entrou no ar. Em 1957, três emissoras de Porto Alegre dedicavam espaços de sua programação ao esporte: Gaúcha, Farroupilha e Difusora. A Itai, com transmissores instalados em Guaíba, na Grande Porto Alegre, também dava destaque para o tema. O diferencial da ZYU-58 estava no fato dela já definir em sua primeira grade de programação, qual seria o espaço destinado ao esporte. No primeiro domingo depois da inauguração, dia cinco de maio de 1957, a transmissão do Torneio Início, vencido pelo Sport Club Internacional, inaugurou as jornadas esportivas. De segunda a sábado, das 19h05min às 19h20min, era irradiado o Rádio Manchetes Folha Esportiva. Sábados e domingos, das 13h30min às 13h40min, era a vez do Folha Esportiva Antecipa a Jornada. Desta forma, o esporte ocupava, no mínimo, 2h40min da grade por semana. Aos poucos, novos programas esportivos são acrescidos à programação (MÉRCIO, 2008, p. 242).

A Guaíba termina a década de 50 com uma programação jornalística bem estruturada. Além dos noticiários, o jornalismo se faz presente em diversos programas. Um deles é o Távola Redonda, que recebeu em seus estúdios o candidato à presidência da República, Jânio Quadros, em dezembro de 1959. (MÉRCIO, 2008, p. 221-222).

Após a inauguração da emissora, e da estruturação do departamento de esportes em 1958, o rádio ganhou maior impulso e organização (DALPIAZ, 2002, p. 11). Um ano após sua fundação, a Rádio Guaíba já transmitia inclusive a Copa do Mundo (1958), enviada à Europa uma equipe formada apenas por gaúchos. A rádio Guaíba disponibilizou, à pesquisadora, a narração da final da Copa de 1958, que aconteceu no dia 29 de junho de 1958 entre Brasil e Suécia, percebe-se o que já havia sido comentado anteriormente: a presença de anúncios. A chegada dos patrocinadores e dos comerciais contribuíram com a popularização

do rádio. No jogo entre Brasil e Suécia, há a propaganda de uma gasolina, em que o narrador diz:

*“Arranque imediato, partida mais suave, potência duplicada, rendimento extra: eis os resultados imediatos da nova gasolina, pura, Ipiranga”.*

Por ser uma narração de um campeonato mundial, cabe destacar que não se ouviu frases que onde o imaginário de um futebol sul-rio-grandense fosse enaltecido, ou mesmo comentado. Já nos primeiros minutos de jogo, a equipe sueca marca um gol, contudo a seleção brasileira se consagra campeã da Copa do Mundo de Futebol de 1958.

A Copa seguinte (1962) contribuiu para que a emissora radiofônica ganhasse ainda mais espaço na preferência dos gaúchos. Ainda em 1958, a Rádio Guaíba e o rádio em geral, em Porto Alegre ganha destaque, como explica Dillenburg (1985):

Dois importantes acontecimentos ocorreram no ano de 1958, e que bem demonstram a maioria das comunicações no Rio Grande do Sul. O primeiro aconteceu durante o Campeonato Mundial de Futebol, na Suécia, quando, numa memorável e perfeita transmissão, a Rádio Guaíba narrou os jogos daquele longínquo país [...] O segundo acontecimento foi o surgimento de novas emissoras em Porto Alegre. Em julho era inaugurada a Rádio Cultura de Gravataí, por iniciativa de Gildo Milman e José Iucho, e a Rádio Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (DILLENBURG, 1985, p. 141).

O crescimento da Rádio Guaíba continuou acontecendo na década de 1960. Sobre a rádio, Dillenburg (1985) afirma que:

Na década de 60 a Rádio Guaíba alcançou o mais alto patamar na preferência do público do Rio Grande do Sul, devido, principalmente, à sobriedade de sua programação, ausência de “jingles”, correção dos locutores, música selecionada, espaços culturais e arrojadas transmissões internacionais, além de seu magnífico som. (DILLENBURG, 1985, p. 159).

O decênio dos anos sessenta viu nascer outras emissoras no Rio Grande do Sul. Na cidade de Santa Maria, surgia a 20 de setembro de 1960 a Rádio Medianeira, de orientação católica, sob a coordenação de João Trevisan. Em Porto Alegre, fundava-se no mesmo ano a Rádio Pampa. (DILLENBURG, 1985, p. 161).

A década de 1970 foi de consolidação para a Rádio Guaíba no Rio Grande do Sul, e é o mesmo momento em que a rivalidade entre Rádio Guaíba e Gaúcha começa a crescer mais (GÖTZ, 2020, p. 97). Ainda sobre o rádio do estado, segundo Dillenburg (1985) a música regionalista sempre foi forte nas emissoras do interior (do Rio Grande do Sul), principalmente na região fronteira do Estado, contudo:

Ao entrar na década de setenta, no entanto, a música norte-americana, que também sempre encontrou espaço nas pequenas emissoras do interior, entrou com força necessária para desbancar a polca, a valsa, a mazurca, o schote, a tarantela, a cançoneta e outros ritmos. A moda, então, passou a ser ouvir o rock, o twist e ritmos fabricados para fins – puramente – comerciais. Na fronteira, porém, apesar da novidade importada dos “gringos”, a música regionalista continuou a ser cultivada, mesmo convivendo com os ritmos alienígenas. (DILLENBURG, 1985, p. 163).

É também nos anos de 1970 e 1980, que na rádio Guaíba o futebol conquista maior dimensão, possuindo a rádio uma programação de cerca de 20 horas semanais, cujo tema era o esporte. Enquanto isso, o ano de 1974, na locução de rádio em Porto Alegre, tem como características básicas a velocidade, a descrição e a emoção. É nessa década que aumenta uma rivalidade fora dos gramados: a disputa por ouvintes entre a Rádio Guaíba e a Rádio Gaúcha (GÖTZ, 2020, p. 214).

No rádio, a mesma década marca um novo período que segue até a atualidade. Analisando isoladamente a Guaíba, viu-se a rádio passar por um declínio. Em 1985, ela enfrenta uma crise financeira<sup>20</sup>, sendo vendida ao empresário Renato Bastos Ribeiro em 1986.

É nessa década que o rádio conhece José Aldo Pinheiro, conhecido popularmente como Zé Aldo Pinheiro<sup>21</sup>. O narrador, argentino de nascimento, em 1985 vai para a rádio Gaúcha<sup>22</sup> e, em 1986, migra para a rádio Guaíba. Sobre Zé Aldo, Götz (2020, p. 213) diz:

Da Argentina para o Brasil, surgiu a voz limpa e potente de José Aldo Pinheiro, um “catedrático” do relato de futebol, que, através da valorização da palavra, com uma dicção clara, transmite com emoção toda a vez que a “bola balança a rede e a rede balança a bola”.

Em entrevista dada a Götz (2020), José Aldo Pinheiro diz que sua narração se caracteriza por muita alma, coração e regionalismo. Na Copa de 1994, que aconteceu nos Estados Unidos, a Guaíba mais uma vez estava presente. A Rádio, além disso, na mesma década usou das ferramentas que trouxeram as novas tecnologias, criando *sites* que fazem com que o ouvinte veja a programação e interaja de forma mais rápida com a rádio, mandando e-mails, ouvindo a transmissão pelo computador ou celular, ou participando de promoções. De acordo com Moreira (2002, p. 151, grifo nosso):

---

<sup>20</sup> A rádio Guaíba participa da crise da Empresa Jornalística Caldas Júnior, da qual fazia parte. Foi vendida ao empresário e economista Renato Bastos Ribeiro, que deixou o comando da empresa em 2007, quando o veículo foi vendido para o Grupo Record. O empresário faleceu em 20 de setembro de 2019, aos 75 anos, por causas naturais.

<sup>21</sup> Zé Aldo Pinheiro permaneceu na rádio Guaíba de 1986 a 1995. Retornou à emissora em 2017, onde trabalha até os dias atuais.

<sup>22</sup> Frequência 93.7 FM ou 600 AM. Sítio Eletrônico: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>

As transmissões de rádio na Internet aproveitam-se de qualidades comuns dos dois meios, como a interatividade e a instantaneidade, ampliadas em escala global. [...] A relação entre rádio e ouvinte que se estabeleceu nesse contexto global, acessível com o clicar de um botão, talvez seja o aspecto que melhor ilustre a dinâmica das transmissões radiofônicas virtuais. [...] o rádio via Internet personaliza a transmissão: além de ouvir os programas ao vivo, o ouvinte do outro lado da linha pode, simultaneamente, entrar em contato via e-mail, consultar o arquivo da emissora, chegar a programação ou até mesmo gravar para o disco rígido do computador músicas ou programas de seu interesse.

Sobre o uso da internet pela Rádio Guaíba, Mércio (2008, p. 236), afirma que:

Em 1997, a Guaíba passa a disponibilizar, em tempo real, via Internet, a programação da emissora. Com isso, os “guaibeiros” podem acessar a estação de qualquer parte do mundo. Em 1998, o site é atualizado, permitindo que os navegadores tenham acesso a informações sobre os programas, apresentadores, trilhas sonoras, fotos, história da ZYU-58 e grade de programação da AM e da FM.

Outra característica forte da rádio em análise, é seu foco nos esportes, desde sua fundação até os dias atuais. A mesma transmitiu todas as Copas do Mundo, entre os anos de 1958 e 2010<sup>23</sup>. E se na década de 1980 passou por problemas financeiros, teve no início dos anos 2000 muito sucesso. No ano de 2007, contudo, a Rádio Guaíba possui um novo proprietário. Juntamente com o *Correio do Povo* e a *TV Guaíba*, a Rádio é vendida à Igreja Universal do Reino de Deus, proprietária do Grupo Record, até o momento ainda sendo a dona da Rádio.

Atualmente, com o slogan “Informação com credibilidade”, continua se dedicando ao esporte e ao jornalismo. A Rádio Guaíba opera na amplitude modulada dos 720KHz e na frequência modulada dos 101,2MHz. De segunda a sexta, dedica 22,5% da programação ao esporte (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2017). Já aos domingos, o índice sobe para 52% (GUIMARÃES, 2018).

Como se pode notar no quadro seguinte, durante a semana a rádio possui três programas esportivos diários e onze durante os finais de semana. Esse aumento de programas esportivos aos sábados e domingos se deve também por acontecer um maior número de jogos nesses dias, cabendo ressaltar que tanto a Arena do Grêmio, quanto o Beira-Rio, possuem ainda hoje cabines fixas para as emissoras de rádio (GÖTZ, 2020, p. 64). Semanalmente, a rádio acumula quase 22 horas de programas dedicados aos diversos esportes ou

---

<sup>23</sup> A Rádio Guaíba não transmitiu a Copa do Mundo de 2014, que aconteceu justamente no Brasil, devido a problemas na negociação com a Rede Globo, dona dos direitos de transmissão. A emissora também não transmitiu a Copa do Mundo seguinte (2018) pelo mesmo motivo. A Rádio Guaíba encontrou outras formas de cobrir o evento, realizando debates em tempo real de jogo e acompanhando as torcidas, contudo, o fato fez com que o slogan *A rádio de todas as Copas*, usado pela emissora fosse encerrado, como afirma Götz (2014).

exclusivamente ao futebol, dando maior ênfase ao futebol gaúcho, regionalismo característico do aparelho sonoro. Abaixo, sua atual programação esportiva:

**Quadro 3:** Programação Esportiva da Rádio Guaíba

<b>Dia da Semana</b>	<b>Programa</b>	<b>Horário</b>
Segunda à Sexta	Ganhando o Jogo	11h30 – 13h00
	Repórter Esportivo	17h – 19h
	Programa Esportes	20 h – 22h
Sábado	Esporte na Mesa	12h – 12h50
	Nocaute Guaíba	15h – 15h30
	Bola Oval	15h30 – 16h
	Guaíba Futebol Clube	16h – 18h
Domingo	Concentração	09h30 – 13h
	Posse de Bola	13h – 14h
	Esperando o Futebol	14h – 16h
	Futebol Guaíba	16h -18h
	Vestiário	18h – 19h
	Bate Pronto	19h – 21h
	Placar Guaíba	21h – 22h

Fonte: Website oficial: Rádio Guaíba

Já sobre as características das narrações, para Götz (2020, p. 214):

Atualmente não se exige mais que o narrador possua um timbre impostado. Quer-se clareza e conteúdo. A velocidade também foi diminuindo gradualmente, e, hoje, está próxima do ritmo que é feita na televisão.

Embora as rádios tradicionais continuem em Porto Alegre, novas formas de se falar do futebol surgiram. Sobre esse fato, Götz (2020), diz:

Atualmente, são comuns as variadas formas de difusão do rádio pela internet, seja por *links* de áudio nos sites das emissoras, ou por aplicativos de sistemas de aparelhos celulares, como os *androids*. (GÖTZ, 2020, p. 144, grifo do autor).

Apesar da tradição das rádios de Porto Alegre, Grêmio e Internacional também observaram o meio como uma oportunidade de mercado e opção para seus ouvintes torcedores. Atualmente, o Internacional tem apostado em formatos audiovisuais. O clube possui um canal de vídeos no YouTube, onde posta reportagens especiais sobre acontecimentos relacionados ao cotidiano. Geralmente, quando o Internacional contrata um novo atleta, o Canal do Inter<sup>24</sup>, como é conhecido, entrevista o jogador primeiramente, antes das demais emissoras de rádio e de televisão. O Internacional também transmite jogos pela sua *web rádio*<sup>25</sup>, através do Facebook. No dia 14 de julho de 2019, a rádio Colorada passou a ser retransmitida pela Rádio Sara Brasil FM<sup>26</sup>, com sinal local na região de Porto Alegre. O Grêmio por sua vez, além de contar com transmissões e reportagens através da Grêmio TV<sup>27</sup>, possui também uma rádio própria, a Rádio Grêmio<sup>28</sup>. Em janeiro de 2015, a direção gremista firmou uma parceria e lançou uma emissora em FM, a Rádio Grêmio Umbro 90MHz. (GÖTZ, 2020, p. 150).

No quadro 04, encontram-se as atuais rádios porto-alegrenses e seus respectivos narradores esportivos, já no quadro 05, o quadro de narradores das *web rádios* da capital gaúcha.

**Quadro 4:** Atuais rádios porto-alegrenses e seus respectivos narradores esportivos

<b>Rádio</b>	<b>Narradores</b>
Rádio Bandeirantes <sup>29</sup>	Marco Antônio Pereira, Sérgio Boaz e Marcos Couto.
Rádio do Internacional	Leonardo Fister, Diego Brião e Ernani Campelo
Rádio Gaúcha	Pedro Ernesto Denardin, Gustavo Manhago, Marcelo de Bona e André Silva
Rádio Grêmio Umbro	Cristiano Olivesky e Rodrigo Fatturi
Rádio Grenal <sup>30</sup>	Haroldo de Souza Italo Gall, Angelo Afonso e Henrique Pereira
Rádio Guaíba	José Aldo Pinheiro, Orestes de Andrade, Luís Magno e Rafael Pfeiffer

Fonte: Götz (2020)

<sup>24</sup> Ver: <https://www.youtube.com/c/scinternacional>

<sup>25</sup> Ver: <https://internacional.com.br/radiocolorada/>

<sup>26</sup> Ver: <https://sarabrasilfm.com.br>

<sup>27</sup> Ver: <https://www.youtube.com/gremiotvoficial>

<sup>28</sup> Ver: <https://gremio.net/conteudo/index/55>

<sup>29</sup> Frequência 94.9 FM ou 640 AM. Sítio Eletrônico: [radios.band.uol.com.br](http://radios.band.uol.com.br)

<sup>30</sup> Frequência 95.9 FM. Sítio Eletrônico: [radiogrenal.com.br](http://radiogrenal.com.br)

**Quadro 5:** Atuais web rádios porto-alegrenses e seus respectivos narradores esportivos

Web rádio	Narradores
Rádio Como É Bom Ser Colorado <sup>31</sup>	Luís Soares
Rádio Estação Web <sup>32</sup>	Carlos Jornada, César Weiler, Clairene Giacobe <sup>33</sup> , Jônata Machado, Renan Silva Neves e Ricardo Gonça
Rádio Galera <sup>34</sup>	Adriano Garcia, Dagoberto Machado, Leonardo Sá, Jairo Kuba e Fabiano Bernardes
Rádio Inferno <sup>35</sup>	Lucas Dalenogare e Tiago Suman
Rádio Ouvinte <sup>36</sup>	Paulo César Carvalho e Olmes Tortorelli
Rádio Pachola <sup>37</sup>	Juliano Britto
Rádio Web Líder <sup>38</sup>	Dagoberto Machado, Robert Abel e Ricardo Gonça

Fonte: Götz (2020)

- **Futebol**

A história do futebol será contada, ressaltando o importante papel dos britânicos na difusão do esporte. Essa informação se mostra importante para, posteriormente, entendermos as influências platinas que o futebol do Rio Grande do Sul recebeu. O geógrafo francês Loïc Ravenel (1998) afirma ter existido três maneiras de difusão do futebol, todas elas realizadas pelos ingleses:

- I. Ingleses em outros países, criando clubes de futebol.
- II. Através da relação dos ingleses com os nacionais.
- III. Pessoas de determinado país ao verem ingleses jogando futebol entre si, decidem imitar a prática esportiva.

---

<sup>31</sup> Sítio eletrônico: <http://www.cxrádio.com.br>

<sup>32</sup> Sítio eletrônico: [radioestacaoweb.com](http://radioestacaoweb.com)

<sup>33</sup> Dentre todas as rádios e web rádios aqui listadas, Clairene Giacobe é a única locutora em atividade.

<sup>34</sup> Sítio eletrônico: <http://rdgalera.com>

<sup>35</sup> Sítio eletrônico: <https://www.youtube.com/c/infernomeuestino>

<sup>36</sup> Sítio eletrônico: <https://radioouvinte.com.br>

<sup>37</sup> Sítio eletrônico: <https://www.youtube.com/c/RADIOPACHOLA>

<sup>38</sup> Sítio eletrônico: <https://www.radioweblider.com>

A respeito da propagação do esporte, Franco Júnior (2007, p. 23) também contribui:

A propagação do futebol seguiu a lógica da influência cultural inglesa: de início nas próprias ilhas britânicas, a seguir na Europa germânica, depois na Europa Latina, pouco mais tarde na América Latina. Não foi casual que nesta região vários clubes tenham adotado nomes ingleses, na Argentina (Banfield, Boca Juniors, Newell's Old Boys, River Plate, Vélez Sársfield), no Brasil (Arsenal do Mato Grosso, Corinthians de São Paulo, River do Piauí, Tramways de Pernambuco), no Chile (Everton, Green Cross, Wanderers), na Bolívia (The Strongest), ou no Peru (Sporting Cristal).

Sobre a chegada do futebol na América do Sul, através dos britânicos, Mascarenhas (2014, p. 44) afirma:

A América do Sul não apresentava naquele contexto nenhuma modalidade esportiva plenamente consolidada, de forma que pôde abraçar o futebol como seu esporte predileto. Em síntese, a grande extensão do Império Britânico propiciou a larga difusão da informação “futebol”, mas seu efetivo advento dependeu de fatores locais, de modo que somente uma abordagem geograficamente fundada pode dar conta dos diferentes ritmos de adoção da inovação. (Mascarenhas, 2014, p.44).

Na difusão do esporte pelo continente, os portos jogaram um papel notável como geografias de irradiação, pois:

Os ingleses que migraram para trabalhar no setor de mercado interno (ferrovias, empresas de serviços urbanos), em minas e em fábricas, por sua atitude às vezes arrogante e decerto culturalmente autorreferenciada (“fechada em *clubs*”), pouco difundiram o futebol em terras estrangeiras (relativamente falando, considerando-se sua presença expressiva). Os marinheiros britânicos, por seu turno, entretinham-se pelos portos do mundo praticando informalmente o futebol. Gozavam, portanto, de maior visibilidade, fazendo as cidades portuárias serem, amiúde, as primeiras a tomar contato com a novidade. (MASCARENHAS, 2014, p. 40).

### ● O futebol platino e seu contato inicial com o futebol gaúcho

No caso dos portos, é interessante pensar na cidade de Buenos Aires (Argentina) e Montevideu (Uruguai), já que o início do futebol platino influenciou bastante a história do futebol gaúcho. As respectivas cidades portuárias a partir da exibição informal dos marinheiros ingleses, tiveram um contato precoce com o futebol, contato que veio bem antes de qualquer outra região argentina, uruguaia ou mesmo brasileira, como afirma Mascarenhas (2014). No Brasil, até o ano de 1900, não existia nenhuma liga de futebol, enquanto isso, o eixo do Prata (Buenos Aires e Montevideu) já realizava eventos futebolísticos, ainda tendo forte influência dos ingleses.

Com tamanha precocidade e rápido desenvolvimento, o futebol platino se destacava no início do século com ampla superioridade técnica. Certamente, em nenhuma cidade brasileira houve uma concentração espacial de firmas britânicas tão elevada



como a que se verificou em Buenos Aires naquele período. (MASCARENHAS, 2014, p. 48).

Em 1848, as primeiras regras do esporte já estavam sendo criadas (e aplicadas também na América do Sul) posteriormente sendo aperfeiçoadas, como mostra o quadro seis.

**Quadro 6:** Início das primeiras regras do futebol

<b>Ano</b>	<b>Regra</b>
1848	Primeira uniformização das regras
1868	Introdução do árbitro
1869	Criação do tiro de meta
1871	Surge o goleiro
1872	Definiu-se a medida e peso da bola do jogo
1877	Noventa minutos a duração de cada partida
1891	Surgem os bandeirinhas

Fonte: Franco Júnior (2007)

Durante as primeiras décadas de 1900, o contato prévio da Argentina e do Uruguai com o futebol já dava resultados. O futebol uruguaio já se mostrava uma potência, vencendo seis das dez primeiras edições da Copa América. Entre os anos de 1916 e 1926 (como visto no quadro seguinte), a seleção do país chegou a sete decisões, das quais foi campeã em seis:

**Quadro 7:** Campeões e Vices da Copa América (1916 - 1926)

<b>Ano</b>	<b>Campeão</b>	<b>Vice</b>
1916	<b>Uruguai</b>	Argentina
1917	<b>Uruguai</b>	Argentina
1919	Brasil	<b>Uruguai</b>
1920	<b>Uruguai</b>	Argentina
1921	Argentina	Brasil
1922	Brasil	Paraguai
1923	<b>Uruguai</b>	Argentina
1924	<b>Uruguai</b>	Argentina

1925	Argentina	Brasil
1926	<b>Uruguai</b>	Argentina

Fonte: Trevisan (2019)

Analisando o quadro referente aos primeiros anos da Copa América, cabe salientar que a Argentina também se destacou no período. O país chegou a oito finais, sendo campeão nos anos de 1921 e 1925, ambos os jogos disputados com o Brasil. Ainda referente ao quadro, o ano de 1918 não foi colocado, pois em decorrência de um surto de gripe no Brasil, o evento foi cancelado. Em 1930, ano em que o país uruguaio sediou a Copa do Mundo, também conquistou o título de campeão mundial, ficando com a segunda colocação a seleção argentina.

Durante toda a história do futebol platino, jogadores argentinos e uruguaios se destacaram pelo mundo. Dentre os jogadores da Argentina, destacam-se Batistuta (que disputou três Copas do Mundo e é um dos maiores artilheiros da história do futebol), Di Stéfano, Diego Maradona, Riquelme, Carlos Tévez e Lionel Messi (que ganhou por cinco anos o título de melhor jogador do mundo). Em relação a jogadores uruguaios, destacam-se: Obdulio Varela, Enzo Francescoli, Pedro Rocha e Suárez.

Tamanho sucesso não aconteceu por acaso. O futebol platino possui algumas singularidades, como aponta Archetti (1995), quando destaca que a presença de ingleses na Argentina e no Uruguai, fizeram com que os países possuíssem escolas inglesas, onde o futebol já era praticado desde 1870. Destaca-se com a informação apontada por Archetti (1995) que, se no início a divulgação do futebol acontecia através principalmente de marinheiros, logo depois as escolas também contribuem com a disseminação do esporte, seja na Argentina, Uruguai ou mesmo Brasil, já que no Rio Grande do Sul, o futebol chega através de padres que levam o esporte às escolas maristas, contribuindo com a difusão do esporte (URBIM, 1999).

- **A difusão do futebol no Brasil**

Entretanto, se na Argentina e no Uruguai sabe-se onde o futebol começa a ser difundido, a história futebolística no Brasil tem seu início diferente:

Não podemos localizar um único ponto no território do Brasil a partir do qual o futebol, como inovação, tenha se introduzido e se difundido espacialmente. [...] Verifica-se, então, um caso atípico, no qual o futebol penetra no território nacional

quase simultaneamente por vários pontos desconectados entre si (mas conectados com o exterior), como incursões independentes no movimento conjunto da difusão. (MASCARENHAS, 2014, p. 49, grifo nosso).

De um modo geral, o processo de introdução e difusão espacial do futebol no Brasil “obedeceu” à heterogeneidade da base territorial: a distribuição e a estrutura do sistema urbano, as conexões com o exterior, o dinamismo de cada cidade e particularmente a geografia do Imperialismo Britânico, que em determinado período imprimiu-se de forma destacada na composição técnica do território brasileiro. Somente num segundo momento, é que as metrópoles nacionais nascentes passaram a atuar como difusoras do futebol. Neste quadro, torna-se difícil precisar uma única ou principal “porta de entrada” do esporte das multidões no Brasil. (MASCARENHAS, 2002, p. 90).

Quando o futebol inicia sua larga difusão planetária (1880-1900), encontra no Brasil um território fragmentado e com uma diminuta base urbana: menos de um décimo da população brasileira vivia em cidades em 1900. [...] somente a partir de 1930 o território conhecerá o início de sua integração efetiva. (MASCARENHAS, 2014, p. 56).

O país mais exitoso internacionalmente de toda América Latina no futebol, o maior fornecedor de heróis futebolísticos do planeta, o único ganhador de cinco Copas do Mundo, o que foi apelidado *O país do futebol* ou *A pátria de chuteiras*, organizou sua Federação nacional em 1914, duas décadas depois que a Argentina e 15 anos mais tarde que o Uruguai; e só teve um torneio nacional, em que participaram times de diversas partes do imenso país (a Taça Brasil), em 1959 (...) uma história da invenção do futebol brasileiro deverá ser, necessariamente, as múltiplas histórias de suas múltiplas fundações. E dentre elas, uma em particular: a fundação de seu futebol mestiço (ALABARCES, 2022, p. 99).

Sobre a adoção do esporte ter acontecido de maneira diferenciada no país, Mascarenhas (2000, p. 7) também justifica:

No Brasil, neste sentido, é evidente o ritmo diferenciado de adoção do futebol quando comparamos a zona de colonização alemã no Sul (já habituada aos exercícios físicos e à prática do esportivo) com o sertão do Nordeste, onde a atitude de correr atrás de uma pelota de couro era vista com muito estranhamento, sobretudo quando realizada por adultos, trajados também de forma insólita.

Até 1900 não existia no Brasil nenhuma liga de futebol e, portanto, nenhum campeonato. Ao que parece, somente o próspero eixo do Prata (Buenos Aires e Montevideu) realizava regularmente eventos futebolísticos naquela virada de século (MASCARENHAS, 2014, p. 45).

- **O futebol no Rio Grande do Sul**

De acordo com a Confederação Brasileira de Futebol<sup>39</sup> (CBF), 19 de julho é o Dia Nacional do Futebol. A data não foi escolhida por acaso, foi no dia 19 de julho de 1900 que foi fundado o *Sport Club Rio Grande*<sup>40</sup>, clube de Rio Grande, cidade localizada no estado do Rio Grande do Sul – sendo, então, o futebol mais antigo do país o do estado gaúcho (GUAZZELLI, 2000).

O Sport Club Rio Grande contribuiu bastante para a difusão do esporte no estado, de acordo com Mascarenhas:

Em cada cidade, os primeiros praticantes do futebol buscavam superar o isolamento e incentivar a adesão de novos praticantes. No Rio Grande do Sul, o SC Rio Grande, mais longo clube brasileiro de futebol, quando era ainda uma novidade na cidade homônima, estabeleceu uma política de doar a instituições educacionais rio-grandinas as bolas de futebol já muito usadas, a fim de estimular a prática entre os meninos. (MASCARENHAS, 2014, p. 85).

O clube visitou várias cidades (Pelotas, Porto Alegre, Bagé) com a missão de difundir o futebol e garantir sua continuidade, em vez de deixá-lo parecer como outras modalidades que foram consideradas modismo. (MASCARENHAS, 2014, p. 86).

Se em 1891 o futebol já possuía parte de suas regras bem fundamentadas e era popular entre países da Europa, no Brasil, em 1900, encontrou um território ainda bastante fragmentado. No caso do futebol gaúcho, “Ainda que favorecido pela cercania com Uruguai e Argentina (o estado faz fronteira ao sul e ao oeste com ambos países) o futebol gaúcho permaneceu relativamente isolado do centro brasileiro” (ALABARCES, 2022, p.112) Nesse contexto, um modelo de futebol tipicamente gaúcho não tardaria a ser construído (embora como será visto no decorrer da pesquisa, tivesse um prazo de duração, devido a fatores também comentados no texto). Após o surgimento do Sport Club Rio Grande, outros times no Rio Grande do Sul, começaram a ser formados (Quadro 8).

**Quadro 8:** Primeiros clubes fundados no Rio Grande do Sul

Data	Clube	Cidade
1900	Sport Club Rio Grande	Rio Grande
1902	Esporte Clube 14 de Julho	Santana do Livramento
1903	Fussball Club Porto Alegre	Porto Alegre
1903	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre

<sup>39</sup> Ver em: [www.cbf.com.br](http://www.cbf.com.br)

<sup>40</sup> Ver em: [www.scriogrande.com](http://www.scriogrande.com)

1906	Sport Club Pelotas	Pelotas
1907	Guarany Futebol Clube	Bagé
1908	Sport Club São Paulo	Rio Grande
1909	Sport Club Internacional	Porto Alegre

Fonte: Elaborado pela autora com informações dos sítios oficiais dos clubes

Pelotas ganha destaque quando se analisa o processo de industrialização que aconteceu na cidade e que influenciou a popularização do futebol:

Em todas as cidades brasileiras que vivenciaram com maior intensidade o processo de industrialização, foram formados “clubes de fábrica”, Pelotas (RS), que no início do século XX se autodenominava a “Manchester do Sul”, por seu destacado parque industrial, foi pródiga na popularização do futebol. (MASCARENHAS, 2014, p. 95).

Além dos portos e ferrovias, as indústrias também foram um meio de difusão do futebol na Europa e na América do Sul. A relação entre futebol e as fábricas possui inclusive explicações mais profundas. Para Mascarenhas (2014, p. 91):

Examinando as regras do futebol, podemos detectar em sua configuração vários aspectos que o aproximam daquele nascente mundo fabril. Primeiro, o trabalho em equipe, que, grosso modo, diferencia a fábrica moderna da velha produção artesanal. Outra característica, resultante da ação articulada coletivamente, é a especialização individual. Um jogador de futebol assume determinadas funções relacionadas à sua posição no time e no campo de jogo, e deve nela se especializar, tal qual o operário numa linha de montagem.

Como visto, a ampliação do futebol ia acontecendo no estado gaúcho, seja pela proximidade com Argentina e Uruguai ou mesmo com a industrialização que acontecia em algumas cidades, como Pelotas. Não tardou para o futebol gaúcho se popularizar e com a quantidade de torcedores crescendo, era necessária a construção de estádios.

O Grêmio, em 1904 (um ano após a sua fundação) construiu o Estádio da Baixada, primeiro estádio da região Sul do país. A construção esportiva se localizava em um bairro nobre da cidade, informação importante quando se analisa a história do futebol, já que nos primeiros anos da difusão do esporte pelo mundo, era visto como atividade praticada pelas elites. O estádio permaneceu no bairro até 1954, ano em que o time tricolor inaugura o estádio

Olímpico<sup>41</sup>, com uma capacidade bem maior de assentos, para receber os torcedores “gremistas”.

Como já dito, o esporte era praticado pelas elites, entretanto, logo se popularizou nas demais classes. Mascarenhas (2014, p. 88-89) explica que:

Apesar de ser introduzido no circuito exclusivo das elites locais, e de consistir em entretenimento de alto custo<sup>42</sup>, o futebol tendeu a se popularizar velozmente por motivos já bastante estudados. Trata-se, em primeiro lugar, de uma modalidade esportiva de muito fácil improvisação, pois a bola de couro pode ser substituída por bexigas, meias recheadas de trapos e outros objetos de duvidosa esfericidade, com grande variação do grau de tamanho, peso, etc. O “campo” de jogo pode ser improvisado com qualquer terreno de topografia não muito acidentada, um baldio, uma rua, ou praça, na areia da praia ou em pastagens.

Nos primeiros anos de 1910 o esporte, de acordo com Guazzelli (2000), já alcançava todo o Rio Grande do Sul, tendo maiores crescimentos na década seguinte. Para Mascarenhas (2014, p. 148), o futebol gaúcho é extremamente bem-sucedido em termos de difusão do desporto e de organização de um campeonato de ampla cobertura espacial.

O primeiro Campeonato Brasileiro aconteceu apenas em 1971. Bem antes, em 1918 foi fundada a Federação Rio Grande de Desportos, que reuniu Grêmio, Internacional e os demais clubes para organizar um campeonato estadual (COIMBRA; NORONHA, 1994, p. 23 e 24). Em 1919, o primeiro título estadual gaúcho já era disputado, o campeão foi o Grêmio Esportivo Brasil (Brasil de Pelotas), que venceu por 5x1 o Grêmio, em Porto Alegre. O campeonato gaúcho iniciou-se contando com três cidades: Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande (MASCARENHAS, 2014), como pode ser visto no mapa 1.

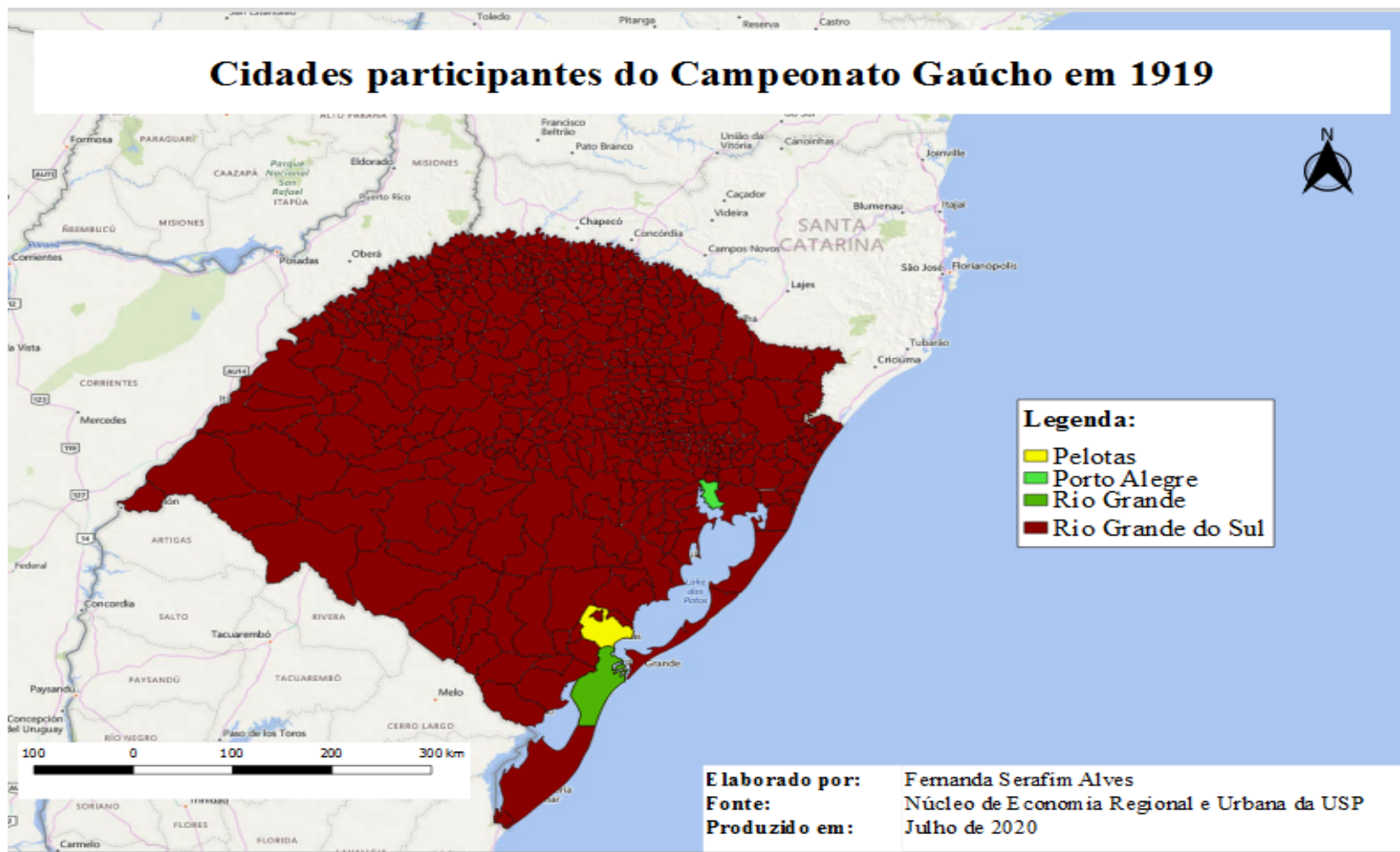
São nos anos de 1920 e 1930 que se consolida a popularização do futebol (MASCARENHAS, 2014, p. 117). A década de 1920 já vê em seu início o fortalecimento do esporte. O campeonato gaúcho do ano de 1920 já abrangia mais cidades participantes, sendo elas, além de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, as seguintes: Cruz Alta, Caxias do Sul, São Leopoldo, Bagé, Alegrete, Santana do Livramento e Uruguaiana (mapa 2).

---

<sup>41</sup> A construção está localizada no bairro Azenha até os dias atuais, embora o estádio esteja infelizmente abandonado.

<sup>42</sup> Nas práticas oficiais eram necessárias bolas inglesas, calçados especiais e uniforme para os times (MASCARENHAS, 2014).

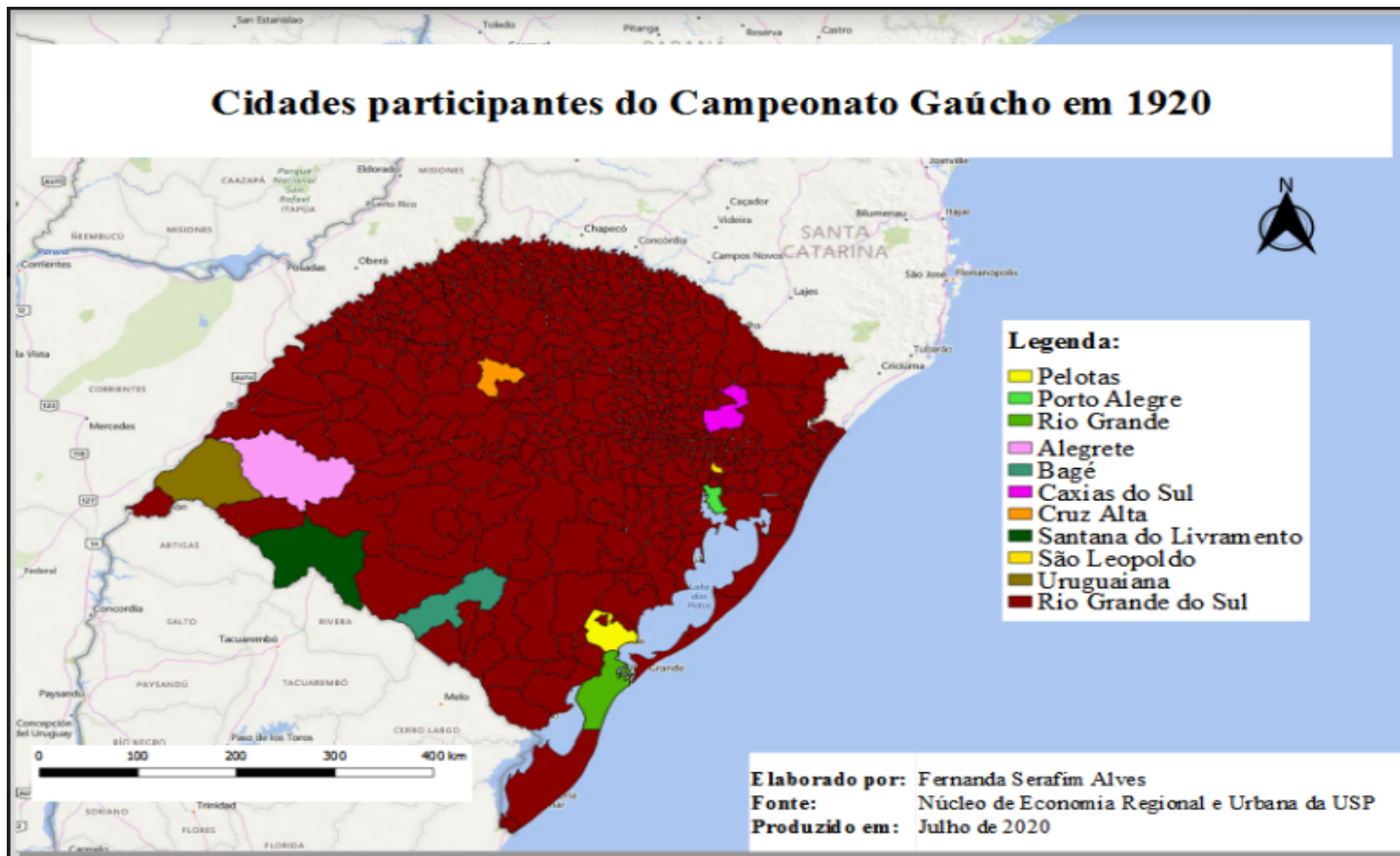
Figura 1: Cidades participantes do Campeonato Gaúcho em 1919



Elaborado pela autora

Fonte:

Figura 2: Cidades participantes do Campeonato Gaúcho de 1920



Fonte: Elaborado pela autora



Nos campeonatos de 1920 a 1929, a capital do estado se destaca, possuindo times campeões em seis campeonatos em um total de oito disputados. Segue no quadro abaixo os campeões do Campeonato Gaúcho, de 1920 a 1929, em seus respectivos anos. No quadro não se encontram os anos de 1923 e 1924, pois não houve a realização do campeonato no estado, devido à Revolução de 1923<sup>43</sup>.

**Quadro 9:** Campeões Gaúchos 1920 – 1929

Ano	Clube	Cidade
1920	Guarany Futebol Clube	Bagé
1921	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
1922	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
1925	Grêmio Esportivo Bagé	Bagé
1926	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
1927	Sport Club Internacional	Porto Alegre
1928	Sport Club Americano	Porto Alegre
1929	Esporte Clube Cruzeiro	Porto Alegre

Fonte: Elaborado pela autora com informações dos sítios oficiais dos clubes

Em relação às características do futebol gaúcho da época, Guimarães (2018) aponta que:

Alguns atributos passaram a ser considerados para revelar uma “identidade do futebol gaúcho”, como virilidade e valorização de um estilo mais próximo ao adotado nos países vizinhos do estado, como o Uruguai e a Argentina. A identidade do futebol gaúcho foi assumida pelo estado e a prática competitiva de futebol não demoraria a chegar à capital. (GUIMARÃES, 2018, p. 41, grifo nosso).

Foi ainda na década de 1930 que os torcedores passaram a acompanhar pelo rádio o campeonato estadual gaúcho, tendo como característica a maioria dos vencedores serem times de fora da capital. Jogadores argentinos e uruguaios também participavam da competição. De

<sup>43</sup> A chamada Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul se deflagrou após a vitória conturbada do presidente reeleito Antônio Augusto Borges de Medeiros contra Joaquim Francisco de Assis nas eleições para presidente do estado no ano de 1922. A suspeita de fraude e invalidade da vitória borgista nas urnas ocasionou um período de crise política e guerra civil que se iniciou no mês de janeiro de 1923, se encerrando apenas em dezembro do mesmo ano através da intervenção federal (DAL FORNO, 2015).

acordo com Coimbra e Noronha (1994), nos times do interior jogavam brancos, pretos, pobres ou ricos, atuando inclusive uruguaios, país com um futebol bem mais desenvolvido na época, enquanto isso, em Porto Alegre, jogavam apenas rapazes considerados “de boa família”. Mascarenhas (2014, p. 128-129) explica que:

Na década de 1930, os clubes de Pelotas, Rio Grande, Livramento e Bagé conquistaram sete dos dez campeonatos estaduais disputados anualmente. A razão principal para essa incômoda superioridade “latifundiário-pastoril” sobre o futebol da capital se amparava na forte influência platina, além, é claro, do poder econômico dos latifundiários da Campanha. Aderindo ao modelo “profissionalista” já consolidado no Prata desde o final da década anterior, tais clubes investiam abertamente na contratação de jogadores talentosos, sem qualquer restrição relacionada a raça ou origem social do atleta. Contando com financiamento dos grandes pecuaristas, o futebol da Campanha estendia sua base de recrutamento para além da fronteira, inserindo em suas equipes jogadores uruguaios (e eventualmente argentinos) de excelente nível técnico. (MASCARENHAS, 2014, p. 128-129, grifo nosso).

Sobre o futebol da época, entre 1930 e 1940 o esporte já era praticado em todo o Brasil urbano (MASCARENHAS, 2014). É em 1931 que acontece a inauguração do *Estádio dos Eucaliptos* (estádio do Internacional), localizado no bairro Menino Deus. O futebol nesse período também conseguiu enormes conquistas: se tornou uma atividade oficialmente remunerada, sendo sua profissionalização ligada diretamente a sua popularização (CREPALDI, 2009, p. 40).

O campeonato gaúcho também se destaca nas décadas de 1930 e 1940. A supremacia dos times de Porto Alegre no campeonato se iniciou em 1940 e continuou até o ano de 1997. O Campeonato Gaúcho vê um significativo destaque dos times da capital. Durante todo esse tempo, apenas os clubes de Porto Alegre foram campeões, sendo essa tradição quebrada pelo Juventude (Caxias do Sul), em 1998. Mascarenhas explica tal fato:

Evidentemente, tal hegemonia foi facilitada pela irreversível decadência econômica da Campanha, resultando diretamente na perda do poder aquisitivo de seus clubes, outrora grandes contratadores de talentos individuais. Nessa nova etapa, em que Porto Alegre se afirma como metrópole regional, e seus clubes, como poderosas entidades, a região pecuarista vai deixar de ser a zona vitoriosa para se converter paulatinamente em mera bacia coletora de talentos individuais para suprir as demandas imediatas da dupla Gre-Nal, reproduzindo, no futebol, os circuitos de exploração capitalista (MASCARENHAS, 2014, p. 201).

Contudo, antes desta hegemonia acontecer, times do interior do estado se destacaram no campeonato, como no ano de 1937, quando o Grêmio Foot-Ball Santanense venceu a competição. Sobre o acontecimento, Duarte (2021), explica que:

No Rio Grande do Sul, por exemplo, o Grêmio Santanense, de Livramento, conquistou o Campeonato Gaúcho de 1937 tendo o uruguaio Ricardo Diez como treinador. Graças à posição geográfica (vizinha a Rivera, cidade natal do técnico) e ao dinheiro da pecuária e do charque, foi formado um belo time, mesclando jogadores dos dois lados da fronteira. (DUARTE, 2021, p. 39, grifo nosso).

Também em 1950, o Brasil tornou-se anfitrião da Copa do Mundo. Foram organizadas sedes pelo país e dentre os estados em que aconteceram os jogos estava o Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre aconteceram dois jogos: Iugoslávia x México e Suíça x México, ambos no estádio do Internacional<sup>44</sup>. Na Copa de 50, diversos países europeus acabaram não participando do evento por estarem se recuperando da Segunda Guerra Mundial, que havia chegado ao fim cinco anos antes.

A respeito dos times gaúchos, o time colorado, em 1969, inaugurou o Beira-Rio, no bairro Praia de Belas, estádio que até os dias atuais é usado pelo clube. E é em 1960 que acontece a primeira disputa da Copa Libertadores da América, mas apenas em 1976 o Brasil tem um representante rio-grandense na competição.

Em 1970 o futebol é usado como estratégia governamental na busca por apoio popular, é na mesma década que se inicia o Campeonato Brasileiro. Os primeiros anos deste Campeonato acontecem sem grandes destaques para os clubes gaúchos.

É em 1975 (quatro anos após o início do campeonato) que o Internacional se torna o primeiro time gaúcho a se tornar campeão brasileiro, acontecimento que se repete em 1976 e 1979. Até o ano de 2019, os clubes gaúchos ganharam ou foram vice-campeões doze vezes. Como mostra o quadro a seguir, dentre os times rio-grandenses apenas Grêmio e Internacional se destacaram no campeonato mencionado. O Internacional é o sexto time com mais títulos do Brasileirão (um total de três) e o Grêmio o sétimo (dois títulos), os demais times gaúchos nunca foram campeões do Campeonato Brasileiro.

---

<sup>44</sup> O então estádio era o Estádio dos Eucaliptos, inaugurado em 1931, no bairro Menino Deus. O estádio permaneceu em funcionamento até o ano de 1969, quando o Internacional inaugura o Beira-Rio. A construção esportiva foi demolida em 2012. Atualmente, na área que o abrigava encontra-se a Praça Memorial dos Eucaliptos, em homenagem ao primeiro estádio colorado.

**Quadro 10:** Times gaúchos campeões e vices do Campeonato Brasileiro

Ano	Campeão	Vice
1975	<b>Internacional</b>	Cruzeiro
1976	<b>Internacional</b>	Corinthians
1979	<b>Internacional</b>	Vasco da Gama
1981	<b>Grêmio</b>	São Paulo
1982	Flamengo	<b>Grêmio</b>
1988	Bahia	<b>Internacional</b>
1996	<b>Grêmio</b>	Portuguesa
2005	Corinthians	<b>Internacional</b>
2006	São Paulo	<b>Internacional</b>
2008	São Paulo	<b>Grêmio</b>
2009	Flamengo	<b>Internacional</b>
2013	Cruzeiro	<b>Grêmio</b>

Fonte: Trevisan (2019)

É também nos anos de 1970 que o Rio Grande do Sul vê um de seus clubes participando da Libertadores da América. Em 1976 e 1977, o Internacional participa da competição, contudo, não conquistando o título.

A década de 1980 é para Grêmio e Internacional um bom momento. O Internacional foi vice-campeão da Libertadores em 1980 e o Grêmio campeão brasileiro em 1981 e 1982.

O time tricolor em 1983 e 1984 também é, respectivamente, campeão e vice na Libertadores da América. Na mesma década, o Brasil ganhou um novo campeonato: a Copa do Brasil. Foi em 1989 que se iniciou a competição, tendo como primeiro campeão um time gaúcho: o Grêmio. Parecido com o quadro do Campeonato Brasileiro, na Copa do Brasil, Grêmio e Internacional também são os times do Rio Grande do Sul que se destacam; além deles, apenas o Juventude participou da competição em 1999, como mostra o quadro a seguir.

**Quadro 11:** Times gaúchos campeões e vices da Copa do Brasil

Ano	Campeão	Vice
1989	<b>Grêmio</b>	Sport
1991	Criciúma	<b>Grêmio</b>
1992	<b>Internacional</b>	Fluminense
1992	Cruzeiro	<b>Grêmio</b>
1994	<b>Grêmio</b>	Ceará
1995	Corinthians	<b>Grêmio</b>
1997	<b>Grêmio</b>	Flamengo
1999	<b>Juventude</b>	Botafogo
2001	<b>Grêmio</b>	Corinthians
2009	Corinthians	<b>Internacional</b>
2016	<b>Grêmio</b>	Atlético Mineiro

Fonte: Trevisan (2019)

Os anos 1980, como observado, foi uma ótima década para os dois principais times gaúchos, em nível nacional e internacional. Dentro de campo, os anos seguintes também marcam um bom momento dos times gaúchos – a boa fase já era vista desde a década anterior.

É também nos anos de 1990 que Grêmio e Internacional participam de seis das dez Libertadores da América, sendo o time tricolor o campeão de 1995. Além disso, os dois principais times rio-grandenses estavam em sete das dez finais da Copa do Brasil. Para completar as vitórias da década, o Grêmio foi o campeão do campeonato brasileiro em 1997.

Embora o futebol seja destaque até os dias de hoje, as décadas de 2000 e 2010 viram poucas vezes times gaúchos levantarem a taça de campeão, com exceção do ano de 2017, quando o time tricolor ganhou considerável importância por estar em uma ótima fase, enquanto o time colorado disputava a série B, consequência de um rebaixamento que aconteceu no ano de 2016.

Em 2012, é inaugurada a Arena do Grêmio<sup>45</sup>. O estádio anterior do time tricolor, o Olímpico Monumental, possuía uma característica tradicional dos clubes do Prata (principalmente da Argentina): em comemorações de gol era realizada a “avalanche”<sup>46</sup>. Contudo, a prática não foi levada à Arena do Grêmio, por ter sido proibida após um acidente. O acordo foi feito entre o clube e a torcida.

- **Os grandes nomes do futebol gaúcho**

O Rio Grande do Sul, quando analisado o futebol no estado, também possui personagens consideráveis e conhecidos nacional e mundialmente. Pensando na questão dos técnicos, ganha destaque Ênio Andrade, campeão pelo Internacional em 1979 (ganhando a taça sem perder nenhum jogo). Ênio também ganhou o Campeonato Brasileiro pelo Grêmio em 1981 e em 1985, com o Coritiba.

João Saldanha também é um grande nome gaúcho, o técnico que nasceu em Alegrete chegou a exercer a função na Seleção Brasileira em 1969, classificando o país para a Copa do Mundo de 1970. Saldanha faleceu em 1990, em Roma, onde trabalhava como jornalista esportivo. Outro gaúcho que também comandou a Seleção Brasileira foi Mano Menezes, entretanto, ao contrário de João Saldanha, Mano não teve grande sucesso à frente da Seleção.

Além de Saldanha e Mano Menezes, a Seleção Brasileira teve outros técnicos gaúchos, dentre eles, Oswaldo Brandão, Dunga e Adenor Leonardo Bachi, o Tite. Tite em 2001 se tornou técnico do Grêmio, após uma boa campanha com o Caxias do Sul. Com o tricolor gaúcho ganha o “Gauchão” e a Copa do Brasil. Como técnico do time colorado, foi campeão estadual em 2008 e da Copa Sul-Americana em 2009. Fora dos Pampas, ganhou com o Corinthians seis títulos expressivos, sendo então convidado a treinar a Seleção Brasileira, classificando-a para o mundial de 2018.

O Rio Grande do Sul possui também importantes técnicos nascidos no estado e que, contudo, não comandaram a Seleção Brasileira, dentre eles, destacam-se dois técnicos que anteriormente se consagraram jogadores: Paulo César Carpegiani e Renato Portaluppi. Carpegiani ganhou diversos títulos pelo Flamengo e comandou outra seleção: a do Paraguai, em 1998.

---

<sup>45</sup> Ver em: <http://arenapoa.com.br>

<sup>46</sup> Ato em que a torcida, após um gol, corria arquibancada abaixo. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=hgHl7PQJhzE>

Já Renato Portaluppi, mais conhecido como Renato Gaúcho, ganhou como jogador a Libertadores da América (1983) pelo Grêmio, tendo, como técnico, também ganhado outros títulos – a Copa do Brasil em 2007, no comando do Fluminense. Mas foi no Grêmio onde se consolidou na profissão. No clube tricolor ganhou a Copa do Brasil em 2016, a Libertadores em 2017 e o Gauchão em três edições sucessivas (2018, 2019 e 2020).

Dentre os grandes jogadores gaúchos, além de Renato Portaluppi, destacam-se Ronaldo de Assis Moreira, o Ronaldinho Gaúcho, e Cláudio André Mergen Taffarel, conhecido nacionalmente apenas como Taffarel. Ronaldinho Gaúcho começou sua carreira jogando no Grêmio, ganhando em 2004 e 2005 o título de melhor jogador do mundo. Taffarel jogou no Internacional e no Atlético Mineiro e foi por muitos anos goleiro da Seleção Brasileira.

Como visto neste capítulo, as histórias do futebol e do rádio são antigas no Rio Grande do Sul, ambas recebendo desde seus primórdios influências significativas de países próximos ao estado gaúcho: Argentina e Uruguai. Sobre o estilo de futebol gaúcho, Damo (1999, p. 95), também complementa:

Em termos genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta da apropriação, por parte dos futebolistas – sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos –, de um discurso preestabelecido de culto às tradições.

Outros fatores como o clima hostil – frio, chuvoso etc. – e, por extensão, os gramados enlameados do interior do estado, exigiriam mais ênfase na preparação física dos jogadores em detrimento da técnica e, conseqüentemente, isso teria sido determinante para o estilo diferenciado do futebol gaúcho, mais europeu e portenho do que propriamente brasileiro. (DAMO, 1999, p. 97).

Já em conjunto, o esporte e as emissoras radiofônicas, com suas características regionalistas, até os dias atuais trazem aos torcedores e ouvintes as emoções encontradas em noventa minutos de uma partida de futebol. E, claro, o principal momento de uma disputa no esporte que acontece dentro das quatro linhas: o gol.

## A PAISAGEM SONORA

A paisagem é um conceito submetido a diversos olhares, tanto por geógrafos como por não geógrafos. Todos contribuíram para a compreensão da ação humana na superfície terrestre, transformando-a (CORRÊA, 2014, p. 41). O conceito é um dos mais antigos da Geografia, é um dos primeiros temas desenvolvidos pelos geógrafos alemães, franceses e americanos na perspectiva cultural (FURLANETTO, 2017, p. 56). Em *Metamorfoses do Espaço Habitado* (2014), Milton Santos busca rediscutir as tradicionais categorias geográficas, dentre elas a paisagem. Santos (2014) conceitua paisagem como:

Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser vista como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (SANTOS, 2014, p. 67-68, grifo nosso).

A definição que Milton Santos dá para paisagem é a descrição mais usada pelos geógrafos, sendo inclusive vista em livros didáticos e, portanto, aprendida muito antes de futuros profissionais da Geografia entrarem sequer na graduação, existindo ainda a ideia de paisagem associada também ao belo.

De fato, o conceito de paisagem por anos foi relacionado principalmente ao que é visível, sendo o som e demais sentidos, por vezes, negligenciados ou discutidos de forma superficial, fato este que não se restringe apenas à Geografia, pois “no Ocidente, o ouvido cedeu lugar ao olho, considerado uma das mais importantes fontes de informação” (SCHAFER, 2011a, p. 27). Contudo, Santos (2014) também afirma que “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos” (SANTOS, 2014, p. 68), sendo essa percepção (e os sentidos) não restrita à visão. Porém, os primeiros estudos sobre paisagem dando ênfase ao som foram feitos em áreas fora da Geografia, por exemplo, a Música e a Arquitetura.

Murray Schafer, compositor canadense, foi o criador do termo *soundscape*, que traduzido para o português, passou a ser chamado de “paisagem sonora”. É a partir dos estudos de Schafer que os trabalhos sobre paisagem sonora começam a aparecer no Brasil, embora seus escritos tenham chegado com certo atraso no país, pois *O Ouvido Pensante* (uma das principais obras no autor) foi lançado no Canadá em 1983 e publicado no Brasil quase uma década depois: em 1991, pela editora da Universidade Estadual Paulista.



É interessante perceber que, embora a paisagem seja um dos conceitos principais da Geografia, o estudo da paisagem sonora tenha tido início em outra área, pois como Schafer (2011a) afirma:

O sentido da audição não pode ser desligado à vontade. Não existem pálpebras auditivas. Quando dormimos, nossa percepção de sons é a última porta a se fechar, e é também a primeira a se abrir quando acordamos. (SCHAFER, 2011a p. 29).

Ao contrário de outros órgãos dos sentidos, os ouvidos são expostos e vulneráveis. Os olhos podem ser fechados, se quisermos; os ouvidos não, estão sempre abertos. Os olhos podem focalizar e apontar nossa vontade, enquanto os ouvidos captam todos os sons do horizonte acústico, em todas as direções. (SCHAFER, 2011b, p. 55, grifo nosso).

Além disso, sobre a conceituação do termo paisagem sonora, e a diferenciação de uma análise visual de paisagens, Schafer (2011a) diz:

A paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras. Podemos isolar um ambiente acústico como um campo de estudo, do mesmo modo que podemos estudar as características de uma determinada paisagem. Todavia, formular uma impressão exata de uma paisagem sonora é mais difícil do que a de uma paisagem visual. Não existe nada em sonografia que corresponda à impressão instantânea que a fotografia consegue criar. Com uma câmera é possível detectar os fatos relevantes de um panorama visual e criar uma impressão imediatamente evidente. O microfone não opera dessa maneira. Ele faz uma amostragem de pormenores e nos fornece uma impressão semelhante à de um *close*, mas nada que corresponda a uma fotografia aérea. (SCHAFER, 2011a, p. 23, grifo nosso).

Schafer (2011a, p. 24) complementa no mesmo texto que “uma paisagem sonora consiste em eventos ouvidos e não em objetos vistos”, ou seja, sendo dada no estudo dessa paisagem uma maior atenção ao som. Ao longo do tempo, os estudos sobre a paisagem sonora cresceram, sendo realizados pela Geografia e por outras áreas. Analisando o catálogo de teses e dissertações da Capes<sup>47</sup>, ao buscarmos pelas últimas cem pesquisas que possuísem como palavra-chave o termo, encontramos:

**Quadro 12:** As últimas 100 teses e dissertações sobre paisagem sonora

Quantidade de Trabalhos Defendidos	Área
22	Áreas diversas
19	Arquitetura
14	Comunicação
12	Música

<sup>47</sup> Ver em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>

10	<b>Geografia</b>
05	História
04	Engenharias
03	Artes
03	Urbanismo
02	Estudos de Cultura Contemporânea
02	Ecologia
02	Educação
02	Letras

Fonte: Elaborado pela autora com informações do Catálogo de Teses da Capes

Como observado, 22% das pesquisas analisadas se tratavam de assuntos diversos (uma pesquisa encontrada apenas), as áreas eram: Saúde Ambiental, Patrimônio, Políticas Públicas, Tecnologia da Inteligência, dentre outras, cabendo ainda destacar que parte das pesquisas focaram em um estudo de caso bastante específico e citavam autores de suas respectivas áreas. Estudos de Cultura Contemporânea, Ecologia, Educação e Letras, tiveram respectivamente duas pesquisas relacionadas à paisagem sonora, uma a menos que as áreas de Artes e Urbanismo.

Dando ênfase nos departamentos com maior estudo sobre o conceito, destaca-se significativamente a Arquitetura, possuindo 19 trabalhos sobre a paisagem sonora, sendo seguida pela Comunicação e pela Música. A Geografia fica em quarto lugar quando analisada as cinco maiores áreas que trabalham com o conceito. Informação significativa, pois como já comentado, a paisagem é um dos conceitos-chave da Ciência Geográfica, contudo seu estudo pelo som ainda é algo incipiente.

Ainda sobre as pesquisas realizadas sobre os sons, Schafer (2011a), afirma:

Em várias partes do mundo, importantes pesquisas estão sendo efetuadas em muitas áreas independentes de estudos sônicos: acústica, psicoacústica, otologia, práticas e procedimentos internacionais de controle do ruído, comunicações e engenharia de registros sonoros (música eletroacústica e eletrônica), percepção de padrões auditivos e análise estrutural da linguagem e da música. Essas pesquisas são inter-relacionadas, e cada uma delas refere-se a aspectos da paisagem sonora mundial. De um modo ou de outro, os pesquisadores que se dedicam a esses variados temas estão fazendo a mesma pergunta: Qual é a relação entre os homens e os sons de seu ambiente e o que acontece quando esses sons se modificam? Os estudos a respeito da paisagem sonora tentam unificar essas diferentes pesquisas. (SCHAFER, 2011a, p. 18, grifo nosso).

Como notado, embora o conceito também seja usado como ferramenta de análise em outras áreas, o mesmo, aos poucos, vem ganhando pesquisas realizadas por geógrafos.

Cabendo ainda ressaltar que a audição é um sentido bastante importante para a ciência geográfica e seus estudos, seja da paisagem ou mesmo dos demais conceitos caros à disciplina. Ao se fazer uma análise em menor escala, percebe-se que dentro da Geografia os estudos relacionados à paisagem sonora, se mostraram por anos bastante restritos. Por vezes, o estudo de som na ciência geográfica se restringia às seguintes análises:

I - o som na análise patrimonial, sendo feitos estudos sobre celebrações e festas de determinados grupos, focando na análise dos patrimônios imateriais e paisagens emocionais (SILVA, 2016; FURLANETTO, 2017); e

II - o som sendo analisado como “ruído”, sendo tratado como poluição sonora (CUNHA, 2010; CASTORINO, 2012).

Como se nota a partir dos estilos de análise referidos acima, existe um padrão de se trabalhar o som dentro da paisagem; padrão que por vezes reforça a dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana. Abrangendo a análise, vale ressaltar que no passado, “quando o homem estava com medo dos perigos de um ambiente inexplorado, todo o seu corpo se convertia em um ouvido. Nas florestas virgens da América do Norte, onde a visão ficava restrita a uns poucos metros, a audição era o mais importante dos sentidos” (SCHAFER, 2011a, p. 45), ou seja, homem e natureza estavam ligados pelo som, logo, a dicotomia que a Geografia tanto frisa haver entre eles estaria equivocada.

A presente dissertação busca sugerir um terceiro viés: a paisagem sonora de um grupo cultural que reafirma identidades ao acontecer em lugares específicos, e que não são festividades ou patrimônios imateriais. Mostrando que a partir de um conjunto de sons, de um determinado lugar, é possível identificar a existência de uma paisagem sonora específica. Tal paisagem também não é “natural”, por ser criada com determinada intenção pelo ser humano; tampouco se enquadra como sendo uma poluição sonora.

Ainda citando Milton Santos (2014, p. 68), para o autor “nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto para chegar ao seu significado”. E para Furlanetto (2017, p. 18), “a paisagem reflete a dimensão simbólica das construções socioespaciais, a forma como o homem se relaciona com seu meio e o sentido a ele atribuído”. É o caso encontrado dentro dos estádios de futebol. Mascarenhas (2002, p. 84) diz:

Na condição de elemento central na cultura brasileira, o futebol tem sido capaz de gerar objetos marcantes na paisagem urbana, como os estádios, dotados de notável centralidade funcional e simbólica. (MASCARENHAS, 2002, p. 84).

Além de o futebol gerar objetos marcantes, como afirma o geógrafo, é também na paisagem de uma construção esportiva que se percebe que o local vai além de uma mera construção onde acontece uma partida de futebol; sendo um importante geossímbolo para os torcedores. Nele se encontram diversos simbolismos que afirmam a identidade de um grupo, ligados pelo amor a um clube. Além disso, diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo os seus marcos e significados nelas (SCHIER, 2003, p. 81).

Dentre os marcos construídos dentro dos estádios, vale mencionar a “avalanche”, realizada nas comemorações de gol do Grêmio. O movimento de correr dos torcedores pelos degraus das arquibancadas, quando o time tricolor realizava um gol, foi um dos marcos simbólicos do estádio Olímpico Monumental, antiga construção esportiva do clube e que não continuou sendo realizado na Arena do Grêmio<sup>48</sup>.

Além de marcos visíveis, existem também os marcos sonoros, pois de acordo com Schafer (2011a, p. 27), “marco sonoro se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar”. Marcos importantes são escutados dentro de um estádio, seja pelos marcos sonoros criados pela torcida ou pelos sons da própria partida, sendo o sinal sonoro mais significativo de uma partida a comemoração de um gol. Fica, portanto, evidente que “sons são produtos de momentos” (MAZER et al., 2020, p. 16), fortalecendo as relações em determinados ambientes, no presente estudo de caso: os estádios de futebol.

Considerando os torcedores como grupos culturais, percebe-se que os mesmos realmente interpretam a paisagem (com o signo de segunda casa, quando o estádio é o de seu time, ou apreendendo a paisagem de modo topofóbico, caso seja o de um clube rival) e constroem seus marcos e significados: seja ao colocarem bandeiras nos estádios, ou mesmo através dos sons, ao gritarem ou entoarem hinos dentro das construções esportivas – além de palavrões, que possivelmente não seriam ditos em outros espaços, mas que ali estariam autorizados<sup>49</sup> (BANDEIRA, 2019, p. 20).

---

<sup>48</sup> Um acidente, ocorrido cerca de um mês após a inauguração da Arena do Grêmio durante a “avalanche” fez com que a comemoração fosse proibida de ser realizada. Ver em: <http://ge.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2012/11/arena-policia-proibe-avalanche-e-exige-cadeiras-no-espaco-da-geral.html>

<sup>49</sup> Exceto cânticos ou xingamentos discriminatórios, racistas ou xenófobos, como ressalta o Regimento Interno do Grêmio. Ver em: [https://www.arenapoa.com.br/public/pdf/arena-gremio\\_regimento-interno.pdf](https://www.arenapoa.com.br/public/pdf/arena-gremio_regimento-interno.pdf).

Schafer (2011b) ressalta que faz uma grande diferença se um som é produzido intencionalmente para ser ouvido, ou não. Sabe-se que os sons criados pelas torcidas são realizados com as mais diversas intenções (ora para incentivar seu time, amedrontar o clube rival, ou mesmo provocar a torcida adversária), sejam as vaias, gritos de guerra ou mesmo relembrar momentos marcantes do time ao longo da história. É o caso, por exemplo, de uma das músicas cantadas pela torcida organizada do Grêmio, possuindo os seguintes trechos:

*“Vou torcer pro Grêmio bebendo vinho  
E o Mundial é o meu caminho  
Vou torcer pro Grêmio bebendo vinho  
E o Mundial é o meu caminho*

*Na rádio toca o velho rock’n’roll  
Lembra o Renato, o homem gol  
Nada mais apaga essa história  
Grêmio Imortal, macaco chora”*

No trecho acima, chama atenção algumas palavras, dentre elas, a palavra “vinho”, comumente tomado pelos gaúchos durante o inverno; o nome “Renato”, remetendo a Renato Portaluppi, jogador destaque do time tricolor no mundial de 1983, em que fez dois gols, conquistando o título pelo clube; e, por fim, a palavra “macaco”, usada para designar os torcedores do Internacional. Ou seja, a música cantada com frequência no estádio, possui várias intenções: salientar um hábito típico, relembrar conquistas do clube, ofender a torcida rival.

Sobre as torcidas no estádio, Galeano (2002, p. 20) afirma:

Você já entrou, alguma vez, num estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo, e escute. Não há nada menos vazio do que um estádio vazio. Não há nada menos mudo do que as arquibancadas sem ninguém. (GALEANO, 2002, p. 20).

A partir da fala de Galeano (2002), é possível também trazer uma reflexão sobre os momentos de “silêncio” no estádio, seja nos segundos prestes a se cobrar uma falta, ou o silêncio por parte de uma torcida. Schafer (2011a, p. 37) diz que “somente quando uma parte está em silêncio é que podemos ouvir mais claramente o que as outras estão fazendo” – a partir dessa frase, podemos afirmar que o silêncio de uma determinada torcida também se torna a paisagem sonora de um estádio, significando um gol feito pelo time adversário, a perda de um gol do próprio time ou mesmo o fim de uma partida com derrota, tendo o som o poder de nos informar acontecimentos em uma partida de futebol. Há ainda outro silêncio, existente em todo o estádio: o “um minuto de silêncio” em razão de algum falecimento. Para

Bandeira (2019, p. 116), em um estádio de futebol “é necessário aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir [...]”.

Sabe-se que “Por meio de diferentes técnicas sônicas, os habitantes da cidade compartilham, loteiam e disputam o espaço da cidade ao manipular os sons em sua frequência, intensidade e espacialidade” (MAZER et al., 2020, p. 24). Acontece o mesmo em um estádio de futebol. Som e silêncio são gerados por um grupo cultural de modo que os torcedores através do som disputam, manipulam e interagem no espaço geográfico, “os sons aparecendo assim como forma de capturar o movimento” (MAZER et al., 2020, p. 24).

Furlanetto (2017, p. 36) diz que “as paisagens mantêm relação direta com a cultura e com a forma como os indivíduos interagem com o ambiente”. Essa paisagem pode ser vista desde as cores dos estádios ou mesmo pelas mesmas vestimentas que costumam usar a torcida (uniforme dos times), trazendo com esses elementos, sentimentos como a topofilia ou mesmo a topofobia<sup>50</sup>, a partir de como o ambiente é percebido. Mascarenhas (2013, p. 166, grifo nosso) afirma ainda que o estádio é “lugar do vivido, preenchido por paixões e locuções, o estádio não se cala”.

Em se tratando do Rio Grande do Sul, ainda é possível encontrar, na paisagem visível dentro dos estádios, bandeiras do estado do Rio Grande do Sul, reafirmando a identidade gaúcha. Pensando na paisagem sonora, é possível identificá-la a partir dos cânticos, sendo ainda um diferencial encontrado nos estádios aqui estudados, gritos como “*Ah, eu sou gaúcho!*”, quando um dos clubes joga com times de outros estados do Brasil, já que a paisagem reflete a identidade dos grupos culturais, tal como reforça Furlanetto (2017).

A paisagem cultural é multissensorial, possui formas, sons, odores, sabores, cores e texturas. Investigar a paisagem sonora significa destacar o elemento sonoro da paisagem cultural. Os sons, os ruídos, as vozes, as músicas, enfim, os sons do meio ambiente e os sons dos homens, ou por eles criados, constituem a paisagem sonora de determinados lugares (FURLANETTO, 2017, p. 20).

O rádio também contribui para isso, afinal através dele os sons gerados dentro do estádio chegam a outros ambientes. Seu início inclusive converge com o início do futebol no estado gaúcho. Schafer (2011a) também escreve sobre o aparelho radiofônico e afirma:

Os três mecanismos sonoros mais revolucionários da Revolução Elétrica foram o telefone, o fonógrafo e o rádio. Com o telefone e o rádio o som já não estava ligado

---

<sup>50</sup> Conceito criado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan e que aparece pela primeira vez no livro *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* publicado em 1974. Na obra, o geógrafo define Aversão a determinados lugares.

ao seu ponto de origem no espaço; com o fonógrafo ele foi liberado de seu ponto original no tempo. (SCHAFFER, 2011a, p. 132, grifo nosso).

O rádio e o telefone nem sempre existiram, é claro, e antes que houvesse esse milagre a transmissão sonora instantânea de um lugar para outro era completamente desconhecida. A voz de alguém somente chegava até o alcance do grito. Os sons estavam ligados indissolivelmente aos mecanismos que os produziam. Naquela época, cada som era original, repetido apenas em sua vizinhança imediata. Agora tudo se modificou. Desde a invenção dos equipamentos eletrônicos de transmissão e estocagem de sons, qualquer som natural, não importa quão pequeno seja, pode ser expedido e propagado ao redor do mundo, ou empacotado em fita ou disco, para as gerações do futuro. (SCHAFFER, 2011b, p. 160, grifo nosso).

Atualmente, ainda é nítida a relação entre o esporte e o rádio. Sobre o som que o rádio tenta transmitir ao público levando para as pessoas essa paisagem sonora, Götz (2020) diz:

Em 1966, o rádio passou a utilizar o sistema estereofônico, isto é, começou a trabalhar com dispositivos de duplos canais, valorizando e permitindo a captação, no caso das gravações, e a emissão de diferentes elementos de som. A valorização dos elementos sonoros tornou-se uma tônica nos anos seguintes. Passou-se a partir dos anos 1970, com maior ênfase nos anos 1980 até a atualidade, a distribuição de microfones ambiente, sobretudo próximo aos torcedores. Com a mobilidade proporcionada pelo avanço tecnológico, que permitiu uma movimentação cada vez mais livre dos repórteres esportivos, os próprios profissionais passaram a incrementar o conteúdo, compreendendo que o som também pode ser uma informação. (GÖTZ, 2020, p. 73, grifo nosso).

Por se entender que o som é também uma informação, como explica a citação acima, o estádio de futebol possui características de uma paisagem sonora que nos comunica a todo o momento. Ainda segundo Götz (2020):

Há uma série de exemplos de muitos repórteres que começaram a executar e que, ainda hoje, utilizam recursos sonoros em uma jornada esportiva, como: A captação de um efeito durante uma cobrança de escanteio. Enquanto o narrador descreve oralmente, o impacto do chute na bola enriquece o momento. O ruído emitido pelo apito do árbitro. Os gritos dos treinadores à beira do gramado. A pancada da bola ao chocar-se com a trave. Os ruídos de uma forte tormenta durante a disputa de um jogo. Os sons dos alto-falantes do estádio. São exemplos de recursos que, ao longo do processo evolutivo das jornadas e da tecnologia, passaram a se tornar elementos presentes nas transmissões (GÖTZ, 2020, p. 72 e 73, grifo nosso).

Além dos sons característicos do estádio de futebol, os mesmos ainda possuem características que os deixam mais únicos: a torcida. São os torcedores que, ao cantar as mais diversas músicas, exaltando seu time, afetam a apreciação do que ocorre no ambiente, pois, para Schafer (2011a), tendemos a associar certas manifestações a certas pessoas ou grupos e isso muda a nossa apreciação, como já dito. Essa apreciação pode ser afetada positivamente (no caso de pessoas que torcem pelo mesmo clube) ou negativamente (torcedores do time rival).

## **O RÁDIO COMO DIFUSOR ESPACIAL DE UM FUTEBOL TÍPICAMENTE GAÚCHO – A VOZ DOS ESPECIALISTAS**

Todo imaginário é real. Todo real é imaginário (SILVA, 2020, p. 7). Ainda na introdução do presente texto, falou-se sobre a ideia de imaginário, tendo como apoio a obra de Juremir Machado da Silva (2020). É importante ressaltar a importância do rádio e a escolha de elegê-lo como ferramenta para examinar a concepção do imaginário de um futebol com características próprias gaúchas, pois:

Rádio é o meio de difusão número um no ranking mundial das comunicações. Prático, econômico, acessível e imediato, não exige hora nem local. Significa que nenhum outro meio consegue, no decurso diário, comunicar-se tanto com tantos. A imprensa tem palavra escrita e ilustração visual. O cinema e a televisão expressam-se por imagem e som. Na radiodifusão somente o som é específico veículo de expressão. (ANDRIOTTI, 1997, p. 9).

O rádio possui também o poder de reafirmar este imaginário, reforçando a ideia de um futebol gaúcho, inclusive para ouvintes que sequer assistiram em algum momento a uma partida de futebol dentro do próprio estádio. Por ser um meio de difusão que consegue chegar a tantos espaços, o rádio auxilia também na reafirmação de uma cultura ou imaginário, fortalecendo laços de um grupo cultural – seja o grupo cultural formado por torcedores de um time em específico, ou mesmo o grupo cultural formado por torcedores gaúchos no geral. De acordo com Castelli (apud MELO, 1985), há inclusive diferenças na cobertura de um jogo quando disputado entre times da capital gaúcha ou quando disputado com um time gaúcho contra outro time do restante do Brasil:

Um exemplo a ser trazido no rádio de Porto Alegre é a cobertura de um clássico Grenal. Em geral, o enfoque dado por um comentarista que se encaixa nessa tipificação é sua participação orientada a discorrer sobre o time local. Quando acontece um jogo do Grêmio ou do Internacional contra uma equipe de fora do estado, ele já é condicionado a revelar seus pontos de vista a partir de um enquadramento natural direcionado para a equipe da capital gaúcha. Entretanto, por não se manifestar simpatizante de nenhuma das duas equipes, quando acontece o embate entre elas, a situação muda. O enfoque passa a se dar para os dois lados, apontando os problemas e sugerindo soluções. (CASTELLI apud MELO, 1985, p. 89).

Como visto até o momento, foi significativo o encontro do rádio com o futebol. Afinal, o aparelho fez com que os sons, outrora em apenas um espaço, chegassem a outros, fazendo com que a paisagem sonora se expandisse, ganhando outros territórios. Sobre a importância do aparelho radiofônico, Klöckner (2014, p. 9, grifo nosso) diz:



O receptor de rádio é o aparelho mais presente na vida dos 200 milhões de brasileiros e dos 100 milhões de gaúchos. São quase 10 mil emissoras no País e mais de mil no Rio Grande do Sul. É verdade: a população não vive sem o telefone celular, sem o computador, sem as mídias sociais... E o rádio está presente em cada uma delas, potencializando as principais virtudes do meio eletrônico mais popular do mundo, e fazendo-o permanecer por quase um século como parte indispensável de nosso cotidiano.

Nesta seção é feita uma análise de entrevistas realizadas junto a profissionais da Comunicação, sendo que empregamos o seguinte critério: que fossem profissionais que trabalham com o jornalismo esportivo, com maior foco no futebol. Os contatos aconteceram de maneira presencial<sup>51</sup> (entre julho de 2021 e janeiro de 2022, em Porto Alegre), onde se foi possível uma conversa inicial com parte dos entrevistados, sem contudo haver perguntas específicas sobre o assunto e as entrevistas oficiais para a dissertação foram feitas entre os meses de julho de 2022 e setembro do mesmo ano, sendo realizadas pelo *WhatsApp* – ocasião em que os entrevistados mandavam por áudio suas respostas para a pesquisadora.

Aconteceu também a análise de jogos narrados pela Rádio Guaíba, ao longo de 5 décadas, tendo como intuito ampliar a reflexão sobre o que foi levantado teoricamente. O acesso ao material ocorreu a partir de jogos enviados pela Rádio Guaíba e por jogos disponíveis no *YouTube* – tendo sido escolhidos jogos regionais, estaduais, nacionais e internacionais. Os jogos selecionados foram:

**Quadro 13:** Narrações de jogos analisadas

<b>Data</b>	<b>Jogo</b>	<b>Campeonato</b>
22 - 11 - 1970	Internacional x São Paulo	Roberto Gomes Pedrosa <sup>52</sup>
24 - 07 - 1974	Internacional x Santos	Nacional de Clubes
13 - 07 - 1975	Grêmio x Internacional	Gaúcho
17 - 12 - 1978	Grêmio x Internacional	Gaúcho
17 - 05 - 1980	Grêmio x Coritiba	Brasileiro
09 - 03 - 1980	Grêmio x Vasco	Brasileiro
11 - 12 - 1983	Grêmio x Hamburgo	Mundial Interclubes

<sup>51</sup> A pesquisadora viajou para Porto Alegre enquanto fazia a pesquisa, permanecendo na capital gaúcha por seis meses, contudo as entrevistas foram preferencialmente feitas de maneira remota, devido à pandemia de *Sars-Cov 2*.

<sup>52</sup> Nome dado ao antigo Torneio Rio-São Paulo. Para oficializar tal competição como “nacional”, o Torneio foi ampliado, passando a ser chamado popularmente de “Robertão”.

01 - 12 - 1990	Grêmio x Palmeiras	Brasileiro
10 - 12 - 1992	Internacional x Fluminense	Copa do Brasil
22 - 05 - 1997	Grêmio x Flamengo	Copa do Brasil
25 - 11 - 2000	Internacional x Atlético Paranaense	João Havelange
07 - 06 - 2000	Grêmio x Internacional	Gaúcho
12 - 05 - 2010	Grêmio x Santos	Copa do Brasil
11 - 11 - 2012	Grêmio x São Paulo	Brasileiro
16 - 09 - 2015	Internacional x Corinthians	Brasileiro
18 - 07 - 2017	Internacional x Luverdense	Brasileiro
05 - 09 - 2018	Internacional x Flamengo	Brasileiro
30 - 10 - 2019	Grêmio x Vasco	Brasileiro

Elaborado pela autora

Contudo, não foram identificadas frases expressivas com relação ao enaltecimento de um futebol gaúcho pelos narradores, fato explicado por Toledo (2022). Para o antropólogo, uma das características atuais da narração é a precisão na descrição dos jogos.

Um dos jogos analisados, por exemplo, foi Grêmio x Hamburgo<sup>53</sup> (Alemanha) - 11/12/1983 - Final Mundial Interclubes. O jogo que aconteceu no horário de meio-dia em Tóquio (meia-noite no Brasil), deu ao Grêmio o título de campeão mundial com os dois gols feitos por Renato Portaluppi. Na disputa, observa-se a maior presença de propagandas, as marcas citadas foram:

- *Suvinil* (tinta)
- *Banrisul* (banco)

Durante a narração não se notaram características fortes de um bairrismo, sendo dito inclusive pelo narrador que “o futebol brasileiro estava sendo representado pelo Grêmio”.

É importante pontuar que foi testemunhada uma identidade regional ao se analisar os jogos em outro local: as arquibancadas. Um jogo que ganhou destaque entre os analisados foi o de Flamengo e Grêmio, em 1997, na disputa pela Copa do Brasil. O time tricolor jogou no

<sup>53</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=yUofwR04ZH8>

Maracanã e em determinado momento do jogo a torcida flamenguista grita: “Ah, eu tô maluco” – ao que a torcida do Imortal tricolor responde: “Ah, eu sou gaúcho”<sup>54</sup>.

Neste segundo momento da seção, compreendendo a importância do rádio e das narrações difundidas pelo aparelho, serão apresentadas ao leitor, entrevistas realizadas com profissionais da área, de modo a se destacar, através dos relatos, como os profissionais de comunicação, que trabalham como o esporte, percebem nas narrações realizadas a existência ou não de um imaginário identitariamente gaúcho. Os entrevistados foram os seguintes:

**Quadro 14:** Especialistas entrevistados

Nome	Empresa de vínculo	Data da conversa
Anderson Santos	UFAL	13 - 08 - 2022
Carlos Guimarães	Professor na ESPM <sup>55</sup>	18 - 08 - 2022
Ciro Götz	UFRGS	15 - 08 - 2022
Filipe Duarte	Rádio Gaúcha	13 - 08 - 2022
Gustavo Fonseca	Rádio Globo	15 - 08 - 2022
Luís Magno	Rádio Guaíba	13 - 08 - 2022

Elaborado pela autora

As entrevistas foram feitas com jornalistas de diferentes faixas etárias e de diferentes regiões do Brasil com o intuito de se observar se este imaginário se modifica, seja pela distância ou aproximação do estado gaúcho, ou mesmo pelo passar dos anos, já que nos dias atuais o futebol gaúcho possui jogadores de diferentes partes do Brasil, fazendo com que, embora possam estar atuando em times do futebol sul-rio-grandense, sua formação tenha acontecido em outro estado. Tal característica, é claro, muito se distingue dos primeiros campeonatos gaúchos, quando a maioria dos jogadores ainda era natural do estado, e em alguns times encontravam-se jogadores platinos.

Cabe destacar a observação realizada por Guimarães (2018) em relação ao que aqui também se entende como os profissionais do jornalismo esportivo:

O modelo tradicional das jornadas esportivas no rádio apresenta ao público os seguintes profissionais: o narrador, responsável pela descrição dos lances, o comentarista, que tem como função principal a análise dos acontecimentos da partida, o repórter, que fornece as informações por meio de entrevistas e depoimentos sobre os fatos da partida e o plantão esportivo, que é o encarregado de

<sup>54</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=L5EjJQCKi2w&t=29s>

<sup>55</sup> Escola Superior de Propaganda e Marketing

abastecer a transmissão com dados sobre o jogo em si e informar sobre outros acontecimentos paralelos à partida principal, como resultado de outros jogos, tabela de classificação e número de gols por jogadores. Identifica-se esse padrão nas quatro emissoras de rádio que operam por ondas hertzianas em Porto Alegre e que fazem transmissões esportivas: Rádio Bandeirantes, Rádio Gaúcha, Rádio Grenal e Rádio Guaíba. (GUIMARÃES, 2018, p. 19, grifo nosso).

O conjunto de perguntas colocado a todos os entrevistados foi este: “*Você acha que existe um futebol tipicamente gaúcho, diferente de todo o restante do Brasil? Se não existe, já existiu? E se nunca existiu, você acha que os torcedores gaúchos e a imprensa gaúcha criaram esse imaginário?*”.

O primeiro entrevistado foi Anderson Santos<sup>56</sup>, que afirmou à entrevistadora:

« ***Creio que não existe***, especialmente porque os técnicos gaúchos circularam e circulam bastante no Brasil, *Felipão mesmo começou como técnico aqui em Alagoas e seria um desses de “estilo aguerrido”.* *Creio então que é uma construção de torcedores e da imprensa.* Pela proximidade com o Uruguai, *construiu-se a ideia de herança da “garra charrua”, mas é algo mais de alguns atletas de fora mesmo. Aí varia conforme o tempo, técnico e jogadores à disposição. Pode ter existido sim* [um futebol tipicamente gaúcho] *antes da nacionalização dos confrontos, algo mais próximo com o Uruguai. Mas acho que se olharmos para o Inter da década de 1970, já não era tão no estilo gaúcho que se fala.* » (grifos nossos).

Na fala de Anderson aparecem características já destacadas na dissertação: se durante as primeiras décadas do século passado, o futebol era mais regional, devido a uma integração pequena entre os estados brasileiros, nos dias de hoje jogadores e técnicos possuem uma maior facilidade para trabalhar em diferentes estados do País. Santos também destaca a proximidade do Rio Grande do Sul a países platinos, o que, também como visto, contribuiu para um futebol gaúcho com características próprias, mas que, contudo, perdeu força ao longo dos anos.

O mineiro Gustavo Fonseca<sup>57</sup>, segundo entrevistado, disse:

« *Do ponto de vista de alguém que trabalha com a cobertura esportiva, sobretudo do futebol, aqui em Minas Gerais, **existe para nós que cobrimos o futebol daqui do Sudeste, nitidamente um estilo gaúcho de se jogar futebol.** E aí eu nem falo da polarização “GreNal”, falo justamente do que a gente consegue acompanhar, do futebol brasileiro como um todo, sobretudo os campeonatos estaduais, regionais e as divisões de acesso desses campeonatos, aonde a gente pode observar, tanto pelas características sociais e também pelas características geográficas, se é que a gente pode colocar assim, do Rio Grande do Sul.*

<sup>56</sup> Doutor em Comunicação, Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e pesquisador do grupo de Pesquisa da Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEME).

<sup>57</sup> Jornalista formado pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e repórter da Rádio Globo de Juiz de Fora.

Então a gente sempre acompanha um futebol de muita força física, de muito contato, um futebol “aguerrido”, que é costumeiramente, se é que a gente pode colocar dessa forma, típico do futebol gaúcho. Não creio que seja pior ou melhor, mas tem as suas diferenças, em relação ao futebol de outros estados. Obviamente, sempre nas divisões inferiores, de acesso, a força física e a disposição dos jogadores acabam substituindo as questões táticas que envolvem a partida, entretanto, é notório que no Rio Grande do Sul, **sobretudo nos jogos onde existem climas mais severos, mais frios, o campo normalmente não fica na melhor condição quando há geadas ou chuvas intensas, formam-se poças, barros e ali a gente vê o sobressalto da característica gaúcha do jogo de futebol.** E sobretudo, o bairrismo, o regionalismo. Destaco novamente que é notório que existe em todos os locais a questão do bairrismo, mas a gente vê isso de forma acentuada sobretudo no povo gaúcho, no Rio Grande do Sul. E, obviamente, torcedores e imprensa criam esse imaginário do futebol rio-grandense, mas acredito que criam a partir da reverberação do que é visto na sociedade gaúcha como um todo. Então, do meu ponto de vista, sim, existe esse futebol tipicamente gaúcho. É um futebol de mais raça, um futebol “aguerrido”, um futebol “truncado”. Já tive a oportunidade de cobrir alguns jogos do Tupi, de Juiz de Fora, em Pelotas, Erechim e Caxias do Sul, e a gente percebe a particularidade dos times gaúchos, até enfrentando outras equipes. É natural que cada imprensa especializada, cada torcedor regionalmente crie ali, a partir do que experimenta no campo de futebol, nos estádios, o seu imaginário. Assim como existe hoje um futebol carioca, um futebol fluminense existe características peculiares também do futebol paulista, do mineiro, sobretudo, e dos sulistas, mas especificamente aqui do Rio Grande do Sul. » (grifos nossos).

Na fala de Gustavo Fonseca, o jornalista aponta características que considera típicas de um futebol gaúcho, tais como a força física e a raça. Fonseca também salienta que características climáticas reforçam um singular futebol sul-rio-grandense, já que por estar localizado em uma região subtropical, o estado apresenta quatro estações bem definidas, diferentemente do clima tropical do restante do Brasil. Por fim, o jornalista ainda pontua que existe sim um regionalismo gaúcho, visto também no futebol, mais intenso que em outras regiões do País.

Como visto, os dois entrevistados falaram sobre um estilo de futebol “aguerrido”, ou seja, mais audacioso e “inclinado à guerra”; contudo, se para Anderson Santos essas características existiram antes da existência de campeonatos nacionais, para o jornalista Gustavo Fonseca, ainda hoje existe um futebol tipicamente gaúcho, sendo justificado pelo jornalista, inclusive pelas questões “climáticas” do estado, sendo esse imaginário reforçado por torcedores e imprensa.

Os próximos quatro entrevistados pertencem à imprensa gaúcha. São eles: Carlos Guimarães,<sup>58</sup> Ciro Götz,<sup>59</sup> Filipe Duarte<sup>60</sup> e Luís Magno<sup>61</sup>.

Ao ser questionado se existe ou já existiu um futebol tipicamente gaúcho, diferente de todo o restante do Brasil, ou se torcedores gaúchos e a imprensa gaúcha criaram esse imaginário, Carlos Guimarães afirmou à pesquisadora:

*« **Sim, existe um futebol tipicamente gaúcho que se diferencia do restante do País, porque também se trabalha com a ideia de estereótipo no futebol. Que ideia é essa? “Ah, o futebol brasileiro é driblador, bonito e atrevido. O futebol argentino é violento, o futebol inglês, é só dar balão para a área, o futebol alemão é pragmático, o futebol asiático é taticamente obediente, o futebol africano é habilidoso, veloz, porém ainda irresponsável”.** São estereótipos que já são derrubados. **E acho que o estereótipo do futebol gaúcho, é um futebol mais duro, mais competitivo, um futebol que prioriza a força física. E esse estereótipo foi criado, e para mim, criado por alguns motivos. Primeiro, precisa-se reforçar enquanto marca, por estar distante do eixo Rio-São Paulo, então essa proximidade Argentina/Uruguai fez com que o futebol gaúcho fosse algo próximo do que é feito na Argentina e no Uruguai. Essa distância do eixo Rio-São Paulo, teve quase que “obrigar” o futebol gaúcho a criar uma identidade. Então, existe enquanto estereótipo, que é diferente do restante do Brasil. O restante do Brasil valoriza a parte artística, o futebol gaúcho sempre valorizou a parte competitiva, então existe muito mais como estereótipo. Agora, como prática, acho que também já existiu, especialmente nos anos de 1960/1970, quando se construiu essa ideia da força física. E o Inter de 1970, que era um time que jogava bem, mas que tinha como premissa, como diretriz, esse tipo de jogo, ele foi um exemplo mais claro dessa identidade, desse futebol gaúcho, dessa identidade que eu mencionei. Mas isso começa a se criar, na minha opinião, a partir dos anos de 1940, com o Rolo Compressor do Inter. Depois, os anos de 1950 reforçam isso, primeiro com o time do Inter e depois com o time do Grêmio que ganha doze títulos em treze anos. Foi o primeiro estado a se preocupar mais com a preparação física, em adotar a força como um elemento consistente de jogo. Eu acho que torcedores e imprensa não criaram esse imaginário, mas torcedores e imprensa ajudaram a perpetuar esse imaginário e isso é desfeito, para mim, a partir dos anos 2000, porque os títulos dos anos de 1990 do Grêmio, ainda são com base nesse estereótipo, mas depois dos anos 2000, o Grêmio ganhou uma Copa do Brasil, em 2001, sem esse estereótipo. O Inter foi***

---

<sup>58</sup> Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com especialização em Jornalismo Esportivo. Guimarães também é autor dos livros “Peleia - Os 50 Maiores Jogos da História do Futebol Gaúcho” (Nova Prova, 2007) e “O Comentarista Esportivo Contemporâneo - Novas Práticas no Rádio de Porto Alegre” (Appris, 2018). Guimarães é comentarista esportivo na emissora desde 2014 e, até recentemente, era Coordenador de Esportes da Rádio Guaíba. Trabalhou também nas rádios Gaúcha, Bandeirantes e Ipanema.

<sup>59</sup> Doutor e Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Götz também é jornalista e radialista. É autor do livro “As Vozes do Gol - História da Narração de Futebol no Rádio de Porto Alegre” (Insular, 2020) e integrante do Núcleo de Estudos de Rádio da UFRGS (NER).

<sup>60</sup> Nascido em São Borja - RS, Filipe Duarte é jornalista em Porto Alegre, exercendo as funções de repórter e comentarista nas rádios Gre-Nal, Guaíba e Bandeirantes. Atualmente, integra a equipe de esportes do Grupo RBS, atuando pelo jornal Zero Hora, site GZH e Rádio Gaúcha, onde está atualmente. Duarte é autor do livro “Escola Gaúcha de Futebol - A Árvore Genealógica dos Treinadores do Rio Grande do Sul” (Ludopédio, 2021).

<sup>61</sup> Narrador e apresentador da Rádio Guaíba.

*campeão naquele período de 2006-2010, sem esse estereótipo, com jogadores técnicos, com jogadores que não tinham nem tamanho (o Rafael Sóbis e Arlei, que são jogadores mais técnicos). O próprio D'Alessandro representa mais técnica do que essa virilidade, e pra mim, tem a "pá de cal" com o Renato [Portaluppi]. O time do Renato é um time completamente fora desse estereótipo gaúcho, é um time que jogava bonito, que jogava com toque. Pegar um cara como o Luan, o Luan é completamente diferente desse estereótipo do futebol gaúcho. Então, pra finalizar, eu acho, que esse estereótipo, ele existe. **Um futebol tipicamente gaúcho existe, enquanto estereótipo. Existiu enquanto prática. Ainda existe enquanto imaginário, mas que não foi criado por imprensa e nem por torcedores, foi criado por uma marca, uma necessidade, buscada pela distância do eixo Rio-São Paulo que dominava o chamado estereótipo do futebol brasileiro, da qual o Rio Grande do Sul nunca fez parte, ou não fazia parte, porque os títulos recentes são títulos com uma supremacia muito mais técnica do que física.** » (grifos nossos).*

O jornalista Carlos Guimarães, em entrevista à pesquisadora, pontua diversos aspectos, ressaltando alguns pontos que já foram aqui analisados. De imediato, Guimarães afirma que existe sim um futebol tipicamente gaúcho e em seguida, fala sobre os estereótipos que existem no futebol, seja ele gaúcho, de outro estado, ou mesmo de outro país. Dentre os diversos estereótipos que Guimarães pontua, há o argentino, que para muitos é um futebol violento, ou mesmo "de força", característica também atribuída ao futebol gaúcho, que por vezes é visto como oposto ao futebol brasileiro, tido como "bonito", ou popularmente conhecido como "futebol arte". Além da proximidade do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai, Guimarães também aponta a distância do estado com outros dois estados brasileiros: Rio de Janeiro e São Paulo, o que contribuiria com a ideia de um futebol tipicamente sulista. Por fim, ao fazer uma análise do futebol mais recente, o jornalista ressalta que esse "futebol gaúcho" mudou, exemplificando com os jogos do Grêmio ao ter Renato Portaluppi como técnico (até o fim da escrita do texto, o gaúcho estava exercendo a função de técnico do Grêmio após residir durante meses no Rio de Janeiro trabalhando no Flamengo, também como técnico do time rubro-negro). Aliás, Renato Portaluppi é citado em outros momentos ao se afirmar que se outrora o futebol gaúcho era visto como um futebol de força, raça e pouca beleza, nos jogos em que ele comandou o time gaúcho, tais características deram espaço para um futebol bonito, com mais dribles e menos contato físico.

Para Ciro Götz:

« Em minha opinião já teve e já foi muito mais forte. Já existiu um estilo de futebol gaúcho, baseado principalmente na garra, na raça, na vontade, não tanto na técnica, isso mais para trás. E perdurou até certo tempo, com o passar dos anos e ao mesmo tempo, hoje eu não sinto tanto isso. Mas há muito tempo tinha sim aquele sentimento de separatismo do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil, e isso aí, acredito que tenha influenciado muito culturalmente, folcloricamente, tanto imprensa, quanto torcedores e os próprios times. Eu acredito que na questão técnica, esse estilo “gaúcho”, de raça, de garra, sem tanta técnica quanto o futebol carioca (o futebol bonito, o futebol arte), está muito ligado com a influência do Prata, esse estilo de futebol uruguaio e argentino. Agora, quanto à questão cultural, recentemente nós tivemos a questão dos **torcedores tanto do Grêmio, quanto do Inter cantando o hino do Rio Grande do Sul com muito mais ênfase do que o hino nacional**, por exemplo. Uma coisa, que assim, chama atenção. Hoje eu te digo que, entre as equipes, entre os times, nem tanto. Eu não vejo também um estilo gaúcho, tá muito misturada a coisa. Até porque isso aí também faz muito tempo, né. Se tu pegar tanto Grêmio como Internacional e fizer um levantamento de quantos gaúchos que atuam<sup>62</sup>, são poucos. Então, essa identidade gaúcha é hoje muito mais um traço cultural, que já foi bem mais forte. **Um estilo gaúcho eu já não enxergo mais hoje, ainda tem só essa coisa mítica, mas um estilo, não vejo muito.** O Grêmio geralmente foi mais vinculado ao estilo de futebol argentino, mais que o Inter. O Inter sempre foi uma equipe mais técnica, mais do povo. O Grêmio sempre foi considerado de elite, embora não seja mais hoje, há muitos anos que não é mais, lá no início sim, o Grêmio era time de elite, mas hoje não é mais assim. Mas entre os dois, o Grêmio sempre foi mais reconhecido por esse futebol argentino que é a base do que é o futebol gaúcho, essa coisa de jogar em campo embarrado, campo com problema. O Dunga foi muito criticado também, na Copa de 90. O Dunga que sempre representou esse espírito do gaúcho de jogar, da bravura toda, quando foi capitão da Seleção em 1994. O Dunga pra mim sempre representou muito isso, esse estilo assim. Essa coisa do imaginário eu acho que tem, mas não é mais tanto, é mais leve em relação ao passado. Existiu sim, esse futebol tipicamente gaúcho, mas não é tão forte como já foi. » (grifos nossos).

Como lido, para Götz, existiu sim um futebol tipicamente gaúcho, dando novamente destaque aos países do Prata, porém, para o jornalista, se ao longo do tempo esse futebol foi se modificando, o regionalismo gaúcho ainda é bem presente nos estádios, persistindo o imaginário de um futebol único do estado.

Sobre o assunto, o jornalista da Rádio Gaúcha, Filipe Duarte, diz:

« Acho que a proximidade geográfica do Rio Grande do Sul com Argentina e Uruguai, fizeram com que o estilo de jogo do Rio Grande do Sul, se distanciasse do que é praticado no restante do Brasil. No Brasil, e aí lê-se: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, enfim, outros estados... Passou-se a apreciar um futebol mais ofensivo, onde o drible é festejado, é comemorado aquilo que se intitula como “jogar bem”, que é um futebol mais plástico, onde se domina o adversário. Enquanto que **no Rio Grande do Sul, passou-se a se apreciar por um bom tempo, o futebol um pouco mais pragmático, de resultado, onde um “carrinho”, uma marcação bem feita, um contra-ataque, é apreciado, às vezes, até mais do que um drible.** Acho que isso começa, pela minha pesquisa para o livro [“Escola Gaúcha de Futebol - A Árvore Genealógica dos Treinadores do Rio Grande do Sul”], a ter efeitos, a

<sup>62</sup> O levantamento foi feito e encontra-se na conclusão da dissertação.



*partir da implantação do futebol força, pelo treinador chamado Oswaldo Rolla, conhecido como Foguinho, que era um ex-jogador do Grêmio dos anos de 1920, 1930, que era justamente destacado por isso, por ser um meia de correria, de intensidade, de entrega. Ele implementa no Grêmio o aprimoramento da parte física, exigindo que os jogadores fizessem corridas, enfim, se exercitassem fisicamente, subissem as arquibancadas dos estádios, carregassem sacos de cimento, sacos de areia. Então, a partir daquele momento, o Grêmio passou a ser um time muito mais focado pro lado físico, não que não fosse técnico, mas isso se sobressaía, também, pelo aprimoramento da parte física. Esse cara [Oswaldo Rolla], de certa forma, influenciou vários outros treinadores, entre eles o Carlos Fröner, que veio a ser o mentor do Felipão [Luiz Felipe Scolari], e portanto, o Felipão também. Nos anos de 1990, aí sim, o futebol “gaúcho” atinge o seu ápice com o Grêmio do Felipão, campeão da Libertadores de 1995, Brasileirão de 1996, Copas do Brasil de 1994 e 1997, e ali se criou essa antítese, essa discussão do que é que vale mais: “O futebol ofensivo ou o futebol pragmático que vence?”. E isso de certa forma está incorporado pelo Dunga, quando foi jogador da Seleção em 1994. Então, eu diria que essa maneira de se jogar o futebol gaúcho é um futebol mais pragmático, que premia a parte física, que dá preferência à parte física, ao futebol de maior marcação, não se correr riscos e de apostar muitas vezes no contra-ataque, onde um time inferior tecnicamente, às vezes pode surpreender um time favorito. É isso que eu qualificaria como um estilo de jogo gaúcho. » (grifos nossos).*

Assim como os demais entrevistados, Duarte cita a proximidade geográfica entre Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai, o que corrobora para um estilo de vida e de jogo muito parecidos aos dos dois países. Duarte dedicou anos de sua vida pesquisando sobre o estilo dos técnicos gaúchos e, na entrevista concedida, ressalta que alguns técnicos gaúchos valorizavam, inclusive durante os treinos, uma dedicação maior dos jogadores em relação à parte física – característica que se assemelha ao futebol argentino e uruguaio.

Luís Magno finaliza:

« Eu acredito que não exista um futebol tipicamente gaúcho, o que se tem talvez é uma diferenciação ao que se joga, ou aquilo a que se convencionou como futebol clássico, futebol arte, que se tem aí criado pela imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro, isso há 40, 50, 60 anos, uma questão similar do futebol gaúcho com o futebol argentino, com o futebol uruguaio. Aquele futebol com técnica e ao mesmo tempo com raça, pegada, uma vibração que ficou sim no imaginário do torcedor, tanto, para ficar só nos dois maiores clubes aqui do Rio Grande do Sul, os torcedores do Grêmio e do Internacional. E a própria mídia daqui, em uma espécie de contrabalancear o que é dito em São Paulo e Rio de Janeiro, porque sempre aqui no Rio Grande do Sul, se teve aquela ideia de que fomos ignorados, a mídia do eixo Rio-São Paulo trata muito mais de Flamengo, muito mais de Corinthians, que são seus mercados, são as duas maiores torcidas do País, do que até mesmo os outros clubes, Fluminense, Botafogo, Vasco, Palmeiras, São Paulo, Santos, enfim, e a mídia do Rio Grande do Sul, meio que puxou “a brasa pro assado”, como se diz aqui, de fomentar essa questão da garra charrua uruguaia, da raça argentina, da alma castelhana, que até há pouco tempo se tinha faixas, aqui nos jogos de Porto Alegre, especialmente de jogos do Grêmio, então ficou isso, não há um futebol tipicamente gaúcho, é um futebol mais próximo do que se faz na Argentina e no Uruguai do que aquilo que se convencionou como o “futebol clássico”, o “futebol arte” brasileiro. » (grifos nossos).

Luís Magno aborda o território brasileiro, que, como trabalhado em seções anteriores, teve uma lenta integração. Magno, além de citar a proximidade do estado com a Argentina e Uruguai (fato citado por todos os entrevistados), chama a atenção para outro aspecto: a relação do eixo Rio-São Paulo com o futebol do Rio Grande do Sul e como o estado, por vezes, se sentiu ignorado por outras mídias nacionais. Por fim, Magno ressalta não existir um futebol tipicamente gaúcho, mas um futebol com características similares ao dos países platinos.

Como se percebe, as opiniões de Guimarães, Götz, Duarte e Magno dialogam. Todos os jornalistas gaúchos entrevistados associam a forma de se jogar futebol dos times do estado sul-rio-grandense a um estilo muito mais argentino e uruguaio, do que brasileiro. Em grande parte, tal característica ocorre por questões “geográficas”. Outro ponto que merece destaque foram os comentários feitos a respeito da mídia e do futebol do eixo Rio-São Paulo.

Segundo os jornalistas, esse “eixo” detém características bastante distintas do futebol e da imprensa regionais; logo, ainda que de modo inconsciente, os próprios entrevistados parecem alimentar a ideia de um futebol gaúcho diferente do restante do Brasil – e isso embora (i) nos dias de hoje existam jogadores de diversos estados exercendo a profissão em times do Rio Grande do Sul (conseqüentemente, contribuindo a “alterar” esse estilo supostamente ímpar de jogo) e (ii) os jornalistas regionais possam, eles mesmos, reconhecer que o imaginário é mais um clichê estereotipado.

Foi também indagada a Carlos Guimarães, Ciro Götz, Filipe Duarte e Luís Magno (todos jornalistas gaúchos que cobrem, ou já cobriram, jogos de times do estado) a questão do “som” dentro dos estádios. As perguntas feitas pela pesquisadora foram as seguintes: I- Se sons comunicam informação, em sua opinião, os sons dentro dos estádios gaúchos podem transmitir a ideia de uma identidade sul-rio-grandense? II- Caso esses sons realmente reforcem tal identidade, como o rádio difunde esta informação para o ouvinte?

Carlos Guimarães respondeu:

*« Respondendo a primeira pergunta, eu acho que os sons da torcida transmitem uma identidade gaúcha, em alguns momentos. Como por exemplo, alguns gritos e cânticos que se aproximam da cultura argentina. As torcidas, principalmente a torcida do Grêmio, é muito inspirada na cultura argentina. A cultura gaúcha incorporou essas características, então de todos os cânticos brasileiros, eu acho que o canto da torcida gaúcha é o que mais se identifica com essa cultura argentina, especialmente. Outra marca é o canto ser tanto para o seu clube quanto para o rival. O rival também tem cantos específicos para ele. Eu acho que isso tem em outros lugares do Brasil, mas aqui, como só tem dois [Grêmio e Internacional],*

*há uma identificação muito forte. Então sim, eu vejo que existe uma identidade, e digo mais, essa identidade não é só gaúcha. Existe uma identidade gaúcha, uma identidade do Grêmio e uma identidade do Internacional. Cada uma tem a sua identidade, cada uma tem a sua marca e aí a torcida tem esse som próprio que identifica uma característica do Rio Grande do Sul.* » (grifos nossos).

*« A segunda é uma boa pergunta, eu acho que o rádio até certo ponto sim, consegue mostrar para o ouvinte, mas eu acho que hoje isso está um pouquinho mais abafado pela característica do rádio de ser um show. A torcida entra como uma espécie de pano de fundo, mas já houve uma época em que o rádio valorizava um pouquinho mais o som ambiente. É uma opinião muito própria, tá? Eu acho que o rádio está muito focado no jogo e, às vezes, se esquece um pouco da torcida e desses sons da torcida. A torcida tem o seu som próprio. Hoje eu vejo que o rádio está muito focado em descrever o jogo e abandonou um pouquinho a ideia de a torcida ser um espetáculo que se junta ao que o narrador diz. Então fica quase que uma sonoplastia, quase que um ambiente. É parte da transmissão como um ambiente e não como um som característico. O rádio não deixa esse som se formar muito. Eu vejo que antigamente se valorizava mais o som ambiente no estádio. »* (grifos nossos).

Carlos Guimarães destaca dois pontos extremamente importantes para a pesquisa: a paisagem sonora singular dentro dos estádios, aparecendo novamente aspectos da cultura argentina e as mudanças que aconteceram nas narrações ao longo do tempo, também já pontuadas na dissertação ao se citar o trabalho de Toledo (2022), no qual se sustenta que o rádio, ao longo do tempo, muda suas características e nos dias de hoje acha mais interessante descrever os lances da partida, deixando de lado sons “secundários” a ela.

Ao ser entrevistado a respeito do assunto, Ciro Götz afirmou:

*« Bueno, respondendo de forma objetiva as tuas perguntas, sim, os sons comunicam informações e os sons dos torcedores nos estádios, se não transmitem mais, já transmitiram. O rádio consegue mostrar isso ‘pro’ ouvinte com toda certeza. Eu vou te dar um exemplo, de um passado recente, quando a gente tinha aquela parte antes do início dos jogos, em que os torcedores entoavam o hino, principalmente do Rio Grande do Sul, com muito mais ênfase do que o hino do Brasil. Isso por si só, na minha opinião, já é uma característica de identidade forte com o estado. E a gente já teve muito mais isso no passado também. Ai, um pouco mais para trás, me recordo daquela final da Copa do Brasil de 1997, que tinha um bordão em que a torcida do Flamengo gritava “Ah, eu tô maluco”, enquanto a torcida do Grêmio gritava “Ah, eu sou gaúcho”. E o Grêmio acabou ganhando aquela final contra o Flamengo, em pleno Maracanã e o torcedor se agarrou nisso. Até acredito que numa forma um tanto irônica, quanto de rivalidade também. Eu penso o seguinte, que hoje diminuiu isso, né? Acredito que o pensamento tenha mudado bastante em relação a essa questão, mas com certeza, a torcida pode transmitir uma ideia de identidade gaúcha, acho que com menos presença hoje em dia e o rádio reverbera isso, sem dúvida alguma. »* (grifos nossos).

Citando um jogo já analisado na dissertação, Götz demonstra ter um pensamento semelhante à fala de Guimarães: a existência da identidade regional reforçada pela paisagem

sonora dos estádios do Rio Grande do Sul, seja pelas características que se assemelham aos estádios argentinos, ou mesmo pelo canto do hino do estado ser enfatizado pela torcida<sup>63</sup>.

De acordo com Filipe Duarte:

« Quando a torcida Geral do Grêmio começou a trazer os cânticos de torcidas argentinas, em meados da primeira década deste milênio, se diferenciava dos demais clubes do Brasil. Inclusive, com algumas letras que incorporaram palavras em espanhol, como “Soy de Grêmio<sup>64</sup>”. Porém, de lá pra cá, estas músicas se disseminaram pelo país, sendo adaptadas por torcidas do Vasco<sup>65</sup>, Athletico do Paraná etc. Mas além disso, penso que o orgulho gaúcho se manifestou em momentos específicos, seja vaiando o hino nacional ou entoando o hino rio-grandense em confrontos com equipes brasileiras. » (grifos nossos).

« Quando, durante a transmissão das jornadas esportivas, se faz silêncio nos microfones para captar os cânticos das torcidas, é possível identificar a música que está sendo tocada. Neste momento, penso que sim, se reproduz um sentimento de pertencimento, de identidade gaúcha. »

Assim como nas entrevistas anteriores, observa-se que, para Duarte, a paisagem sonora dos estádios gaúchos se difere da paisagem sonora de outros estados brasileiros. Duarte ainda traz mais uma informação: as palavras em espanhol usadas nos cantos gremistas, o que reforça uma aproximação cultural aos países latinos, também dentro dos estádios, fazendo o rádio, de acordo com o jornalista, uma difusão espacial desses momentos quando os narradores fazem silêncio e se capta apenas o som do estádio.

Por fim, Luís Magno, acrescenta que:

« Identidade gaúcha? Talvez nos cânticos. No hino, principalmente na torcida do Grêmio, entoam mais, elevam mais o “que sirvam nossas façanhas, de modelo à toda Terra” e acredito que identidade mesmo, não tem. Só limitado ao cântico. Aquela identidade mais charrua, mais portenha, do que brasileira. E quanto ao rádio captar isso, não tenho como te dizer. Sinceramente, acho que não. Mais na televisão, porque na televisão tem mais espaço pra torcida, porque é um outro tipo de transmissão, outro tipo de narração. Por já ter a imagem, não se tem aquela mesma dinâmica do rádio. »

Magno destaca novamente, ao se falar da paisagem sonora dos estádios, o hino sul-rio-grandense. Destaque dado por todos os demais entrevistados, quando questionados sobre a identidade regional dentro dos estádios de futebol. Apesar de exígua nossa amostra de profissionais, parece demonstrando que o som, assim como a paisagem visível, também

<sup>63</sup> Ver em: [https://www.youtube.com/watch?v=uZH-C5\\_Xy5w](https://www.youtube.com/watch?v=uZH-C5_Xy5w) e <https://www.youtube.com/watch?v=NDu4ndcrGgQ>

<sup>64</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=5cil-s4Vj7Y>

<sup>65</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=u7y0wUTh4Vk>

transmite informações. E, no caso da paisagem sonora gaúcha, os de uma reafirmação de identidade regional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o futebol chegou à América do Sul, encontrou no Brasil um território fragmentado, o que contribuiu para a existência de diferentes “futebóis” no País. Pois, ao chegar de maneiras distintas em cada região, o primeiro contato do brasileiro com o esporte inglês também possuiu particulares aonde quer que chegasse, seja através de portos, indústrias ou escolas.

No Rio Grande do Sul não foi diferente. Escrever sobre o imaginário de um futebol tipicamente gaúcho é também analisar tempo e espaço (palavras importantes para a ciência geográfica). A lenta integração nacional contribuiu para uma maior proximidade de culturas, quando se analisa o estado do Rio Grande do Sul e os países platinos Argentina e Uruguai. As semelhanças nas primeiras décadas do século passado vão além dos domínios morfoclimáticos e culinários: chegam ao futebol.

Contudo, com o passar do tempo, o espaço se modificou e o território brasileiro passou por uma lenta, mas constante integração. Os meios de transporte e os de comunicação, agilizaram e agilizam o processo e os diversos “futebóis” brasileiros se encontraram. No momento em que finalizo a escrita desta dissertação, ao analisar os jogadores do elenco profissional do Grêmio e do Internacional (em 2022), percebe-se que o time tricolor possui 31 integrantes ao total<sup>66</sup>, sendo apenas dois jogadores gaúchos. O elenco possui jogadores de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, Ceará e Bahia. A equipe também possui três jogadores estrangeiros: Kannemann que é argentino, Campaz, natural da Colômbia, e Villasanti, que é paraguaio.

Na análise de equipe do time colorado encontram-se 33 integrantes ao total<sup>67</sup>, contando com 24 jogadores que não nasceram no estado sul-rio-grandense. Time com uma equipe dos seguintes estados: Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro, Piauí, Ceará e Maranhão e o Distrito Federal. Cabe salientar que a equipe também possui, em menor número, argentinos (Fabrício Bustus e Braian Romero) e uruguaios (Carlos de Pena).

Ainda fazendo a contextualização sobre as modificações do futebol no Brasil, devido à sua maior integração com o passar das décadas, cabe lembrar que embora nos dias de hoje os times de um estado possuem um elenco de diversos locais, foi apenas em 1930 que se deu início a uma integração nacional e somente em 1971 aconteceu o primeiro Campeonato

---

<sup>66</sup> Ver em: <https://gremio.net/futebol/profissional>

<sup>67</sup> Ver em: <https://internacional.com.br/futebol/futebol-masculino>

Brasileiro de Futebol, demonstrando uma diferença considerável em relação às competições de décadas anteriores que ainda eram bastante regionais: o Brasil se integrava também dentro das quatro linhas.

Devido a diversos fatores, sejam eles políticos, ou até a maior facilidade de locomoção de um estado para outro, a ideia de um futebol tipicamente gaúcho, poderia ser aceita até as primeiras décadas do século passado. Entretanto, como visto ao longo da pesquisa, as mudanças no espaço também impactaram o futebol, sendo um futebol particularmente sul-rio-grandense existindo, nos dias de hoje, apenas no imaginário. Imaginário não estritamente de torcedores, mas inclusive de profissionais do futebol.

O “som” também participou dessas mudanças. Como observado, as ondas sonoras são algo extremamente presente em uma partida de futebol, sendo importante observar a sua evolução ao longo das décadas, seguindo os passos nacionais, do futebol e também do rádio. Sons continuam reforçando culturas e constituindo geossímbolos. Portanto, paisagens sonoras reafirmam a identidade de grupos culturais – e entendemos que isso é validado também para o caso do futebol: seja pelos sujeitos envolvidos no espetáculo (profissionais ou passionais), seja pelo território que “geossimboliza” o espetáculo (estádios ou arenas).

No caso do Rio Grande do Sul, um regionalismo é visto (e ouvido) dentro e fora dos estádios. A sonoridade do evento – percebido *in loco* ou escutado via onda e satélite – reforça os laços da torcida, que, unida, empurra o time para a vitória, fazendo com que o estádio também seja um território ao qual milhares de pessoas se sintam pertencentes, ou mesmo tratem como uma “segunda casa”.

A pesquisa constatou que o imaginário de um futebol tipicamente gaúcho – ou ao menos o imaginário de um futebol que se diferencia do restante do Brasil – ocorre também pela proximidade existente entre Rio Grande do Sul e países como Argentina e Uruguai. O futebol se desenvolveu nesses países décadas antes de chegar ao Brasil, tendo os países aqui citados influenciado o estilo de jogo sul-rio-grandense. Mas este é um contexto já datado. Permaneceu só o imaginário, sem grande lastro em evidências materiais.

Cabe salientar que em função de contingências ligadas à pandemia da *Sars-Cov 2* foi inviabilizada uma das metas da pesquisa: a ida aos estádios de futebol e a captação dos sons produzidos nas construções esportivas gaúchas. Isso, infelizmente, não pôde se dar porque durante a estada da pesquisadora em Porto Alegre, os estádios encontravam-se fechados e os

jogos não aconteceram<sup>68</sup>. Posteriormente, os jogos voltaram a ocorrer, mas sem a entrada de torcedores<sup>69</sup>, comprometendo novamente as metas da pesquisa.

Sendo assim, uma fração considerável de nosso raciocínio hipotético – o de que, se há um imaginário/estereótipo de futebol regional, isso poderia ser averiguado *in loco* (testemunhando e interagindo com torcedores e radialistas na “geografia empírica” dos estádios) – se viu impedida de teste de verificação. Para fins de compensação, foi realizada a análise de 18 jogos, ocorridos ao longo das últimas décadas, além de uma ampla consulta bibliográfica e conversas com profissionais do jornalismo. E com o diálogo e a leitura da produção intelectual dos especialistas, acabamos ficando convencidos de que, na verdade, qualquer possível “indicador sonoro” de identitarismo regional fica restrito ao campo dos traços residuais – quer dizer, se já foi, no passado, mais ativo, hoje apenas alude a uma relação reducionista (o que não deixa de alimentar imaginários).

Nossa pergunta-chave, questionando a influência do rádio na percepção de um futebol “gaúcho”, singular ao estado do Rio Grande do Sul, e se ela contribuiria para reforçar uma identidade regional, obteve uma resposta restrita: no caso das narrações analisadas, notou-se que elas, no máximo, operam a retransmissão do imaginário em circunstâncias muito excepcionais.

Então, no quê, precisamente, uma abordagem sobre “paisagem sonora” poderia ser mantida como relevante em estudos acadêmicos sobre Geografia do Futebol? Bem, entende-se que o sistema de conceitos apresentado nesta dissertação (*grupo cultural – geossímbolo – paisagem sonora*) é, no mínimo, um modelo conjectural que colabora à aproximação de dois campos disciplinares tradicionais: o da Geografia e o da Comunicação.

Tal conclusão se deu, pois os estudos culturais inscritos na Geografia ainda se ressentem de uma atenção à identidade sonora dos espaços e a Comunicação constitui-se em um manancial rico ao qual geógrafas e geógrafos podem recorrer para compreender a função social das mídias e seu papel na veiculação de concepções – dentre elas, ideias que o rádio (deliberadamente ou não) ajuda a reforçar como se significativas fossem (nacionalismos e identidades regionais, sendo dois exemplos).

Isso quer dizer que há setores temáticos inscritos na Geografia Cultural que, na verdade, por estarem na fronteira dos objetos de interesse de outros campos (Comunicação),

---

<sup>68</sup>

Ver

em:

<https://placar.abril.com.br/esporte/coronavirus-no-esporte-os-eventos-que-ja-foram-afetados-pela-pandemia/>

<sup>69</sup> Ver em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2021/03/como-jogadores-lidam-com-a-ausencia-de-publico-nos-estadios-e-com-a-pandemia-do-coronavirus-ckm5f9n76009j0198wgtahppe.html>



tendem a ser reforçados epistemologicamente. No caso do Futebol (como esporte e prática sociocultural), o que fica bem visível é que seu paralelismo histórico com o desenvolvimento do artefato rádio habilita – pelo menos como conjectura a testar em estudos empíricos – a convergência de *Sons* e *Estádios* enquanto componentes de uma “Paisagem” muito singular: a “paisagem sonora” típica das partidas de futebol. Ou, uma espacialidade onde o identitarismo acaba se materializando graças a um conjunto de sonoridades produzidas por diversos sujeitos (torcedores, jogadores, narradores).

Embora nossa pesquisa não tenha alcançado apresentar uma comprovação cabal, acreditamos que o(as) rádio(s) é(são) um veículo com poder de reforçar a ideia de culturas regionais – e a “cultura do futebol” (como algo também situado) seria um exemplo possível disso. A ideia, porém, não precisa encontrar respaldo na realidade concreta, a ponto de podermos afirmar convictamente que existiriam de fato (no caso de nosso estudo) “características próprias do futebol gaúcho”. Ou seja, o imaginário de um futebol territorializado culturalmente pode manter-se atrativo (e envolver inclusive analistas técnicos do jornalismo esportivo) independentemente de encontrarmos hoje fatores concretos para sustentar que estilos heterogêneos no futebol brasileiro teriam um fundo de ordem regional.

## BIBLIOGRAFIA

ALABARCES, Pablo. **História mínima do futebol na América Latina**. São Paulo: Ludopédio, 2022. (col. Academia Ludopédio, v. 2).

ANDRIOTTI, Décio. Som. *In*: NEUBERGER, Lotário (Org.). **Rádiodifusão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Plátano, 1997. p. 9-16.

ARCHETTI, Eduardo. In search of national identity: Argentinian football and Europe. **The International Journal of History of Sport**, v. 12, n. 3, p. 201-219, dec. 1995.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Curitiba: Appris, 2019.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **O futebol midiático**: uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. 2008. 151f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. *In*: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Geografia cultural**: um século. Rio de Janeiro: UERJ, 2002, p. 83-132.

CAMPOS, Fernando R. G. Espaço de representação do futebol: uma apreensão do futebol como um elemento sociocultural e espacial. **RA'E GA**, Curitiba, n. 11, p. 35-49, 2006.

CAMPOS, Fernando R. G. Geografia e futebol?: espaço de representação do futebol e rede sócio-espacial do futebol. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 249-265, jul./dez. 2008.

CASTORINO, Ademir Batista. **The world we hear**: an analysis of the soundscape of shopping centers. 2012. 105f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na geografia. **Mercator**, v. 1, n. 1, p. 19-28, 2002.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CLEMENTE, Elvo. O rádio e a cultura. *In*: NEUBERGER, Lotário (Org.). **Rádiodifusão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Plátano, 1997. p. 17-26.

COIMBRA, David; NORONHA, Nico. **A história dos grenais**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

CORRÊA, Roberto L. Uma sistematização da análise de monumentos em Geografia. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 9-22, 2007.

CORRÊA, Roberto L. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a paisagem e o passado. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 37-46, 2014.

CREPALDI, Daniel Damasceno. **A participação da rádio nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 1940**. 2009. 100f. Dissertação (Mestre em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília.

CUNHA, Paulo Borges da. **Realidade socioeconômica e ambiental de um agrupamento de bairros da Zona Norte de Teresina, Piauí**. 2010. 231f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro.

DAL FORNO, Rodrigo. **O “álbum dos brasileiros” da Revolução de 1923: uma análise de política e imagem no Rio Grande do Sul da década de 1920**. 2015. 203f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

DALPIAZ, Jamile Gamba. **O futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)**. 2002. 187f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu Sou Gaúcho!: o nacional e o regional no futebol brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 87-118, 1999.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Os anos dourados do rádio em Porto Alegre**. Porto Alegre: Estante de Literatura Ari Corag, 1985.

DUARTE, Filipe. **Escola gaúcha de futebol: a árvore genealógica dos treinadores do Rio Grande do Sul**. São Paulo: Ludopédio, 2021. (col. Campo de Jogo, v. 4).

DUARTE, Filipe. **Entrevista 5**. [ago. 2022]. Entrevistador: Fernanda Serafim Alves. Brasília, 2022.

FERRARETTO, Luiz. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000a.

FERRARETTO, Luiz. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. 2000b. 292f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FERRARETTO, Luiz. Tendência da programação radiofônica: as emissoras em amplitude modulada. *In*: DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sônia V. (Org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom, 2001. P. 1-13.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: ULBRA, 2002.

FERRARETTO, Luiz. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: ULBRA, 2007.

FONSECA, Gustavo. **Entrevista 1**. [mai. 2021]. Entrevistador: Fernanda Serafim Alves. Brasília, 2022.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FURLANETTO, Beatriz Helena. **Paisagem sonora do Boi de Mamão paranaense: uma geografia emocional**. Curitiba: UFPR, 2017.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GIACOMELLO, Sérgio Luís. **Sintonizando emoções: o futebol e o rádio: uma viagem nas ondas da mídia radiofônica**. 2008. 88f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GRÊMIO FOOTBALL PORTOALEGRENSE. – www.gremio.net.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. Radiojornalismo esportivo gaúcho: a nova fase da Rádio Guaíba. *In: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO*, 14., CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014. **Anais...** Foz do Iguaçu: [s.n.], 2014.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **Narradores de futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)**. 2015. 296f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre.

GÖTZ, Ciro. **Vozes do gol: história da narração de futebol no rádio de Porto Alegre**. Florianópolis: Insular, 2020.

GÖTZ, Ciro. **Entrevista 4**. [ago. 2022]. Entrevistador: Fernanda Serafim Alves. Brasília, 2022.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. **Revista do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 13, p. 21-57, jul. 2000.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: o jogo da narração: a imaginação entra em campo e seduz o torcedor**. 2006. 246f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUERRA, Márcio de Oliveira. Copa de 70: craques em campo na transmissão radiofônica - inovações nas regras da competição, novidades na cobertura esportiva. *In: RANGEL, Patrícia; GUERRA, Márcio (Org.). O rádio e as Copas do Mundo*. Juiz de Fora: Juizforana, 2012. p. 111-122.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro; FERRARETTO, Luiz Artur. A programação do rádio esportivo em Porto Alegre: uma análise das grades da Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 15., 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ABPJ.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. **O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência**. 2018. 197f. (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. **O comentarista esportivo contemporâneo: novas práticas no rádio de Porto Alegre**. Curitiba: Appris, 2018.

GUIMARÃES, Carlos. **Entrevista 3**. [ago. 2022]. Entrevistador: Fernanda Serafim Alves. Brasília, 2022.

HEIDRICH, Álvaro L. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. *In: HEIDRICH, Álvaro L.; PIRES, Cláudia L. Z. (Org.). Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura*. Porto Alegre: Letra1, 2016. p. 15-33.

HOLGADO, Flávio Lopes. **Além das quatro linhas: o futebol no ensino de geografia**. 2013. 123f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KLÖCKNER, Luciano. **Anedotário do rádio gaúcho: 90 anos de história**. Porto Alegre: Age, 2014.

MAGNO, Luís. **Entrevista 6**. [ago. 2022]. Entrevistador: Fernanda Serafim Alves. Brasília, 2022.

MARRA, Pedro Silva. “Vou ficar de arquibancada pra sentir mais emoção”: uma proposta de pesquisa acerca das sonoridades do futebol. **Contemporânea**: Revista de Comunicação e Cultura, v. 1, n. 10, p. 175-193, 06 nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5814>. Acesso em: 03 mar. 2022.

MARTINS, Nair Prata Moreira. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MASCARENHAS, Gilmar. À geografia dos esportes: uma introdução. **Scripta Nova**: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, n. 35, mar. 1999.

MASCARENHAS, Gilmar. Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. **Scripta Nova**: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, n. esp. (II Coloquio Internacional de Geocrítica), ago. 2000.

MASCARENHAS, Gilmar. **Várzeas, operários e futebol**: uma outra geografia. **GEOgraphia**. Niterói, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2002.

MASCARENHAS, Gilmar. **Do campinho ao grande estádio**: lugares e expressões na cultura do futebol. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 57-68, 2007.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19/20, p. 61-70, ago. 2012. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3492/2420>. Acesso em: 13 abr. 2020.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**. Rio Claro, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

MAZER, Dulce H.; ARRUDA, Mario; CASTANHEIRA, José C. S.; CONTER, Marcelo B.; LUCAS, Cassio B.; MARRA, Pedro S. O estudo das sonoridades: perspectivas teóricas e epistemológicas. *In*: CASTANHEIRA, José C. S.; MAZER, Dulce H.; MARRA, Pedro S.; CONTER, Marcelo B.; LUCAS, Cassio B.; ARRUDA, Mario (Org.) et al. **Poderes do som**: políticas, escutas e identidades. Florianópolis: Insular, 2020. p. 13-49.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MÉRCIO, Cláudio Costa. **Uma voz a serviço do Rio Grande**: fragmentos identitários do gaúcho na programação da Rádio Guaíba AM de Porto Alegre. 2008. 454f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio Palanque**. Rio de Janeiro: Mil palavras, 1998.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio em transição**: tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Os (des)caminhos do radiojornalismo**. 1990. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PATRICIO, Elisa Ferreira de Carvalho. **Na emoção do futebol**: uma análise das transmissões no rádio e na TV. 2014. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PEREIRA, Camila Augusta Alves. Final da Copa do Mundo de futebol de 1970: rádio, propaganda e identidade nacional. *In*: INTERCOM, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35., 2012. **Anais...** Fortaleza: SBEIC, 2012.

RÁDIO GUAÍBA FM. – [www.radioguaiba.com.br](http://www.radioguaiba.com.br)

RÁDIO GUAÍBA FM. **Transmissão de Brasil x Suécia pela Copa do Mundo de futebol de 1958. Porto Alegre, 1958**. Arquivo de áudio.

RANGEL, P. **O futebol midiático**: uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. Monografia (Especialização em Gestão e Docência do Ensino Superior) – Universidade Luterana do Brasil, 2008.

RAVENEL, Loïc. **La géographie du football en France**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

SANTOS, Anderson. **Entrevista 2**. [ago. 2022]. Entrevistador: Fernanda Serafim Alves. Brasília, 2022.

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. **A narração esportiva de futebol**: análise discursiva de um fenômeno midiático. 2010. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011b.

SCHIER, R. A. A trajetória do conceito de paisagem na geografia. **RA'E GA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

SILVA, Luiz Raphael Teixeira da. **Paisagens sonoras na formação de um patrimônio imaterial evangélico na região metropolitana de Fortaleza**. 2016. 229f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SOARES, Edileuza. **A bola do ar**. São Paulo: Summus, 1994.

SOUZA, Eliana das Dores de. **Futebol**: paixão, produto ou identidade cultural. 2013. Monografia (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SPORT CLUB INTERNACIONAL – [www.internacional.com.br](http://www.internacional.com.br).

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: Releituras. São Paulo: Ludopédio, 2022. (col. Ludopédio, v. 3).

TREVISAN, Márcio. **A história do futebol para quem tem pressa**. Rio de Janeiro. Valentina. 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1974.

URBIM, Carlos. **RS**: um século de história. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

VAZ FILHO, Pedro Serico. 1990: A Copa do Mundo não é nossa! Com brasileiro há quem possa! *In*: RANGEL, Patrícia; GUERRA, Márcio. (Org.). **O rádio e as Copas do Mundo**. Juiz de Fora: Juizforana, 2012. p. 185-194.